



**HAL**  
open science

**MOVIMENTO ESTUDANTIL NA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO ACRE: PRÁTICAS E  
REPRESENTAÇÕES SOBRE A AMAZÔNIA  
(1977-1990)**

Queila Batista dos Santos

► **To cite this version:**

Queila Batista dos Santos. MOVIMENTO ESTUDANTIL NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE: PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES SOBRE A AMAZÔNIA (1977-1990). Humanities and Social Sciences. Universidade Federal do Acre, 2018. Portuguese. NNT: . tel-02431588

**HAL Id: tel-02431588**

**<https://hal-hprints.archives-ouvertes.fr/tel-02431588v1>**

Submitted on 8 Jan 2020

**HAL** is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: LINGUAGEM E IDENTIDADE

QUEILA BATISTA DOS SANTOS

MOVIMENTO ESTUDANTIL NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE: PRÁTICAS  
E REPRESENTAÇÕES SOBRE A AMAZÔNIA (1977-1990)

Rio Branco – Acre

2018

QUEILA BATISTA DOS SANTOS

MOVIMENTO ESTUDANTIL NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE: PRÁTICAS  
E REPRESENTAÇÕES SOBRE A AMAZÔNIA (1997-1990)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagem e Identidade da Universidade Federal do Acre, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras: Linguagem e Identidade, na linha de pesquisa Culturas, Narrativas e identidades, sob a orientação do professor Dr. Elder Andrade de Paula.

Rio Branco – Acre

2018

QUEILA BATISTA DOS SANTOS

MOVIMENTO ESTUDANTIL NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE: PRÁTICAS  
E REPRESENTAÇÕES SOBRE A AMAZÔNIA (1977-1990)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagem e Identidade da Universidade Federal do Acre, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras: Linguagem e Identidade. Área de Concentração: Linguagem e Cultura. Linha de Pesquisa: Culturas, Narrativas e Identidades, sob a orientação do Professor Dr<sup>o</sup>. Elder Andrade de Paula.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Elder Andrade de Paula (Universidade Federal do Acre)  
Orientador

---

Prof. Dr. Francisco Bento da Silva (Universidade Federal do Acre)  
Presidente

---

Prof. Dr. Marcello Messina (Universidade Federal do Acre)  
Examinador interno

---

Prof. Dr. Sérgio Roberto Gomes de Souza (Universidade Federal do Acre)  
Examinador externo

---

Prof. Dr. Gerson Rodrigues de Albuquerque (Universidade Federal do Acre)  
Suplente

Data da defesa e aprovação: 30 de agosto de 2018.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFAC

---

S237m Santos, Queila Batista dos, 1984 -  
Movimento estudantil na Universidade Federal do Acre: práticas e  
representações sobre a Amazônia (1997-1990) / Queila Batista dos Santos;  
orientador: Dr. Elder Andrade de Paula. – 2018.  
132 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Acre, Programa de Pós –  
Graduação em Letras: Linguagem e Identidade, Rio Branco, 2018.  
Inclui referências bibliográficas, apêndices e anexos.

1. Movimento estudantil. 2. Diretório Central de Estudantes. 3. Amazônia. I.  
Paula, Elder Andrade de (orientador). II. Título.

CDD: 418

---

Bibliotecária: Nádia Batista Vieira CRB-11º/882.

*As utopias estudantis hoje não são  
projetos teóricos, transcendem o âmbito  
universitário, ampliam o sentido do  
espaço público e alargam as fronteiras do  
possível.*

*(Matos Olgaia)*

*Quem reclama, faz a cama  
na varanda que tem,  
nas calçadas, nas cabeças  
sonhos não se perdem.  
Dentro desses quartos  
cheios de armários  
nascem movimentos  
que estamos por ter,  
criando abstrações tão raras  
que dançam nuas  
onde ninguém mais vê.  
Traga o mundo mais perto  
de onde você quer chegar.  
Vamos pra rua!  
Vamos pra rua!*

*(Teago Oliveira)*

*Trago o desejo e certeza de poder  
sempre ir além  
Plantando as sementes que ainda  
florescerão no bem  
Que a grande roda da história diz que  
agora é nossa vez  
que o sonho deve estar vivo  
dentro de mim e de vocês.*

*(Armando Pompermaier)*

## **Agradecimentos**

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e identidade pela oportunidade de cursar esse mestrado.

Ao meu orientador professor Elder de Andrade por toda instrução e principalmente pela sensibilidade diante desse processo.

Á minha mãe por todo o seu empenho, fazendo o possível para que eu progredisse nos estudos.

Agradeço a Guilherme Raul e Pedro Henrique pela inspiração e o desejo de continuar todos os dias.

Á Priscila Soares pela carga de ânimo que me ofereceu durante o percurso da escrita.

Á Vangela Nogueira, Samyr Alexandre, Ítala Oliveira e Vanessa Nogueira pelas palavras de incentivo e amizade.

Ao pessoal da Diversidade Coletiva, Nonoca, Dhonatan, Jorge Neto, Didjus, Arlem, Brito, Dayane, Ri e Leno, pela troca de ideias e por fazerem a minha passagem pelos bancos acadêmicos mais significativa.

Á Armando Pompermaier pelo incentivo e companheirismo.

Á Fernanda Alves por permitir que eu trocasse o turno de trabalho para poder cursar as disciplinas do mestrado.

Á direção da escola Marina Vicente Gomes por toda compreensão.

Por fim agradeço a pessoas que não estão mais entre nós, porém se faziam presentes em minha mente e coração, Tiago Batista, Samuel Junior Batista, Marina Alves e Adriana Santelli para os quais eu dedico esse trabalho.

## RESUMO

Essa dissertação tem como objetivo principal compreender de que forma o Movimento Estudantil (ME) na Universidade Federal do Acre dialogava com os intensos conflitos sociais da sociedade acreana onde estava inserido. Procurando o estudo evidenciar de que forma as simbologias que remetem a vida na Amazônia eram utilizadas dentro do Movimento Estudantil e como os estudantes introduziram o discurso em defesa da floresta dentro do movimento. Após o golpe militar de 1964, a Amazônia se torna alvo de projetos e políticas visando a ocupação de seu território em um processo para a “integração” da região na onda da modernização e do acúmulo do capital no Brasil. Em 1977 chega a liderança do Diretório Central de Estudantes da Universidade Federal do Acre estudantes que já participavam de outros movimentos sociais e fazem então do Movimento Estudantil mais um agente na luta pela defesa da terra, num momento em que a expropriação da mesma gerava mazelas sociais. As narrativas construídas pelos estudantes sobre a Amazônia encontradas em nome de Chapa como Seringueira (1977) e em slogan como Preservar para Sobreviver (1981) e na reivindicação de um ensino voltado para a realidade amazônica (1981) nos apontam o diálogo dos estudantes com as temáticas locais, e como os mesmos as representavam dentro da instituição, trazendo a “floresta” para a universidade. A pesquisa apoiou-se em fontes secundárias e primárias. Isto é utilizamos a parte documental existente no acervo do Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal do Acre, a consulta a jornais e a realização de entre/vistas com ex-dirigentes do Movimento Estudantil local. Como referencial teórico, valemo-nos de Roger Chartier (2002, 2011) Stuart Hall (2003), Alessandro Portelli (2010), Valter Benjamin (1994) e outros. Dentre as questões levantadas destacam-se a relação que o Movimento Estudantil mantinha com os problemas ligados ao conflito de terra no Acre, a utilização do discurso em defesa da floresta e as práticas de resistência.

**Palavras-chave:** Movimento Estudantil, Amazônia, Representação, Práticas, Resistência.



## **ABSTRACT**

This dissertation aims to understand how the Student Movement (ME) at the Federal University of Acre was in dialogue with the intense social conflicts of the Acre society where it was inserted. Looking for the study to show how the symbologies that refer to life in the Amazon were used within the Student Movement and how the students introduced the discourse in defense of the forest within the movement. After the military coup of 1964, the Amazon became the target of projects and policies aimed at occupying its territory in a process to "integrate" the region in the wave of modernization and capital accumulation in Brazil. In 1977 came the leadership of the Central Student Directory of the Federal University of Acre students who were already participating in other social movements and then made the Student Movement another agent in the struggle for land, at a time when expropriation of the same generated social ills . The narratives constructed by the students about the Amazon found in the name of Chapa as Seringueira (1977) and in a slogan like Preserving to Survive (1981) and in the demand for a teaching oriented to the Amazonian reality (1981) point us the students' dialogue with the local themes, and how they represented them within the institution, bring the "forest" to the university. The research relied on secondary and primary sources. This is the documentary part of the collection of the Central Directory of Students of the Federal University of Acre, the consultation of newspapers and the holding of interviews with former leaders of the local Student Movement. As a theoretical reference, we refer to Roger Chartier (2002, 2011) Stuart Hall (2003), Alessandro Portel (2010), Valter Benjamim (1994) and others. Among the issues raised are the relation that the Student Movement maintained with the problems related to the land conflict in Acre, the use of the discourse in defense of the forest and the practices of resistance.

**Keywords:** Student Movement, Amazonia, Representation, Practices, Resistance.

## **LISTA DE SIGLAS E FIGURAS**

ADUFAC – Associação dos Docentes da Universidade Federal do Acre

AP- Ação Popular

CAB- Casa do Estudante Brasileiro

CDIH – Centro de Documentação e Informação Histórica

CEBS- Comunidades Eclesiais de Base

DCE – Diretório Central dos Estudantes

DNE – Diretório Nacional dos Estudantes

EMATER- Empresa de Assistência Técnica Extrativista Rural do Acre

EUA- Estados Unidos da América

FMI – Fundo Monetário Internacional

IDAF – Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal do Acre

JUC – Juventude Universitária Católica

ME- Movimento Estudantil

MFC - Movimento de Formação Cultural da Juventude

MPB – Música Popular Brasileira

PMDB- Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira

PT- Partido dos Trabalhadores

SBPC – Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência

SUDAN – Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia

UFAC- Universidade Federal do Acre

UNB – Universidade de Brasília

UNE- União Nacional dos Estudantes

URSS- União das Republicas Socialistas Soviéticas

Imagem 01- Desenho de uma Castanheira usada como símbolo no slogan preservar para sobreviver.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>CAPITULO 1 - MOVIMENTO ESTUDANTIL EM PERSPECTIVA.....</b>	<b>20</b>
1.1 – Sobre os conceitos de representação e geração.....	20
1.2 – Movimento Estudantil e resistência.....	23
1.3 – A UNE no Brasil.....	34
1.4 – ME no Acre, breve constextualização.....	39
<b>CAPITULO 2- A SERINGUEIRA CHEGA A UNIVERSIDADE, NOVAS PROPOSTAS, PRÁTICAS E DISCURSOS.....</b>	<b>50</b>
<b>CAPITULO 3- MOVIMENTO ESTUDANTIL NA UFAC E AS LUTAS DE RESISTÊNCIA NO ACRE.....</b>	<b>76</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>98</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>101</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>104</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>119</b>

## Introdução

Enquanto cursava minha graduação em História na Universidade Federal do Acre (2008-2011) tive a honra de participar de um grupo de pesquisa que fez me participar enquanto acadêmica, dos outros pilares que regem a universidade além do ensino por si só, refiro-me à pesquisa e à extensão. Graças a uma importante presença na minha vida (pessoal e acadêmica) de uma professora de teatro que veio do Rio de Janeiro, que colocou no ano de 2009 cartazes por toda a universidade recrutando acadêmicos para uma montagem de um clássico teatral na Amazônia, ampliei minha passagem na universidade para a área da extensão. Lembro-me com muito carinho do momento em que recolhi um cartaz de um mural e senti um forte desejo de comparecer àquela seleção, mesmo não tendo conhecimento de teatro nem de nunca ter subido aos palcos para encenar algo. Narro essa experiência porque a mesma fez parte de minha jornada acadêmica, onde dedicava-me a um projeto de extensão de 200 horas, sem a garantia de uma bolsa de auxílio, onde a jornada não era fácil, pois tomava as minhas tardes de sábado e as minhas manhãs dominicais. Porém aquilo tudo era muito gratificante para mim, me sentia mais “universitária” por estar fazendo parte de um projeto de extensão. Meu “eu” universitário se completou quando fui convidada por um professor que nem fazia parte dos docentes do meu curso para ser bolsista em um projeto de pesquisa. Também com muito carinho me recordo do momento em que esse professor foi me buscar de um setor da universidade, onde eu prestava horas de trabalho na instituição em troca de uma bolsa auxílio. Aquele momento em que o professor foi me buscar na repartição onde estava cumprindo com as horas exigidas de serviço para se ter a bolsa, foi muito significativo para mim, pois foi como que dissesse, “sai de trás desse computador e vamos para a pesquisa”. Faço o relato dessa experiência pois, foi através desse grupo de pesquisa que participei por um tempo, que tive conhecimento e mantive acesso às fontes que me serviram de base para essa dissertação. Comecei a frequentar um espaço dentro da Universidade Federal do Acre que até então não conhecia, o Centro de Documentação e Informação Histórica (CDIH) nos autos da biblioteca Central, que atualmente faz parte do Museu Universitário da Universidade. Foi nesse centro de documentação que tomei conhecimento do acervo do Diretório Central dos Estudantes. Os documentos contidos naquele acervo não faziam parte da minha pesquisa na época, mas eu sempre o procurava com muita curiosidade. Nas minhas

visitas ao espaço, não percebia a presença de nenhum pesquisador naquele acervo, ele não era procurado, e de uma forma ou de outra sempre acabava folheando-o.

Quando terminei minha graduação, por conta na minha vida pessoal me mantive afastada da universidade por um bom tempo, mas lembro que sempre repetia a mim mesma que sentia saudade “de” UFAC, e pensava que quando fosse fazer um projeto de pesquisa para concorrer uma vaga de mestrado, seria sobre a temática do Movimento Estudantil, que agora se concretiza nessa dissertação.

Saindo de questões pessoais e entrando na discussão do tema, primeiramente gostaria de salientar que foi muito difícil fazer a revisão bibliográfica da temática acerca do Movimento Estudantil no estado do Acre. Soube durante a realização da pesquisa de quatro trabalhos que analisaram o ME, porém somente a um consegui ter acesso, sendo este o mais recente deles, um trabalho de conclusão de curso vinculado ao curso de Bacharelado em História<sup>1</sup>. Na mudança de estrutura física por qual passou a Universidade Federal do Acre e conseqüentemente também a Biblioteca Central, algumas monografias infelizmente desapareceram. Digo isso pois quando cursava a graduação, tive acesso a uma monografia que tratava da temática, e infelizmente ela desapareceu na mudança do local do acervo. Depois de varrer toda a biblioteca, os centros e as coordenações de cursos, infelizmente não a encontrei, como também não encontrei os outros trabalhos sobre a temática. Com essa minha saga na universidade em busca de trabalhos que foram produzidos por alunos e entregues à instituição para que a mesma os arquivasse e garantisse o acesso da comunidade a eles, me questionei sobre os meios de armazenamento e propagação do conhecimento produzido da instituição. Deduzo que agora com o advento da tecnologia, muitos trabalhos estão disponibilizados na rede, porém acredito que uma iniciativa eficaz precisaria ser realizada, para garantir o acesso aos trabalhos produzidos dentro da intuição em décadas anteriores.

A partir desse momento abandono na escrita a primeira voz do singular, para discorrer na terceira pessoa do plural por considerar que as experiências citadas a cima, me foram próprias.

---

<sup>1</sup> AZEVEDO, Tecendo o Amanhã: a atuação dos estudantes universitários na luta pela democracia na UFAC (1972-1982), Rio Branco: 2010

O Movimento Estudantil sendo enquadrado em alguns contextos históricos como movimento social, tem na maioria das vezes como seus principais protagonistas e agentes a juventude. Quando se apresenta como movimento social encontramos nele características específicas que lhe difere de outros movimentos e organizações sociais. De acordo com Renato Vencia<sup>2</sup> existem várias afirmações que classificariam as estruturas da representação estudantil como pertencentes aos movimentos sociais, porém o Movimento Estudantil não seria necessariamente um movimento social por si só, podendo ser “considerado como tal em determinados momentos e a partir de certas condições históricas, como podendo também não o ser” (VENCHIA, 2012, p. 31). Existe em termos de análise, uma diferenciação de Movimento Estudantil e representação estudantil, pois em alguns contextos há a existência de uma entidade estudantil ligada a estruturas institucionais, onde as expressividades do movimento não são percebidas como o processo de mobilização social que é próprio do movimento estudantil.

Poerner (2004) afirma que o estudante morre com a formatura, alegando que a condição de estudante militante está intrinsecamente ligada à sua permanência na universidade, e que, fora dela cessa aquela disponibilidade do estudante para passeatas e protestos. Em comparação a outros movimentos sociais, no ME se apresenta um caráter transitório com mais fluidez, como consequência do pouco tempo que os militantes permanecem nele, fazendo com que a cada geração a militância estudantil tenha sua atuação modificada. Argumentando acerca desse caráter transitório da condição de estudante, Junior (1982) ressalta que “a condição de estudante, a passagem pelos bancos acadêmicos, seria uma etapa relativamente rápida evoluindo para a integração “real” profissional” (JUNIOR, 1982, p.8), ressaltando que dentro do Movimento Estudantil apresenta-se uma certa fluidez, o que implicaria na incapacidade de levar a frente uma ação mas política a longo prazo.

Começando nossa discussão com essas referências acerca do Movimento Estudantil, não pretendemos lhe atribuir perca de significância diante dos outros movimentos e segmentos sociais por apresentar essa transitoriedade e características específicas. Pensamos que justamente por essa especificidade, esse movimento merece uma atenção em termos de análises enquanto movimento social, ondeb as

---

<sup>2</sup> Vencia, Movimentos sociais e Movimento Estudantil, 2012.

condições históricas da conjuntura em que está inserido lhe confere características e sentidos próprios em um espaço temporal específico. Nesse sentido, apresenta-se então muitas gerações de estudantes dentro do ME, onde relacionando o contexto histórico com as práticas dos estudantes, surgem vários “movimentos” dentro de um mesmo movimento.

Nesse estudo teremos como objeto principal o Movimento Estudantil que se forma dentro da Universidade Federal do Acre no contexto da década de 1970, 1980 e 1990, tendo como foco, as práticas e representações que os estudantes que militaram dentro no movimento construíram acerca na vida na Amazônia no período indicado. Destaca-se também nesse contexto, a relação que os mesmos mantinham com os conflitos sociais oriundos da presença do capital internacional na região.

Inicialmente quando o projeto foi proposto para a seleção de mestrado no Programa de Letras: Linguagem e Identidade no ano de 2016, tínhamos a intensão de fazer uma análise mais ampla do ME no estado, um trabalho mais voltado à memória e à narrativa, com problemáticas mais gerais como a formação do movimento, a forma de atuação dos estudantes no contexto da Ditadura Militar, as passeatas, as greves, as vigílias e questões que são associadas ao Movimento Estudantil brasileiro no regime ditatorial, e de certa forma essas questões uma hora ou outra aparecem na escrita. Porém no decorrer da pesquisa sobre influência das leituras nas disciplinas oferecidas pelos professores do curso, foi-se problematizado que o objeto de estudo ainda não estava bem definido. A pesquisa versava em torno do Movimento Estudantil no estado do Acre, mas o que especificamente dentro do movimento seria o objeto de estudo? Quais seriam as problematizações norteadoras? Ainda eram indagações sem respostas. Depois de apresentar um trabalho na disciplina de Seminário de Pesquisa, fui orientada pelos professores que a ministraram, que meu texto ainda deixava muito vago o real objeto de estudo. Foi então que meu orientador, percebeu o que a minha escrita inicial baseada nas fontes pesquisadas já me levava a escrever, a acentuada presença dentro do Movimento Estudantil das questões ligadas à posse de terra no estado, à defesa da floresta, dos seringueiros e dos povos indígenas que viviam nela.

O contexto da sociedade acreana em que a geração de estudantes ao qual lançamos nosso olhar estava inserida, passava por uma reconfiguração social por consequências do modelo de “desenvolvimento” e o projeto de integração da



Amazônia ao resto do país, que ocasionou mudanças estruturais na sociedade, afetando fortemente o homem da floresta que teve que deixar seu espaço territorial e sua vida atrelada à floresta e migrar para a cidade. Os militantes do Movimento Estudantil do período proposto não desconsideraram essa bandeira de luta regional, ao contrário a fortaleceu.

Participei em 2017 do XXX Simpósio Nacional de História que aconteceu em Brasília - DF, e fui atraída no ato da inscrição pelo simpósio temático “Movimento Estudantil e Universidades em contextos ditatoriais: memória, resistências e repressão”. No decorrer da semana ouvindo as comunicações de vários pesquisadores do Brasil que pesquisam a temática há um tempo, dedicando suas trajetórias acadêmicas ao tema, principalmente no contexto da ditadura militar que é onde o grupo geracional da pesquisa se encontra localizado temporalmente, atentei ao fato que no estado do Acre o Movimento Estudantil no contexto do regime militar se diferia em alguns aspectos dos outros movimentos de estudantes dos outros estados brasileiros. Existem razões que são levantadas para caracterizar essa diferenciação. A primeira delas, diz respeito ao surgimento do ensino superior na região, fazendo com que o ME surja tardiamente, se comparado a outros estados brasileiros. O ensino superior no estado do Acre vem aparecer somente em 1968 com os cursos de curta duração, e com a criação da Universidade Estadual em 1971<sup>3</sup>. Indicativos que apontam para uma organização do Movimento Estudantil na UFAC começam a aparecer somente em 1977, quando os estudantes se desvinculam da reitoria. Mesmo sendo criado em 1972 o Diretório Central de Estudantes, não se pode atribuir, com base em Vencia (2012), a existência do órgão a presença do ME na Universidade, onde surge apenas como uma entidade estudantil atrelada à administração da mesma.

Enquanto os estudantes estavam fortalecendo o ME no estado, no Brasil principalmente nas regiões, Centro-oeste, Sul e Sudeste, os estudantes brasileiros já haviam vivenciado períodos onde suas práticas e ações foram expressivas no contexto da Ditadura Militar. É no final da década de 70 e com acentuada expressão na década de 80, que os estudantes acreanos vão ter como bandeira de luta, a volta da democracia no país, onde a campanha das Diretas já, apontavam para a abertura

---

<sup>3</sup> Severo, Raízes da criação da Universidade Federal do Acre, 1996.

política no Brasil. Além dessa organização tardia se comparada a outros estados, temos também no ME acreano a questão que levou ao objeto de estudo dessa pesquisa, a chegada em 1977 de lideranças estudantis que já vinham mantendo contato com as questões sociais, e que também já participavam de outros segmentos de mobilização social em prol do seringueiro e pela permanência da floresta em pé. Esse grupo de estudantes traz então para dentro do movimento, as discussões entorno das transformações que passava a sociedade acreana com a chegada da frente agropecuária no estado e, junto com os outros segmentos sociais fazem do ME acreano mais um componente na luta pela defesa da terra, num momento em que a expropriação da mesma gerava serias mazelas sociais.

A pesquisa teve como objetivo geral compreender de que forma o Movimento Estudantil (ME) na UFAC dialogava com os intensos conflitos sociais na sociedade onde estava inserido. Nessa perspectiva, são indagados, como o contexto social/político/econômico do estado do Acre, influenciava os militantes do movimento nas suas bandeiras de luta e reivindicações? Como as simbologias “amazônicas” eram utilizadas dentro do movimento? De que forma os desenhos e símbolos que remetiam à vida na floresta eram inseridos nas narrativas construídas pelos jovens estudantes? Foram estas as principais indagações que nortearam a realização da pesquisa.

O recorte temporal para a análise, começa no ano de 1977, pois consideramos um ano significativo para o Movimento Estudantil tanto nacionalmente como também aqui no estado, e termina, a análise, no final dos anos 90. No processo de pesquisa e coleta dos dados, foi-se estendido o recorte temporal para décadas posteriores a de 90, porém tendo como base as fontes pesquisadas, nas décadas que sucederam a de 90 as bandeiras de luta dos estudantes se apresentam dialogando com as questões internas da universidade, e ao mesmo tempo também com a conjuntura nacional e internacional. Cabe ressaltar que no terceiro capítulo encontra-se a análise de um arquivo que não pertence as décadas informadas para pesquisa, ele foi o único encontrado que data de outro período do que foi proposto.

As fontes pesquisadas para o estudo, são as narrativas<sup>4</sup> presentes nos arquivos deixados pelos estudantes sistematizados em um acervo histórico. O acervo

---

<sup>4</sup> Entendemos como narrativas, todas as informações contidas nas fontes consultadas para a pesquisa.

se encontrava muito organizado e principalmente o que chama a atenção, é que alguns arquivos foram organizados pelos próprios estudantes, que colaram as notícias de jornais impressos em que o ME era destaque em páginas de papel em branco.

Dentro das caixas arquivos que comportam as fontes, existe uma vasta espécie de documentação como: atas; ofícios; documentos oficiais; documentos não oficiais; fotografias; recorte de manchetes de jornais impressos; cartazes; desenhos e imagens; programações de congressos; zines e documentos que mostram a articulação do movimento com outros setores da sociedade como os sindicatos, movimentos sociais e os partidos políticos. Como também existem vários tipos de periódicos, tanto locais como de outros estados, demonstrando a relação que os estudantes mantinham com o movimento no país e com a organização representativa máxima de estudantes do Brasil, a União Nacional de Estudantes (UNE).

A caixa arquivo de nº 1 tem o seu primeiro arquivo referente ao ano de 1972, ano de criação do Diretório Central dos Estudantes (DCE) e a caixa de nº 30 sendo a última do acervo, tem seus últimos arquivos referentes ao final da década de 1990, porém com algumas exceções aparecem arquivos pertencentes aos anos 2000. Utilizamos também como fonte a representação contida no jornal Varadouro (1997-1981) sobre o movimento de estudantes da UFAC. Concomitantemente foram realizadas no decorrer da pesquisa duas “entre/vistas” com ex-integrantes do ME no estado. Na realização das “entre/vistas” optamos pela concepção de “entre/vista” na visão de Alessandro Portelli dentro do campo da História Oral, onde para ele a “entre/vista” seria uma troca de olhar onde as memórias seriam provocadas pelo pesquisador.<sup>5</sup>

Sobre os arquivos do acervo, cabe ressaltar que apresentam lacunas quanto a ordem cronológica. Soubemos que alguns foram queimados pelo mal estado de conservação, e outros não foram guardados e sistematizados de uma forma orgânica, o que apresentou na pesquisa, uma dificuldade na construção de uma sistematização cronológica do movimento, impossibilitando o acesso as informações de alguns períodos e gestão de chapas do DCE.

---

<sup>5</sup> Portelli, ensaios da história oral, 2010. P.19.

No tocante ao referencial teórico, dialogamos principalmente com o conceito de representação na ótica de Roger Chartier, por se considerar que as representações tanto individuais como coletivas produzem “as práticas que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um estatuto e uma posição” (CHARTIER, 1991, p. 183). Nesta perspectiva teórica sobre representação pensamos a presença de símbolos que remetem ao contexto amazônico no Movimento Estudantil como uma tentativa de fazer um registro sobre a realidade em que estavam inseridos os agentes que faziam parte do movimento, onde o registro seria a imagem do real, e não o real, apenas sua representação, uma tentativa de reprodução do real por meio das narrativas.

Ao longo do texto, também dialogamos com autores que pesquisaram o Movimento Estudantil no Brasil como Artur Poerner, Angélica Mulher, Marialice Foracchi, e outros, também como autores que contextualizaram a sociedade acreana nas décadas de 70 e 80, onde dão enfoque especial para a presença da frente agropecuária no estado do Acre e advindo dela as transformações pelas quais o estado passa.

Além da introdução, a dissertação contém três capítulos mais as considerações finais. No capítulo I fazemos um diálogo como os movimentos de estudantes que se formam após a década de 60, por consideramos que esses movimentos sofrem influências de certa forma, do maio de 68. No capítulo também é apresentado aspectos referentes ao ME na América Latina, no Brasil e no estado do Acre. O segundo capítulo traz como presença principal a chapa Seringueira, vencedora das eleições para o Diretório Central dos Estudantes da UFAC em 1977, que com seu nome e seu discurso traz para dentro da Universidade o que até então estava alheio a ela a época, a floresta. No terceiro e último capítulo a atenção é direcionada para as fontes que ressaltam a relação dos estudantes com as questões da realidade amazônica acreana, são congressos que tem em suas pautas a temática, encontros, denúncias e principalmente a participação dos estudantes no Movimento pela Defesa da Posse da Terra. Por último temos as considerações finais.

## **CAPÍTULO I - MOVIMENTO ESTUDANTIL EM PERSPECTIVA**

### **1.1 – Sobre os conceitos de representação e geração**

Neste capítulo inicial, pretendemos fazer uma abordagem sobre nosso referencial teórico, traçando também uma visão panorâmica dos movimentos juvenis da década de 60. Logo após, ressaltamos a trajetória do Movimento Estudantil brasileiro, relacionando-o com os movimentos estudantis na América Latina e finalizamos com o ME no estado do Acre.

Pensando na relação que o movimento de estudantes alvo de nossa pesquisa estabelece com as questões da sociedade em que faz parte temporalmente, trazemos para o nosso trabalho a noção de representação definida por Roger Chartier. Com nossa leitura no referido autor acreditamos que esse diálogo que os estudantes mantêm com o meio em que estão inseridos, tanto social, cultural, econômico e natural, influi em suas práticas, ações e discursos, tornando-se perceptíveis representações que são apresentadas pelos estudantes dentro do Movimento Estudantil, onde uma realidade é posta a ser lida e representada, a realidade sempre vista por meio da representação pois “os agentes sociais representam o vínculo social e sua contribuição a esse vínculo, tornando-se assim implicitamente leitores do seu ser e do seu agir em sociedade” (RICOUER, 2007, p 244).

As representações que remetem à vida na floresta começam a ser perceptíveis no ME acreano, a partir do ano de 1977, quando uma chapa que concorre à direção do DCE da Universidade Federal do Acre, traz em seu nome algo que remete a um símbolo ligado a floresta, uma seringueira. Além do nome simbólico, os estudantes introduzem um discurso que vai de encontro com as tensões sociais sentidas na sociedade, introduzem dentro do ME, bandeiras que até então eram alheias a ele. Sobre a influência da perspectiva de Chartier, pensamos que esses símbolos e discursos presentes no ME, são representações que se tornam coletivas, representando o meio social e natural de “localização social”. Segundo o autor:

Será necessário identificar como símbolos e considerar como simbólicos, todos os signos, actos ou objetivos, todas as figuras intelectuais ou representações coletivas graças aos quais os grupos fornecem uma organização conceptual ao mundo social ou natural, construindo assim a sua realidade compreendida e comunicada. (CHARTIER, 2002, p. 19).

Chartier define a função simbólica (dita de simbolização ou representação) como a que, informaria várias modalidades de apreensão do real, que funcionaria como função mediadora, onde as várias formas de apreensão do real operam “por meio dos signos linguísticos, das figuras mitológicas e da religião, ou por conceitos do conhecimento científico” (CHARTIER, 2002, p. 19). O conceito de representação é tomado pelo autor segundo ele de uma forma “mais particular e historicamente mais determinada”<sup>6</sup> apresentando duas ordens de razões. A primeira estaria ligada à noção que não seria estranha às sociedades do antigo regime, ocupando ali um lugar central, onde as definições antigas do termo, fazendo uso do dicionário de Furetière, manifestariam duas famílias de sentido. A primeira dessas famílias seria a representação dando a ver algo que estaria ausente, havendo uma distinção entre o que se representa e aquilo que é representado. A segunda dessas famílias dentro dessa primeira ordem, seria a representação como dando a ver uma exibição de uma presença, de algo ou alguém de forma pública. Na distinção entre o primeiro e o segundo sentido, Chartier afirma que:

No primeiro sentido a representação é instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma imagem capaz de o reconstruir em memória e de o figurar tal como ele é (...) outras (representações) são pensadas num registro diferente: o da relação simbólica que, para Furetière, consiste na representação de um pouco de moral através das imagens ou das propriedades das coisas naturais. (CHARTIER, 2002, p. 19).

Acreditamos que o grupo de estudantes alvo desse estudo, por estarem inseridos em contextos semelhantes juntos partilham códigos sociais. Chartier (2012) alerta que a análise de outros princípios também pode ser empregada se tratando dos desvios culturais, como os pertencimentos sexuais, os pertencimentos geracionais, as adesões religiosas, as tradições educativas, as solidariedades territoriais, e os hábitos de ofício<sup>7</sup>. Sobre os desvios culturais, acentua que tomaram lugar de destaque no campo da História Cultural, onde por muito tempo, a definição do social parecia redutora. Dentro desses princípios acentuados por Chartier, destacamos dentro do

---

<sup>6</sup> Chartier, A História cultural: entre práticas e representações, 2012.

<sup>7</sup> Chartier, A História cultural: entre práticas e representações, 2012.

nosso objeto de estudo, a questão das solidariedades territoriais e o princípio que trata da questão geracional.

Ao princípio de solidariedades territoriais, fazemos uma ligação com a atuação dos estudantes que de certa forma, se uniram em prol da luta pela terra no estado do Acre, onde surgem várias associações quando os trabalhadores rurais se unem em defesa da mesma. Somam-se em solidariedade a estes trabalhadores, alguns estudantes, muitos que viram “de perto” a reconfiguração territorial de seus espaços de vivência.

Dentro desses desvios que fazem parte da História Cultural propostos por Roger Chartier, atentamos para o geracional por acreditarmos que dentro do ME existem várias gerações, pois a cada nova geração as práticas estudantis são diferenciadas assim como os discursos e as ações, onde a práxis estudantil<sup>8</sup> do movimento muda de acordo com a conjuntura histórica. Abrindo um parêntese em relação ao pensamento de Chartier, gostaríamos de discutir sobre o conceito de geração na concepção sociológica de Marialice Foracchi<sup>9</sup>. Em sua concepção “uma geração pode ser definida como tal, na medida em que possui um estilo de ação peculiar que se distingue do estilo de ação preexistente desenvolvida por uma geração anterior” (FORACCHI, 1977, p.19). Para a socióloga o conceito de geração não se baseia exclusivamente na definição biológica da idade, destacando-se no conflito sua característica constitutiva, onde:

A impregnação conflitiva se consubstancia nas atitudes de oposição e recusa do estilo predominantemente de existência social, redefinindo-se no plano pessoal institucional e societário, sendo, por conseguinte, compartilhada por jovens e adultos num idêntico comportamento de ruptura. Não sendo passível de delimitação etária, a juventude representa histórica e socialmente, uma categoria social gerada pelas tensões inerentes à crise do sistema. Sociologicamente, ela representa um modo de realização da pessoa, um projeto de criação institucional, uma alternativa nova de existência social. (FORACCHI, 1977, p.21).

A partir de tal noção, entendemos que os jovens atuantes no ME, compactuam de contextos históricos e sociais semelhantes o que resultaria em um sentimento de unidade de geração, em um estilo de atuação. A geração apresentaria

---

<sup>8</sup> Entendemos com práxis estudantil, o que nos afirma Marialice Foracchi (1972) de que a ação do estudante se orienta procurando ultrapassar as dimensões restritas de uma situação. Onde o caráter eminentemente reivindicativo das práxis, extrai, assim, o melhor de sua força, que assegura a persistência, dos seus objetivos, fortalecendo-se no plano tático, com alguns anseios caracteristicamente populares.

<sup>9</sup> Foracchi, A juventude na sociedade moderna, 1972.

uma “localização social comum, numa dimensão histórica do processo social” (FORACCHI, 1977, p.19). Para Foracchi, seria possível estabelecer diferenças entre as gerações e os grupos sociais, tendo a geração a sua singularidade no contexto da localização social ou “locação social”, que interligam os sujeitos no processo histórico-social a partir de similaridades que lhe são comuns<sup>10</sup>. Membros de uma mesma geração compartilham uma espécie de acervo comum de situações de vida e experiências, vivenciando contemporaneamente, tanto as opressões como os benefícios, compartilhando tanto as vantagens como as restrições, sentindo tanto a alegria de um momento como a tensão, revolta e tristeza prefigurados pelo contexto social no qual estão inseridos, sendo que;

Os mesmos acontecimentos e fatos que compõem o acervo de experiências de uma geração, essa identidade de vivências que, no limite, é estratificada de modo semelhante, conduz a uma mesma localização social, forma o estilo de conhecimento e de atuação, característicos de uma geração (FORACCHI 1977, p.21)

Voltando para Chartier e sua concepção sobre a noção de representação, o historiador ressalta que o termo é um apoio precioso para que se pudesse fazer análises e articular, melhor do que a noção de mentalidade, às várias relações que o indivíduo e os grupos manteriam com o meio social.<sup>11</sup> Para o autor em primeiro lugar, na relação de contato com o mundo social, os indivíduos e os grupos, produzem as configurações múltiplas “mediante as quais se percebe a realidade”, e em seguida produzem os signos e práticas que visam a um reconhecimento de uma identidade social que exhibe uma maneira própria de ser no mundo, o que significaria simbolicamente um status, categoria social e poder<sup>12</sup>. As representações se dariam também nas formas institucionalizadas pelos quais os representantes podem ser tanto os indivíduos singulares como as instâncias coletivas, onde encarnariam de maneira visível e presentificariam o que ele chama de coerência de uma comunidade, que seria a força de uma identidade ou a permanência de um poder<sup>13</sup>.

## **1.2 – Movimento Estudantil e resistência**

Ao levantarem a bandeira da defesa da floresta, os estudantes aos quais lançamos nossa atenção, configuram assim, uma clara forma de resistência. Resistem

---

<sup>10</sup> Foracchi, A juventude na sociedade moderna, 1972.

<sup>11</sup> CHARTIER, Defesa e ilustração da noção de representação, 2011.

<sup>12</sup> CHARTIER, Defesa e ilustração da noção de representação, 2011.

<sup>13</sup> Idem.



ao que vem “de fora”, criticando fortemente o modelo de desenvolvimento que começa a se instalar na região. Cabe ressaltar que somado a esse processo, as práticas de resistência dos estudantes também são sentidas dentro da universidade. Essa resistência interna se mostra quando os estudantes lançam à candidatura de uma chapa onde disputaram contra a indicação do reitor da época, que sempre indicava os representantes, cabendo aos estudantes somente votarem em uma chapa única<sup>14</sup>, onde esses alunos indicados sempre acabavam ganhando. Maurício Brito ao falar de Movimento Estudantil no Brasil, diz que os estudos realizados fora do eixo Rio/São Paulo sugere a existência também nesses espaços de “reitores e funcionários contribuindo com a política autoritária” (BRITO, 2016, p. 23).

Muller (2016) destaca a resistência como uma força motora primordial, dentro da militância no Movimento Estudantil. Mesmo em contextos em que o movimento organizado praticamente deixou de existir, ou se silenciou como foi o caso da atuação no movimento nacional nos anos de chumbo, a resistência ainda foi percebida, se apresentando em vários tipos de ação e forma. No caso do ME acreano, não é evidente na sua trajetória durante o período da Ditadura Militar um confronto fisicamente direto, ou uma grande passeata e formas de resistência de grande notoriedade, porém mesmo com toda a vigilância da reitoria e do DOPS<sup>15</sup>, o movimento expressa seu descontentamento em notas, boletins, em eventos culturais, em discursos, passeatas, greves e vigílias. Segundo Muller, o termo resistência passou a ser utilizado na historiografia francesa nas análises relacionadas à Segunda Guerra Mundial, onde estava atrelado ao sentido de oposição organizada contra os regimes nazifascistas da Europa. Onde resistência seria, (1) toda ação subversiva que visa impedir a realização dos objetivos de ocupação de uma nação por parte de regimes expansionistas e (2) uma dupla dimensão no ato de resistir, luta patriótica pela libertação do solo nacional e luta ideológica pela dignidade do homem.<sup>16</sup> Contextualizando os conceitos de resistência ao ME brasileiro, relaciona-se à luta dos estudantes no período da Ditadura Militar que ocorreu no interior do solo nacional contra o regime opressor que justificou a repressão a partir da ideologia da segurança nacional, onde os opositores foram perseguidos e condenados como os “inimigos da

---

<sup>14</sup> Informações cedidas por Eurenice Oliveira, em entrevista realizada no dia 09/11/2017.

<sup>15</sup> Departamento de Ordem Política e Social, órgão brasileiro criado em 1924, utilizado principalmente durante o Estado Novo e na Ditadura Militar.

<sup>16</sup> Muller, O movimento estudantil na resistência à ditadura militar, p. 20, 2016.

nação”<sup>17</sup>, a resistência no caso dos estudantes brasileiros, estaria voltada à recuperação interna e à recuperação do Estado democrático. Muller (2016) apresenta quatro noções que ajudam a definir melhor a especificidade do termo. Fazendo uso de François Bédarida<sup>18</sup>, define quatro pilares para análise do conceito, sendo eles, resistência (1) centrada em uma reação de recusa, (2) em um combate clandestino, (3) em uma lógica política e uma lógica ética, e (4) em uma memória estruturada e atuante, que admite o mito fundador<sup>19</sup>. Cabe salientar que o Movimento Estudantil acreano assim como o Movimento Estudantil brasileiro, representou também durante o regime ditatorial uma recusa ao modelo imposto, como também apresentou um caráter político. Sobre a prática da resistência no ME, gostaríamos também de evidenciar a relação que Muller faz da prática de resistir ao processo sociocultural, sendo este mais amplo englobando assim a consciência de resistir, onde seria:

Uma expressão coletiva de recusa através de uma decisão voluntária, além da vontade de “prejudicar” o inimigo, através de um engajamento que se dá a partir de formas de ação que normalmente impõem comportamentos e práticas de transgressão. Ou seja, a conscientização do resistente estimula e serve de móvel a sua ação (MULLER, 2016, p. 21).

Dialogando com o conceito de Muller, acreditamos que ao trazer para dentro da Universidade a temática da destruição dos seringais e a destruição da floresta, bem como ao propor uma opção alternativa para o órgão de representação dos estudantes, os militantes do ME evidenciam formas de resistir no contexto da Ditadura Militar. Consideramos pertinente fazermos uma breve contextualização do Movimento Estudantil a nível global, por consideramos que na década de 60, eclodem em várias partes do mundo, movimentos de reivindicações onde os estudantes são seus principais protagonistas.

Para Hobsbawm (1995) “não surpreende de modo algum que a década de 1960 se tenha tornado a década da agitação estudantil por excelência” (HOBSBAWM, 1995, p. 295). A década de 1960, é um marco quando se fala de movimento de juventude, e ganhou significado com seu “simbolismo” que faz com que se refiram a ela como a década do ardor juvenil e uma década onde a visão romântica do

---

<sup>17</sup> Idem, p.21.

<sup>18</sup>BÉDARIDA, Français. Sur le concept de résistance. Apud MULLER, Angélica. O movimento estudantil na resistência à ditadura militar – 1 ed. Rio de Janeiro: Garamond.2016.

<sup>19</sup> Muller, O movimento estudantil na resistência à ditadura militar, p. 24, 2016.

Movimento Estudantil esteja intrinsicamente associada. Bresser (2006) se referi aos anos 60 do século XX como “um momento de transformação cultural de grades esperanças” (BESSER, 2006, p.7). Houve na década a explosão em várias partes do mundo de manifestações estudantis e a atuação dos estudantes foi percebida na sociedade com grande impacto, criou-se então o “imaginário” da atuação estudantil. Nesse período, o mundo passa por intensas transformações e conseqüentemente a sociedade brasileira também, que se reestrutura por conseqüência do desenvolvimento industrial, econômico e cultural. O Movimento Estudantil vai se consolidando como um dos principais atores sociais, pois os “movimentos estudantis seriam a expressão da proletarização crescente das classes herdadas da sociedade pré-industrial” (ALBUQUERQUE, 1977, p. 180). Aos anos 60, é referido um marco de grandes acontecimentos que atingiu todo o mundo, fazendo com que a década se tenha tornado um divisor no que se refere a luta estudantil. Nos anos 60 um sentimento de transformação ganha força, e paralelamente as manifestações estudantis temos:

O crescente ativismo e capacidade reivindicatória dos sindicatos, com a revolução estudantil, a revolução política da Igreja Católica, principalmente na América Latina, com a primavera de Praga, a nova independência sexual e pessoal das mulheres a partir do surgimento da pílula anticoncepcional, a revolução cultural dos *hippies*, a explosão dos Beatles, a *nouvelle vague* na França, o cinema novo e a bossa nova no Brasil. (BESSER, 2006, p.9).

O emblemático maio de 68, não surgiu do nada, ele foi o resultado de um processo que vinha desde a Primeira Guerra Mundial, onde após a guerra, os Estados Unidos da América ganham notoriedade na emergente condição de grande potência econômica e imperialista do século XX (Hobsbawm, 1995).

Os Estados Unidos da América iniciam a produção em grande escala de utensílios que vão desde automóveis a eletrodomésticos, ganhando mercado em todo o mundo principalmente na Europa que havia sido devastada pela guerra, estabelecendo assim o chamado “American way of life” (Estilo americano de vida)<sup>20</sup>, onde as pessoas passavam a consumir ou queriam consumir os bens de consumo difundidos através do cinema americano. Hollywood ganha notório papel no período, na difusão pelo mundo desse estilo de “viver” americano.

---

<sup>20</sup> Expressão usada a um estilo de vida que funcionaria como referência de autoimagem para a maioria dos habitantes dos Estados Unidos da América.

De acordo com nossa leitura de Hobsbawm e seguindo sua análise sobre o breve século XX (1914-1991), temos como consequência da superprodução norte americana, a crise de 1929, onde com a falência de grandes indústrias e bancos, milhares de pessoas ficam desempregas, uma crise que tem proporções mundiais. Para fugir da crise e do sistema capitalista que não estava dando certo, instauram-se regimes totalitários na Europa. Nessa conjuntura eclode a Segunda Guerra Mundial, um dos maiores conflitos da História. Com o fim do conflito surge a divisão do mundo entre capitalistas liderados pelos EUA e socialistas liderados pela antiga URSS, atual Rússia, no período conhecido como Guerra Fria. Com os desdobramentos da Guerra Fria a sociedade de meados do século XX encontrava-se em desordem, e novas rupturas se tornavam necessárias. De acordo com Hobsbawm:

O fim da Guerra Fria retirou de repente os esteiros que sustentavam a estrutura internacional e, em medida ainda não avaliada, as estruturas dos sistemas políticos internos mundiais. E o que restou foi um mundo em desordem e colapso parcial, porque nada havia para substituí-los. (Hobsbawm, 1995, p. 251).

Nesse novo cenário, a força estudantil aparece como uma possível alternativa dentro das novas conjunturas formadas, onde a partir de 1968, iria representar as forças que poderiam conduzir para uma possível mudança.

“O ano que abalou o mundo”<sup>21</sup>, 1968, desencadeia lutas e reivindicações a nível globais. Vários fatores históricos coincidem em localidades diferentes do mundo, onde as lutas além de políticas, também se tornam ideológicas. Paralelamente as lutas universitárias na França, ocorrem também nos Estados Unidos a mobilização da juventude americana contra a guerra do Vietnã (1959- 1975), também temos ainda nos EUA o movimento pelos direitos civis da população negra (1955-1968), na China temos a Revolução Cultural que ocorreu de 1966 a 1969, que de certa forma contribuiu para o clima de revolta da juventude e principalmente do meio universitário, e aparece também nesse contexto a luta armada nas ditaduras militares na América Latina (1954-1990). Todos esses eventos acontecendo mundo afora, serviram como um pano de fundo para o maio francês, 1968 seria o ano que não terminou fazendo uso das palavras de Zuenir Ventura<sup>22</sup>.

---

<sup>21</sup> Título da obra de Mark Kurlansky, traduzido por Sônia Coutinho em 2004.

<sup>22</sup> Título da obra de Zuenir Ventura, 1988.

Maio de 68 estabeleceu-se como símbolo de uma época, onde a luta estudantil somada a outros setores sociais, representou rupturas sociais em toda sociedade. Luiz Carlos Bresser-Pereira em seu ensaio *A revolução estudantil* escrito em 1972, sustenta a tese de que os estudantes e os intelectuais não comprometidos seriam os agentes da revolução.<sup>23</sup> Podemos perceber na tese central do ensaio que a partir de 68 foi criado um “imaginário” de que a revolução seria realizada pelos estudantes. O que nos chama a atenção no ensaio de Bresser é que diz que a revolução seria estudantil e não operária, como queria Marx no século XIX, afirma que:

A revolução política no nosso tempo é a revolução estudantil, ou melhor, é a revolução dos estudantes e dos intelectuais não-comprometidos. São os estudantes e os intelectuais não-comprometidos o grupo revolucionário por excelência, o meio de cultura de onde poderão germinar a revolução política e renovação de consciências contra a ordem tecnoburocrática em emergência. Não são mais os operários, como pretendia Marx no século XIX, a classe revolucionária. Não é mais do proletariado que se pode esperar a revolução. Esta, quando e se ocorrer, terá origem nos estudantes e nos intelectuais não – comprometidos. (BESSER, 1972, p. 39)

O ensaio de Besser nos serve de referência, para percebemos a importância que as movimentações juvenis na década de 60 e alguns anos após, vai ganhando na mentalidade das pessoas, onde representavam para o mundo pós 68, uma esperança de revolução. O interessante na ideia de Besser é quando afirma que “esta, quando e se ocorrer”, vemos então que mesmo crendo que a revolução viria com os estudantes ele vivendo no calor do momento na sociedade brasileira, não estava tão confiante de sua efetivação. Ele é levado a pensar a revolução sobre o viés romantizado que ela acaba adquirindo com o passar do tempo, romantização que deve ser muito bem analisada e problematizada.

As manifestações estudantis eclodiram em várias partes do mundo, e o planeta foi varrido por gritos de liberdade e muitas reivindicações. Na América latina onde as ditaduras militares se instalavam, a influência do maio de 68, foi fundamental para a resistência dos estudantes frente aos regimes impostos. Somada a resistência no período ditatorial temos também a luta pela reforma universitária, que tomava conta das universidades latinas.

Para Foracchi, na América Latina, o Movimento Estudantil tem “significado essencialmente político” e é esse significado segundo a autora, que lhe confere

---

<sup>23</sup> Besser, As revoluções utópicas dos anos 60: a revolução estudantil e a revolução política na igreja, 2006.

importância especial e determina sua singularidade.<sup>24</sup> Em sua concepção ao se analisar a formação do ME na América latina, precisamos tomar como referência a formação sociocultural característica do capitalismo dependente<sup>25</sup>, e equacionar o conteúdo do Movimento Estudantil nessa configuração social da vida, pois:

Os fatores determinantes do movimento de juventude, em especial da agitação estudantil, se pautam por condições que são externas à universidade e aos demais núcleos de socialização do jovem, relacionando-se mais diretamente com processos em curso no nível da estrutura do sistema. (FORACCHI, 1972, p. 131)

Com respeito ao Movimento Estudantil latino-americano, é empregado na análise de Foracchi, o mesmo representando uma formação histórica-social característica do capitalismo dependente, onde os países latinos “subdesenvolvidos” apresentavam um quadro sociocultural, definido por uma estrutura de classes singular. É importante ressaltar que a autora escreve em 1972, onde o movimento de jovens estudantes no Brasil, ainda viveria fases politicamente significativas, porém sua análise sociológica para contextualização do Movimento Estudantil no América Latina e principalmente no Brasil no início de sua atuação política e reivindicativa nos é fundamental.

Para Foracchi a expressividade do movimento no contexto latino americano se daria, pelo fato de as sociedades latinas serem definidas em situação de “atraso”, quando comparadas as sociedades “desenvolvidas” e centrais, pois o tal atraso segundo a autora seria “concebido como resultante da cristalização histórica de um conjunto de fatores internos de ordem econômica, política e social (FORACCHI, 1972, p. 137).

Com relação ao Brasil Poerner afirma que a História do Movimento Estudantil brasileiro, se confunde com a criação e consolidação política da UNE, visto que a entidade é criada e oficializada em um momento de regime ditatorial no Brasil.<sup>26</sup> Na sociedade Brasileira, as ações de mobilizações do ME são percebidas, ainda no período do estado novo a partir da criação da UNE em 1937, oficializada então em 1938, sendo que nesse período o ME mantém uma relação de proximidade com o

---

<sup>24</sup>Foracchi, A juventude na Sociedade Moderna, 1972.

<sup>25</sup> A teoria da dependência seria a caracterização dos países como "atrasados" decorrente da relação do capitalismo mundial de dependência entre países "centrais" e países "periféricos". Fonte <https://pensadoresbrasileiros.wordpress.com/1920/07/26/celso-furtado/>.

<sup>26</sup> Poerner, O poder jovem: história da participação política dos estudantes brasileiros. 2004.

governo, sendo tutelado pelo mesmo<sup>27</sup>. Porém no ano de 1964, com o golpe militar na sociedade brasileira, o ME passa por um período de maior expressividade em toda sua trajetória. Ele, o movimento, “representa uma das expressões políticas do estado de tensão, assim dinamizado pelo resto do país” (POENER, 2004. p. 37). Socialmente e historicamente, o movimento de estudantes passa a catalisar as tensões sociais, e direcioná-las em práticas políticas e reivindicativas. Seria pertinente salientar que para Foracchi, não existe distinção, quando se analisa o movimento de estudantes, de práticas políticas e práticas reivindicativas, pois em sua concepção ambas se confundem onde:

À mobilização estudantil geralmente se processa através da delimitação, insistente de alvos reivindicativos que, na verdade são alvos políticos, camuflados com teor reivindicativo, o que importa, contudo, é registrar que a prática estudantil não realiza uma distinção explícita entre o nível reivindicativo e o político, oscilando entre ambos em nome da preservação da sua natureza estudantil. A distinção entre esses níveis se concretiza quando a prática estudantil se funde numa orientação única e isolada as demais práticas contestadoras. (FORRACHI, 1972, p. 48).

Na fusão dessas duas práticas, no Brasil o movimento universitário, desponta em volta de 1960 quando os estudantes mantem contato com o movimento da reforma universitária que a partir de 1914 se generalizava na América Latina.<sup>28</sup>

Para Poerner<sup>29</sup>, o estudante da América Latina, e sobretudo do Brasil se diferia dos outros estudantes de sociedades mais “modernas” como dos países da Europa e do Estados Unidos por ser movido por “algo mais” dos que os outros estudantes do mundo. Poerner escreve seu livro em 1968 em plena ditadura militar e sobre a influência de “68”, que como dito inspirava vários movimentos de juventude pelo mundo, o que confere a sua obra, a primeira a sintetizar o movimento de estudantes no Brasil, além de seu contexto histórico específico para sua escrita, uma

---

<sup>27</sup> Ibid, p. 105.

<sup>28</sup> A ideia de reforma universitária na América latina, se perpetuou a partir do ano de 1918, quando na Universidade de Córdoba na Argentina os estudantes exigiram modificações nos métodos e da orientação que pudesse substituir o quadro de atraso e decadência, por um que norteasse para o progresso e para o crescimento. No movimento os estudantes atacavam o que entediavam representar a imoralidade intelectual e ausência de espírito científico na universidade, bem como também criticavam a passividade da universidade frente a influência religiosa e do controle oligárquico a que a instituição estava submetida. Ao movimento dos estudantes foram aglutinados outras organizações como os partidos políticos e grupos nacionais liberais. O movimento que começou na Argentina em 1918, motivou vários países da América Latina por mudanças na estrutura do ensino universitário (FORRACHI:1972).

<sup>29</sup>POENER, O poder jovem: história da participação política dos estudantes brasileiros, p. 40, 2004.

certa visão “romântica” dos jovens estudantes que participaram da trajetória do Movimento Estudantil brasileiro naquele período.

Acerca dessa diferenciação do estudante latino frente aos outros de sociedades “modernas”, Poerner afirma que os estudantes latino-americanos eram movidos por algo além do que um simples espírito anarquista, que segundo ele caracterizava o jovem moderno da Europa e dos Estados Unidos. Em sua concepção, os estudantes latinos seriam mais maduros politicamente dos que os dos centros mais “modernos”, argumenta que:

Esse algo a mais, que torna o estudante brasileiro muito mais maduro, politicamente, do que seu colega europeu ou norte-americano, consta de uma profunda decepção quanto a maneira como o Brasil foi conduzido no passado, de uma violenta revolta contra o modo pelo qual é dirigido no presente e de uma entusiástica disposição de governá-lo de outra forma no futuro. Devido a essa perspectiva de poder, que muitas pessoas, imediatistas podem considerar utópicas, mas que é, afinal, uma consequência inevitável das leis naturais, o estudante brasileiro é um opositor nato. E tem razões para isso. (POERNER, 2004, p. 40)

As indicativas de Poerner vão de encontro com a afirmativa de Foracchi onde os estudantes latino-americanos e conseqüentemente os brasileiros, formularam o movimento em um momento de crise social, onde na América Latina se vive a pressão de governos ditatoriais e autoritários. Na concepção dos autores, a juventude nesse contexto vai se expandindo como uma força viva na sociedade que converte em suas práticas políticas e reivindicativas, ações de questionamento ao quadro político e social apresentado, e esse questionamento vai ser tornando mais profundo “na medida que se fundamenta no conhecimento e no usufruto efetivo das vantagens que ele pode oferecer” (FORACCHI, p.131, 1977). A participação estudantil na política brasileira aparece voltada a determinações “externas” refletidas na sociedade que moldam o modo da existência histórica de uma formação social. A juventude estudantil aparece como um dos setores da sociedade que apresenta, comportamento de radicalização, e o ingresso aos bancos da universidade acentuaria esse estado, onde:

A manifestação mais evidente se traduz por uma acentuação da atitude crítica e cuja resultante final é a radicalização. A radicalização política do estudante universitário, desse modo, é inerente à vida universitária. Esta proporciona ao estudante o ingrediente explosivo ou catártico (FORACCHI, 1977, p. 133).

Essa condição de trazer para si anseios da sociedade, lhes confere (estudantes) importância na sociedade, pois focalizando anseios sociais, trazem para



sua ação política/reivindicativa questões que podem ser perceptíveis na prática estudantil.

Na América latina os estudantes, como já foi tido foram protagonistas no campo social e político em contextos que lhe eram semelhantes, porém diferindo em alguns aspectos, Mesquita (2004) nos aponta algumas semelhanças dos movimentos estudantis da américa-latina, que se tornaram regulares em algumas experiências estudantis no continente. Para o autor todas as experiências estudantis na América Latina, sofrem influência de maio de 68, sendo possível a existência de vários maos de 68 no continente. Mesquita chama a atenção para o fato de que todas as reivindicações estudantis nos países do sul da América, reivindicavam liberdade, visto que os países eram governados por governos ditatoriais e populistas, o que segundo ele difere das questões trazidas pelos movimentos estudantis no norte do continente e de países do leste europeu, onde se percebia a necessidade de se manifestar frente às outras formas diversas de opressão como a opressão sexual, racial e etc.<sup>30</sup> Essa chamada pela liberdade “era uma resposta aos regimes totalitários, era um rechaço a todas as formas de opressão social vigente que aprisionavam o sujeito que queria experimentar outras formas de sociabilidade” (MESQUITA, 2004, p. 79). Mesquita segue apontando que essas reivindicações por liberdade eram percebidas, mais precisamente nos países do leste europeu, ainda que também sentidas nos países do norte do continente americano.

Outro ponto comum dos movimentos estudantis na América Latina, que encontramos na análise de Mesquita, é a retomada da rua como espaço público sobre influência do maio de 68. Desde as grandes manifestações ocorridas no mundo, que vão desde as barricadas do maio francês as passeatas contra a ditadura no Rio de Janeiro ou aos protestos dos mexicanos na cidade do México que culminou com o massacre no Tlatelouco. Em todos se percebeu grande contingente populacional tomando os espaços públicos, sendo motivados pelos jovens estudantes onde:

As cidades e as ruas voltam a pertencer a seus habitantes, com uma ocupação lúdica da cidade, espaço público e lúdico universal. A rua vem a ser um agente social coletivo, lugar do exercício de uma democracia direta que faz vacilar a legitimidade do sufrágio universal, expressão da política oficial. Os atores saem das casas e seguem para as ruas, saem do âmbito privado e passam a acenar no espaço público (MESQUITA, 2004, p. 80).

---

<sup>30</sup> Mesquita. *Identidade, cultura e política: os movimentos estudantis na contemporaneidade*, p.79, 2006.

O caráter juvenil também é destacado como um fator de semelhança nos movimentos estudantis da América Latina por Mesquita, sendo que o protagonismo juvenil no contexto representaria de forma simbólica “a decadência de uma sociedade baseada em pressupostos e experiências que já não se sustentam” (MESQUITA, 2004, p. 80). Com essa afirmação o autor dialoga com Foracchi, para quem os jovens tentam se livrar de coisas que remetem ao “tradicional” e com o advento do “moderno”<sup>31</sup>, colocam-se como agentes de uma ruptura dos valores conservadores, valores esses que eram percebidos em todos os espaços, principalmente no espaço escolar. Os jovens elegeriam o que precisaria ser destruído para depois ser construído.

Como herança de 68, Matos diz que a pluralidade dos espaços de poder se ampliou tornando-se espaços ocupados por diversos agentes sociais, onde “os movimentos de 68, são a expressão de um poder que não está mais localizado e concentrado em um determinado espaço, mas que está em todos e nos mais diversos lugares” (MESQUITA, 2004, p. 81). Percebe-se que a pluralidade social agora manifesta-se publicamente nos diversos espaços, e “nos mais variados lugares do mundo, o poder agora foi percebido em outros âmbitos” (MESQUITA, 2004, p. 81).

Na América Latina o Movimento Estudantil passa por diversas fases, que também poderiam ser analisados como semelhanças entre os vários tipos de movimentos no continente. Temos a Reforma Universitária, que a partir de Córdoba na Argentina, repercutiu em vários outros países latinos, também as diferentes ditaduras que são instaladas nos países, logo após, o período de redemocratização social, e a atuação dos jovens contra as políticas neoliberais.

As mais diversas manifestações juvenis que eclodiram no mundo, mesmo com suas singularidades conjunturais vão partir de “uma mesma tendência para um questionamento do status *quo político e social* com o qual os jovens iam sendo confrontados” (MESQUITA, 2004, p. 81).

---

<sup>31</sup> FORACCHI, *O estudante e a transformação da sociedade brasileira*, p.132, 1977.

No Brasil a história do Movimento Estudantil é confundida com a história da UNE, como afirma Poerner. E tal afirmação se dar por se considerar que é a partir da criação da entidade que o movimento passa a ter um caráter organizacional e ganha expressiva atuação na sociedade Brasileira, tendo em certos momentos tomado a dianteira em manifestações e passeatas significativas, fazendo com que outros segmentos da sociedade também se mobilizassem e os apoiassem como a retomada às ruas em 1977.

### **1.3 – A UNE no Brasil**

A União Nacional dos Estudantes foi criada em 1937 na então casa dos estudantes, porém só entrou em ação no ano de 1938 sob a ditadura do "Estado Novo". Sobre a casa dos estudantes convém ressaltar que a mesma, sediava o Conselho Nacional dos Estudantes, uma organização que tinha uma relação simpática com o governo. De acordo com Poerner (2004) a Casa do Estudante do Brasil foi a primeira entidade estudantil de âmbito nacional, criada em 1929. A entidade dispunha de uma ajuda anual do Ministério da Educação, que fazia com que a mesma mantivesse laços estreitos com o governo de Vargas. Na casa foram criados departamentos e serviços internos em favor dos estudantes, onde se era oferecido serviços de cunho sociais e eram promovidas atividades culturais. Na área social foi montado um restaurante, uma residência, uma espécie de secretaria que visava empregos aos estudantes, o primeiro serviço de matrículas gratuitas ou com abatimento e um serviço médico gratuito. Já na área cultural, foi pioneira na criação do Teatro do Estudante do Brasil. Com essas ações de ajuda e manutenção da Casa do estudante, o governo mantinha um certo controle sobre os estudantes e sua ação<sup>32</sup>.

Com a realização do 1º Conselho Nacional dos Estudantes<sup>33</sup> criou-se a União Nacional dos Estudantes (UNE), a qual passaria a assumir a representação pretendida pela Casa do Estudante do Brasil. A partir do surgimento da UNE, a CEB restringiu-se a promoções culturais locais, funcionando como um órgão de distribuição de favores governamentais, pois muitos estudantes acabaram se sentindo mais

---

<sup>32</sup>POENER, O poder jovem: história da participação política dos estudantes brasileiros, 2004.

<sup>33</sup> O Conselho nacional de Estudantes foi o instrumento nacional que reuniu estudantes de várias localidades, realizado em agosto de 1937 no Rio de Janeiro, na escola de belas Artes.

atraídos pela nova associação recém-criada, ocasionando um clima de conflito entre a direção da Casa do Estudante e a direção da União nacional dos Estudantes<sup>34</sup>.

Segundo Poerner (2004) todas as organizações universitárias anteriores a UNE, pecaram pelo caráter transitório, visando apenas à problemas específicos e determinados, em função de cuja duração nasciam e morriam, onde politicamente se mostravam “inofensivas”.<sup>35</sup> Desde a sua criação, a União Nacional dos Estudantes através do Conselho Nacional dos Estudantes realiza congressos nacionais, sendo que é no primeiro que a entidade surge, contudo é no período de 1942 a 1945 que a UNE vem mostrar pela primeira vez toda sua expressividade na campanha contra o eixo no contexto da Segunda Guerra Mundial. Poerner (2004) nos indica que no período Vargas, o Movimento Estudantil era a única pressão democrática “tolerada” pelo governo, e por consequência dessa tolerância, intensificou-se dentro do movimento a atuação política dos universitários, a única válvula de escape no contexto. Foi no clima da Segunda Guerra que após a declaração de Vargas, em que insinuava a participação do Brasil na guerra a favor do Eixo, que o Movimento Estudantil rompeu esse relacionamento “amistoso” e começou uma mobilização para que o governo assumisse uma postura anti-fascista e anti-autoritária. O movimento rapidamente saiu das universidades e foi para rua, realizando em 1942 uma passeata que segundo Poerner foi uma das mais importantes passeatas do movimento estudantil brasileiro.<sup>36</sup> Com a passeata os estudantes passaram a assumir a posição de vanguardeiros, das manifestações de rua no Brasil e dos movimentos de massa antifascistas.

Com a derrubada do "Estado Novo", a UNE agora passa a ser dirigida por socialistas, onde segundo Poerner (2004), o órgão passaria a partir de então pelo policialismo governamental, e pelo caráter de emancipação nacional das reivindicações por parte dos estudantes, como na campanha pela criação da Petrobrás e pela proteção das riquezas minerais do país.<sup>37</sup> Em 1961 se percebe a

---

<sup>34</sup> POENER, O poder jovem: história da participação política dos estudantes brasileiros, 2004.

<sup>35</sup> Ibid.

<sup>36</sup> Idem.

<sup>37</sup> Idem.

ascensão católica dentro do movimento, onde se vê o crescente domínio da AP (Ação Popular)<sup>38</sup> que surge por volta de 1960, na JUC (Juventude Universitária Católica).

No período da Ditadura Militar (1964-1985), é que os estudantes brasileiros vão ganhando notoriedade acentuada na história do Brasil, onde passam a representar uma forte resistência ao período ditatorial. Para alguns pesquisadores esse período é o mais significativo na história do Movimento Estudantil Brasileiro. Durante o período de vigência da ditadura o Estado adotou o “tratamento de choque” principalmente destinado aos estudantes, “tratava-se, como um ritual da inquisição, de expulsar o demônio da rebelião patriótica, daqueles corpos jovens (POERNER, 2004, p. 202).

Foram destinadas aos estudantes no período da ditadura ações violentas com o intuito de reprimir o movimento de jovens. Suspensão, expulsão, prisão, torturas, demissão de professores, invasão de faculdades, policiamento nas entidades estudantis e proibições de qualquer tipo de assembleias, eram formas do estado tentar conter a mobilização estudantil. Também como controle houve o fim da participação discente nos órgãos colegiados da administração universitária, a decretação da ilegalidade da UNE nas uniões estaduais e diretórios acadêmicos, assim como também a tentativa de se frear o processo de renovação do Movimento Estudantil e da universidade no país, onde se começava a serem capacitados técnicos, pesquisadores e cientistas para um possível desenvolvimento nacional independente.<sup>39</sup> Todos esses atos foram cometidos no intuito de desestabilizar o ME, que na ditadura representou, uma forte oposição ao regime implantado.

Nesse significativo contexto histórico, se apresentam várias tentativas do governo de conter a força dos estudantes. No processo de desestruturação das universidades, temos a destruição da Universidade de Brasília, que era símbolo para vários estudantes da época. Com a demolição da UNB, segundo Poerner (2004) desapareceria um dos símbolos que representava a luta da nação contra as barreiras do subdesenvolvimento. O que no período da ditadura, também causou forte impacto

---

<sup>38</sup> A AP sustentava que não existia no Brasil um partido revolucionário, que necessitaria ter; 1) existência de uma ideologia verdadeiramente revolucionária; 2) ação de presença constante junto a massa; 3) real participação no partido de militantes da extração social. Na concepção da AP todos os grupos existentes no Brasil seriam pré-revolucionários, e eles tendiam a se unir então através do trabalho político de agitação, em uma entidade autenticamente revolucionária. Fonte: Poerner, O poder jovem: história da participação política dos estudantes brasileiros, 2004.

<sup>39</sup> Poerner, O poder jovem: história da participação política dos estudantes brasileiros, 2004.

no Movimento Estudantil foi a Lei Suplicy de Lacerda, que visava à extinção do movimento. Com a lei pretendia-se acabar com a autonomia e a representatividade do movimento, para que não houvesse nenhuma participação política. Houve por parte do governo interferências nas entidades estudantis, sendo transformadas em órgãos ligados ao Ministério da Educação, ficando essas entidades dependentes de verbas e seguindo as orientações do mesmo. A União Nacional dos Estudantes foi substituída pelo Diretório Nacional dos Estudantes (DNE), bem como as uniões estaduais pelos diretórios estudantis. De acordo com Poerner (2004) Com a vinculação aos órgãos governamentais, feriu-se o direito da autonomia das entidades, que seria “o mais elementar princípio de funcionalidade de uma entidade de representação” (POERNER, 2004, p. 212). Em sua narrativa sobre o ME brasileiro, Poerner ressalta que a lei teve um lado positivo que foi o de aglutinar, na luta pela revogação, o movimento que passava então por uma reorganização, por consequência a perseguição das muitas lideranças do movimento.<sup>40</sup>

Com a intervenção governamental nas entidades estudantis, os estudantes agora são postos frente aos acordos educacionais do ministério da Educação e Cultura do Brasil com a United States Agency For Internacional Development (Usaid)<sup>41</sup>, conhecidos como Acordos MEC-Usaid, que faziam parte da política de desnacionalização do ensino brasileiro, sendo vinte os acordos no total entre a Usaid e o MEC, onde dois abrangiam exclusivamente o ensino superior. Um desses acordos interferiria no pano didático-educacional, que era o mais combatido pelo ME, e o outro dizia respeito a reforma administrativa da universidade. Sobre os acordos, entende-se por:

A escolha do tipo de tipos de currículos, métodos didáticos, programas de pesquisa e serviços de orientação e informação de estudantes, que permitam o máximo de eficiência na obtenção das categorias desejadas de elementos de formação universitária, aquele que se destinava a suprimir a autonomia das universidades brasileiras, empecilho à uniformização ideológica, transformando-as em fundações. (POERNER, 2004, p. 226).

---

<sup>40</sup> Poerner, O poder jovem : história da participação política dos estudantes brasileiros, 2004.

<sup>41</sup> Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional. É um órgão dos Estados Unidos encarregado de “distribuir” a maior parte de ajuda externa de caráter civil. Cooperando na economia, saúde, política, assistência humanitária e educação nos países receptores.

Essa interferência nos países latinos na época, fazia parte de um plano de dominação cultural em toda América Latina. Temos como exemplo a implantação desses tipos de acordo, na Argentina, onde depois do Golpe Militar, a Universidade de Buenos Aires perdeu a sua autonomia<sup>42</sup>. Tratava-se de facilitar a penetração americana onde o objetivo principal era controlar os pontos estratégicos do sistema educacional, interferindo nas formações dos professores, no material didático, nas direções dos corpos de docentes e nas lideranças dos discentes. A partir da Usaid, a política de dominação ideológica e cultural dos EUA no Brasil e nos países da América Latina se fazia presente, e aqui no Brasil, a presença dessa instituição, era alvo de ataque e manifestações dos estudantes que defendiam os interesses nacionais.

O ano de 68, é um ano fatídico ao ME estudantil brasileiro, a morte do estudante secundarista Edson Luís no restaurante Calabouço da UNE serve como uma mola propensora ao movimento no Brasil. Poerner (2004) indica a morte do estudante como sendo a primeira cometida pelos militares contra os estudantes, pondo em prática então a violência que cresce pela repressão policial. A morte do estudante desencadeia manifestações em várias partes do Brasil, onde vários setores da sociedade se juntam aos protestos, foi o estopim que desencadeou várias passeatas nas principais cidades brasileiras, como a “Passeatas dos cem mil”, que levou milhares de pessoas às ruas.

O ano de 68 apresenta também a presença da luta armada no movimento, representando uma nova forma de atuação e luta dos estudantes. Com o Ato Institucional nº5, o mais dramático e cruel de todos os atos, o Movimento Estudantil foi interrompido. Não podendo organizarem-se nos colégios e universidades, nem podendo realizar passeatas, o movimento entra então na clandestinidade e muitos jovens começam a ser agruparem em organizações de luta armada, partindo alguns para o confronto, única forma de atuação que lhes restavam.<sup>43</sup>

Mesmo com o desejo “revolucionário” de alguns, não havia condições mínimas para a sobrevivência do movimento no contexto, onde passa por um período de silenciamento e retraimento retomando às ruas somente em 1977, fato que torna o ano significativo na história do Movimento Estudantil brasileiro, onde os estudantes

---

<sup>42</sup> Poerner, O poder jovem: história da participação política dos estudantes brasileiros, p 208, 2004.

<sup>43</sup> Ibid.

conseguem mobilizar um contingente de pessoas para que tomem novamente os espaços públicos, dessa vez agora na luta pelas diretas já e pelo direito de anistia dos presos políticos em um período em que o Brasil começa sua abertura política “lenta a gradual”.<sup>44</sup> O retorno às ruas representou uma nova possibilidade de reorganização para os estudantes, para assim empreenderem uma luta mais intensa e combativa contra a ditadura militar. Nesse momento de retorno às ruas, a grande imprensa brasileira exerce um papel essencial para que as passeatas tomem grandes proporções, e como resultado se juntam aos estudantes outros segmentos sociais. Muller (2016) indica que já no seu início o ano de 1977 apresentaria indícios de um ano atípico no período ditatorial, onde eclodem greves em várias universidades, significando novos sinais de vida, onde:

Partindo da autocritica, e das mudanças de tática em relação aos anos anteriores, os estudantes em 1977, tinham em mente que a luta só poderia ser efetivada se conquistasse um apoio popular amplo na oposição uníssona ao regime, levando em consideração, as diferentes formas de ação e reflexão das correntes, mas convergindo de toda maneira na questão do fim da ditadura militar (MULLER, 2016, p.138).

As manifestações nos grandes centros em 1977, repercutiram em todo o território nacional, fazendo com que o Movimento Estudantil fosse o primeiro segmento a retornar às ruas, que foi seguido por outros seguimentos sociais, dando significância ao ano de 1977 na luta contra o fim da ditadura no país. Pós-77 a sociedade brasileira vai vivenciando a processo de abertura política.

#### **1.4 – Movimento Estudantil no Acre: breve contextualização**

Gostaríamos a partir de agora lançarmos nosso olhar para o Movimento Estudantil acreano, que é nosso objeto de análise. Consideramos o ano de 1977, também como marco no ME acreano, onde a prática do movimento muda a partir de então, pois desde o surgimento de entidades estudantis na UFAC, até o aparecimento de um grupo de estudantes que levantam bandeiras de lutas até então inéditas, as atividades estudantis eram voltadas a atividades culturais, esportivas e principalmente, aconteciam sobre o aval da organização da instituição.

Achamos necessário, contextualizamos de forma breve na história do Acre, o contexto econômico e político do estado, quando o surgimento do ME e as bandeiras de lutas apresentam as condições históricas e sociais da sociedade, influenciando

---

<sup>44</sup> Poerner, O poder jovem: história da participação política dos estudantes brasileiros, p 208, 2004.



assim a atuação que os estudantes desempenharão na militância no movimento, sendo que:

São variáveis as condições histórico-sociais nas quais os diferentes setores participantes do sistema de poder, se articulam, se combinam e dinamizam a sua força. Poder-se-ia afirmar que a natureza e o conteúdo do movimento estudantil dependem do curso histórico tomado pelos processos sociais, e da configuração particular de que se reverterem (FORACHI, 1972, p. 144).

Em nosso estudo é imprescindível que contextualizemos a localização social em que os estudantes estavam inseridos. Pois é o meio social que faz com que alguns estudantes levem para dentro da Universidade e precisamente para o Movimento Estudantil as questões que fazem a ligação da universidade (ME) com a sociedade.

No final da década 1960, a empresa seringalista chega ao fim no estado do Acre, transformando drasticamente sua estrutura social. As mudanças são sentidas tanto pelos moradores da cidade que presenciam um inchamento populacional, quanto e, principalmente pelos moradores da floresta que se deparam com uma realidade cruel. Aos antigos donos dos seringais não restava outra alternativa que não fosse a venda dos mesmos, pois endividados, tinham decretado a falência.

Após o golpe militar de 1964, a Amazônia se torna então alvo de projetos e políticas visando a ocupação de seu território, em um processo para a “integração” da região na onda da modernização e do acúmulo do capital no país. A região Amazônica passa assim a ser o principal alvo nesse processo de modernização e acúmulo de capital, sendo alvo principalmente do capital internacional.

Durante o regime ditatorial os governos empreendem seus esforços para que essa ocupação fosse efetivada, é quando surge uma política para o incentivo à agricultura na região. A região passa a receber pessoas de outros estados principalmente da região centro-sul, que ficaram conhecidos como “sulistas”. Desde a década de 60, e que se intensificou na década de 70, milhares de pessoas se instalaram na região, onde:

Foram numerosas as famílias de pequenos proprietários camponeses centro-sulistas que venderam suas terras em seus estados de origem e adquiriam áreas de loteamento particulares na Amazônia acreana. Esses são os camponeses que buscavam áreas mais amplas para cultivar, bem como um lugar para fugir das transformações que se processavam no espaço rural do centro-sul, (modernização da agricultura). Assim esperam obter áreas capazes de comportar toda a família e, se possível, tornarem-se prósperos médios fazendeiros (SIMIONE, 2011, p. 123).

Nesse cenário ao seringueiro e ao seringalista, restava encontrar novas formas de sobrevivência, onde somada a falência da empresa seringalista tem se a iniciativa do governo de “ocupar” a região. Nessa nova conjuntura econômica coube ao seringalista a venda dos seringais, porém ao seringueiro o:

Elo mais fraco da cadeia de dominação mercantil, as consequências dessa crise seriam dramáticas, diferente dos períodos de crise anteriores, quando podiam permanecer nos seringais criando e recriando formas variadas de sobrevivência, a situação desse momento é outra e sua permanência no seringal estava ameaçada. Aos “novos” proprietários da terra não interessava a extração da borracha, e sim a derrubada da floresta. Era a substituição do extrativismo pelos projetos agropecuários e, com eles, a expulsão em massa da força de trabalho dos seringais (PAULA, 2016, p. 54).

O golpe de 1964 repercutiu de maneira significativa para a crise instalada nos seringais, os incentivos para a produção extrativista, foram direcionados para o processo de modernização no qual passava a sociedade brasileira, onde o estado era o agente dessa modernização. É importante ressaltar que entre meados da década de 60 e a metade da década de 70, a região amazônica, se torna alvo do capital internacional, principalmente do norte-americano, onde “a floresta era vista como algo a ser vencido” (PAULA: p.65 2005). O “progresso” representava a retirada de uma parte da floresta, retirada que era justificada pela necessidade de se resguardar as fronteiras nacionais. O estado passa então a ser o principal agente nesse processo, onde:

Procura impor um projeto de modernização na Amazônia que, a exemplo das demais regiões do país, caracterizava-se pelo agravamento das condições sociais de vida de uma significativa parcela da população, e privilegia grandes grupos empresariais com diversos incentivos fiscais e financeiros no intuito de dirigir investimentos para essa nova fronteira. Em 1966, o governo Castelo Branco, direcionou para a região um conjunto de medidas legais e institucionais denominado “Operação Amazônica”, que tinha como finalidade reformular e transformar a economia regional (PAULA,2005, p. 67).

A partir da década de 1970, com as políticas de incentivo à agricultura no estado, acentua-se um período de conflitos sociais, a questão de terra é elemento central nesse cenário, pois as mudanças que a política de incentivo trouxe, fez com que muitas pessoas fossem expropriadas de suas terras, ocasionado uma nova realidade para alguns, pois:

As décadas de 1970-90 foram marcadas por transformações e drásticas mudanças no panorama das florestas, cidades e, principalmente, da capital do estado do Acre, em meio a toda a política de expansão dos grandes projetos econômicos para região norte, tendo como referência os empreendimentos e aberturas de rodovias e incentivos às grandes

empresas ou grupos de empresários das regiões sul e sudeste (...) todo esse processo implicou em uma série de violências contra o “mundo natural” e as sociedades amazônicas, atingindo, primordialmente inúmeras famílias de seringueiros e outras categorias de trabalhadores das florestas, que foram sendo expropriados de suas terras e deslocados em sentido floresta-cidade. (Albuquerque e Ishii, p.197, 2014).

Com a expansão da frente agropecuária, no estado do Acre, os impactos sociais foram imediatos, a grande maioria da população vivia na zona rural e agora com a expropriação das terras a realidade se tornava muito difícil. Os trabalhadores rurais começam a se articularem em sindicatos e unidades representativas, onde possam lutar pela defesa das “suas” terras. Paula (2016) afirma que diferente de como aconteceu no Território Federal de Rondônia, na implantação e execução do processo de modernização no Acre, o governo encontrou serias dificuldades, que segundo ele, se deu pela existência de um poder oligárquico, e o surgimento da resistência nos segmentos sociais no estado. Paula (2016) ainda pontua que, de toda a região amazônica o Acre foi o estado mais afetado com as políticas governamentais que adentraram a região norte na década de 70, onde a base da economia do estado era a produção extrativista e a maioria da população ainda se encontrava dentro dos seringais. Seguindo as observações de Paula, percebemos que no primeiro plano quinquenal da SUDAM, foi destinado apenas o 0,5% do orçamento para a empresa extrativista, e 99,5% a quantidade quase absoluta do orçamento foi destinada a empresa agropecuária. Era nítido que esse pouco repasse repercutiria de maneira extremamente significativa para os seringais em falência. Sem ajuda governamental era impossível para os seringalistas encontrarem uma alternativa que lhe oferecessem a sobrevivência da atividade econômica, o que também interferiu em toda a economia estadual.

Nesse cenário o então governador indicado pela ditadura Wanderley Dantas, faz uma campanha publicitária no centro-sul, para atrair colonos para a região, onde:

Exaltava o potencial de fertilidade dos solos da região e suas múltiplas aptidões para as atividades ligadas à agropecuária em geral, os baixos preços da terra e a abertura de uma estrada para o Pacífico, formando um corredor de exportações para o mercado asiático e a costa oeste dos Estados Unidos (PAULA, 2016, p. 56).

Os slogans “ Acre, a nova Canaã, um Nordeste sem seca, um sul sem geada”, e “invista no Acre e exporte para o pacífico”, tinha como objetivo a vinda dos colonos do centro-sul para a região, a propaganda de chamamento para o Acre, estava no rádio, em locais públicos, em hotéis, aeroportos e rodoviárias. E com os atrativos que

lhes foram oferecidos chegaram a região norte um grande número de “sulistas” que de acordo com Paula (2016), adquiriram cerca de cinco milhões de hectares de terras, sendo equivalente a um terço do território do estado.

Aos “novos proprietários” da terra, não interessava a presença dos seringueiros e demais posseiros em suas recém adquiridas propriedades, e começaram as expulsões que:

Desencadeiam uma ação avassaladora para expulsar os seus antigos ocupantes, promovendo a “limpeza” da área. Nesse processo, foram usados os seguintes expedientes: obstrução de estradas e varadouros, proibição dos cultivos, intimidações da polícia e pistoleiros que visitavam constantemente as famílias dos seringueiros. (PAULA, 2016, p. 60).

Após a expulsão de suas terras muitos seringueiros procuram a cidade, causando uma desordem social pois, a mesma não tinha estrutura para comportar esse contingente de pessoas, fator que causou um “inchaço populacional”, e faz com que até hoje as consequências dessa desordem populacional sejam sentidas nas periferias das cidades do Acre, principalmente na capital. Aos seringueiros para quem não era atrativo a mudança para a cidade e não queriam sair do interior da floresta, coube a mudança para os seringais bolivianos.<sup>45</sup>

Uma grande aliada dos seringueiros que resolverem resistir nos seringais foi a Igreja Católica, com a Prelazia do Acre e do Purus, que “a partir da década de 70, havia optado por uma linha de ação pastoral identificada com as orientações da ala mais progressista do clero na América Latina” (PAULA, 2016, p. 61). É através das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) que a igreja vai defender os seringueiros, onde disseminará entre eles a ideia da resistência pela terra, visto que muitos eram analfabetos, o que facilitava para os novos proprietários que apareciam com um pedaço de papel dizendo serem dono das terras e muitos seringueiros não dominavam a leitura para argumentar o documento.

Vale destacar que muitos militantes do ME acreano eram oriundos das CEBs, e que quando chegavam a Universidade, já tinham conhecimento do que estava acontecendo no estado com relação a posse da terra. Silva (2010), acentua o papel fundamental que teve a Igreja Católica na história social, econômica e política do estado do Acre, onde por intermédio dela os seringueiros puderam se organizar na

---

<sup>45</sup> Seringueiros e sindicatos: um povo de floresta em busca de liberdade. Rio Branco: Nepan Editora, 2016.

luta pela terra. Destaca a importância que a Igreja também teve no novo quadro social que se estabelece nos bairros periféricos com a expulsão do seringueiro para a cidade. A violência cresce assustadoramente nos bairros principalmente de Rio Branco, como consequência do desemprego, pois nesse novo cenário alguns seringueiros sem trabalho cometiam a prática do roubo e alguns se entregavam ao consumo de bebidas alcoólicas, onde:

Nos bairros pobres de Rio Branco falta tudo, não tem rede de esgoto, nem saneamento básico, nem calçada, com atendimento irregular de água, luz, sem casas habitáveis, sem postos de saúde, crescem assustadoramente as doenças endêmicas, como a malária, a verminose, a tuberculose e a hanseníase. Aumenta a taxa de mortalidade infantil. O custo de vida é um dos mais altos do país, os transportes coletivos se constituem em verdadeira afronta para a população. (SILVA, 2010, p. 24 apud MOURÃO, 1999, p. 425).

Os grupos da igreja juntamente com os jovens, lutavam por uma melhoria na vida da população carente, usando também como arma seus ensinamentos religiosos. Cabe ressaltar que a Igreja Católica passa por uma transformação entre os anos de 1960 a 1965, ocorridas na reunião do Concílio do Vaticano II, quando houve uma abertura para as causas sociais, onde:

Essa abertura, abalando as antigas certezas dogmáticas, tornou-se a cultura católica permeável aos novos ideais e as influências exteriores. Ao se abrir para o mundo moderno e igreja sobretudo na América Latina, não podia escapar dos conflitos sociais que agitavam esse mundo. (SILVA, 2010, p. 24 apud LOWY, 1991, p. 40)

Acerca da presença da juventude católica no ME no estado, cabe ressaltar o que aponta SILVA (2010) sobre a matéria do jornal O Rio Branco, na edição de abril de 1969, onde ocupa toda a capa com a ilustração e manchete: “Paulo VI preocupado com a juventude”. Segundo Silva a matéria mostrava o Papa Paulo VI preocupado com os jovens e ao mesmo tempo incentivando-os a luta, evidenciando aos jovens católicos que com a reunião do Vaticano II, a visão da igreja tinha mudado, pois se tinha discutido ações da igreja de cunho social, sendo uma delas a de prestar ajuda aos pobres e aos mais necessitados. Ainda acentua que com isso, o Papa alertava aos jovens a irem à luta em busca de mudanças sociais. A matéria de acordo com Silva (2010) dizia que os grupos de jovens estavam se fortalecendo a cada dia, e esses jovens estavam encorajados em busca dos oprimidos<sup>46</sup>.

---

<sup>46</sup> SILVA, MFC Movimento de formação cultural da juventude: a juventude católica e os movimentos sociais em Rio Branco nos Anos 70, 2010.

No estado do Acre, o oprimido era o seringueiro o homem que habitava na floresta, que sentia as consequências da nova configuração social política e econômica do estado em dois aspectos. Primeiro ao que insistia em permanecer na floresta, restava a violência dos novos donos para sua expulsão, e ao que resolvia migrar para a cidade lhe cabia as piores situações de sobrevivência, vindo a constituir o “pobre” da cidade.

As Comunidades Eclesiais de Base se tornam então um lugar onde os seringueiros e posseiros se aglutinam e isso, lhes confere um caráter essencial nesse contexto, pois é “através dessas comunidades que os trabalhadores começaram a tomar consciência de seus direitos e a compreender a necessidade de construir uma união entre si para lutar contra o inimigo” (PAULA, 2016, p. 65). Dentro das CEBs, vários segmentos sociais vão estar atuando juntos, compondo uma forte força de resistência conjunta no contexto da década de 70 no estado do Acre, pois:

É sempre oportuno ressaltar o papel crucial desempenhado pelas CEBs e a ação de padres, freiras e leigos vinculados à teologia de libertação, imbuídos de uma ação política de orientar e apoiar a luta pela manutenção dos seringueiros em suas colocações, por um lado, ou ocupar as “terras devolutas” nas periferias e franjas de Rio Branco, por outro. (ALBUQUERQUE e ISHII, p. 204).

Nesse novo cenário, as estruturas sociais mudam, as cidades recebem novos habitantes que não queriam estar ali, vieram “a força” constituir os “pobres” que passam a viver nas periferias e nas invasões que se formam.

É em meio a essa crise local que surge no estado do Acre o ensino superior, conseqüentemente os desdobramentos dessa crise são sentidos no ME que também apresenta como bandeira de luta, as questões que nele são refletidas.

No âmbito da “Política educacional” que tomava conta de todo o país no “Milagre Econômico”, foi criado em 1964 o primeiro curso de educação superior no estado do Acre, o curso de Direito. Farias, 1996<sup>47</sup> indica que o curso beneficiava apenas uma pequena parte da elite local. Juntando a crise econômica do sistema extrativista nos seringais com a necessidade de se preparar e estabelecer profissionais de nível superior para o quadro burocrático do estado, foi criada no Acre a Faculdade de

---

<sup>47</sup> FARIAS, Raízes da criação da Universidade Federal do Acre, 1996.

Ciências Econômicas em 1968, porém com funcionamento somente no ano posterior.<sup>48</sup> No ano de 1968, o então governador da época, Jorge Kalume, alegando que o estado era o único da confederação que não possuía universidade, em um ato que segundo Manoel Severo Farias, tiraria proveitos políticos da situação, cria o Centro Universitário do Acre, por lei sancionada em 03 de março de 1970, constituído inicialmente pelos cursos de licenciatura plena em Letras, Pedagogia e Matemática e o curso de Estudos Sociais, cursos esses que tinham como característica a curta duração. É importante salientar que esses cursos foram criados para atender a demanda referente à formação de professores para as escolas públicas.<sup>49</sup> Farias em seu estudo que mostra as “Raízes da Criação da Universidade Federal do Acre” alega que em uma jogada política Jorge Kalume transforma o Centro Universitário do Acre em Universidade quando faltava somente dois meses para o término de seu mandato, através da lei estadual nº 421 de 22 de janeiro de 1971, onde as faculdades de Direito e Ciências Econômicas foram incorporadas a mesma. É interessante salientarmos que nas condições de crise que o estado se encontrava, ele não conseguia manter uma universidade estadual, a esperança para sua contínua existência de acordo com Farias era a crença em sua federalização.<sup>50</sup>

A Universidade estadual foi então federalizada em 1974, poucos anos depois de sua criação. Nasce nos moldes de legislação vigente no país, possuindo vínculos com o Ministério da Educação, que no período tinha como ministro o acreano Jarbas Passarinho, que mantinha laços de amizade com políticos locais<sup>51</sup>. Para Azevedo (2010) o que também contribuiu para a federalização da universidade foi à “Política de Segurança Nacional” por ter o estado do Acre seus limites territoriais marcados com a Bolívia e o Peru, pois segundo autoridades locais, por seu contexto geopolítico, deveria haver no estado e principalmente nos jovens estudantes uma vigilância acentuada, principalmente por sua proximidade com regiões da América Latina, onde existiam manifestações revolucionárias.<sup>52</sup>

---

<sup>48</sup> FARIAS, Raízes da criação da Universidade Federal do Acre, 1996.

<sup>49</sup> Ibid, p. 23.

<sup>50</sup> Ibid. p. 24.

<sup>51</sup> Ibid. p. 26.

<sup>52</sup> AZEVEDO, Tecendo o Amanhã: a atuação dos estudantes universitários na luta pela democracia na UFAC (1972-1982), 2010.

Com a criação da Universidade, forma-se um grupo estudantil integrado por uma pequena parte de estudantes, os “privilegiados” a cursarem o ensino superior, pois muitos já eram funcionários públicos e alguns pertenciam a elite local. A noção de “privilégio” aqui nesse contexto inicial dos estudantes no estado, difere do “privilégio” descrito por Foracchi onde para ela, os estudantes universitários ao se sentirem privilegiados por cursarem o ensino superior, sentem um sentimento de responsabilidade para com a sociedade, pois os mesmos teriam como dever transformar a estrutura social, seriam porta vozes e representantes dos que estavam à espera de suas ações políticas e sociais, pois:

Não é sem razão que o estudante universitário se considera a si próprio privilegiado, usufruidor exclusivo de oportunidades inexistentes para a maioria dos jovens. Tais representações o incitam, no entanto, a desenvolver uma modalidade de atuação social que busque ultrapassar os fatores pela natureza privilegiada do ensino superior (...) o engajamento do estudante, examinado sob esse ângulo adquire uma conotação criadora. Converte-o num dos agentes da práxis que intenta dinamizar o sistema através da implantação de uma nova ordem social que supere, em definitivo, o status quo. (FORACCHI, 1977, pg. 7).

Como percebido, esse termo de privilégio na criação da universidade no estado se devia ao fato, de somente os oriundos da elite local poderem cursar o ensino superior, e isso dava forma e características singulares aos estudantes universitários antes de 1977, o que explicaria a razão de as atividades dos universitários estarem direcionadas apenas para questões religiosas e culturais, pois os estudantes por serem em grande parte já funcionários públicos, temiam a perda de seus trabalhos e os filhos das famílias da elite local, tinham que representar suas famílias, o que importava durante suas passagens pela faculdade era sair com o título.<sup>53</sup>

Os assuntos que eram tratados pelo DCE antes a chapa Seringueira eram apenas referentes a jogos escolares e as atividades culturais e religiosas. No período que compreende desde a criação do DCE em 1972 até ao ano de 1976, nos arquivos utilizados na pesquisa apresentam-se apenas documentos oficiais e principalmente recibos de compra de matérias esportivos e alimentação. Em 1976, ano que antecede a eleição da chapa Seringueira, temos o convite de encerramento do ano letivo na instituição, onde as atividades são meramente esportivas.<sup>54</sup> Sobrinho (2000) ressalta no seu trabalho com o título *Meios Alternativos de Comunicação e Movimentos Sociais*

---

<sup>53</sup>FARIAS, Raízes da criação da Universidade Federal do Acre, 1996.

<sup>54</sup> Anexo: 1



na *Amazônia Ocidental* que, o movimento de jovens universitário quando veio a ser notícia em maio de 1977 nas páginas do jornal “Nós Irmãos”, apontava apenas para as questões esportivas e culturais, aponta que no boletim (ano VI p. 11) na coluna com o título: Diálogos e Debates com os jovens, o colunista indagava aos jovens de Rio Branco sobre as suas ações, citando notícias do movimento estudantil de Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo, transcritas então dos jornais Estadão e JB,<sup>55</sup> aproveitando-se da matéria, o colunista incita as lideranças estudantis locais, com a indagação: “Aqui em Rio Branco? Todos muitos ocupados com os jogos “universitários”. (SOBRINHO. 2000, P.120).

Os universitários surgem no Acre, ainda no final da década de 60, com a criação do centro acadêmico da Faculdade de Direito, porém a instituição representativa só vem a existir em 1972, com a criação do DCE, o que não significa na existência de um movimento estudantil no estado, pois:

Se torna necessário, diferenciar Movimento estudantil enquanto processo de mobilização social, de sua estrutura institucional (representação estudantil), pois nos parece que nem sempre um (movimento estudantil) está presente no outro (representação estudantil) (VENCHIA, 2011, p.32).

Nos anos iniciais do DCE não há registro de grandes manifestações e mobilizações dentro do órgão, mas mesmo dentro desse clima de quietude, havia uma certa vigilância por parte da direção da universidade para com os estudantes. O Reitor na época, professor Áulio Gélio, que foi o primeiro reitor da universidade e ficou sobre sua administração por quase 10 anos, mantinha o controle nos processos de eleição para o diretório, chegando a indicar os candidatos que simpatizavam com ideais da Ditadura Militar, e esses alunos sempre acabavam ganhando as eleições. O que mostra porque anterior ao ano de 1977, as ações políticas inexistiam dentro do órgão dos estudantes. Cabe ressaltar a fala do reitor dos anos iniciais da universidade professor Áulio Gélio, em seu Livro intitulado “Criação do Ensino superior no Acre”, onde se referindo aos estudantes fala que a atuação dos mesmos se dava em movimentos “pacíficos”, em defesa de sua classe. Essa possível pacificidade a que se referi o reitor era reflexo do controle que o mesmo mantinha sobre os estudantes. Em outra fala (SOUZA, 2006) assegura que no Acre o que importava aos estudantes é que fossem apenas bons estudantes. Com seu discurso o reitor queria mostrar a

---

<sup>55</sup> SOBRINHO Meios Alternativos de Comunicação e Movimentos Sociais na Amazônia Ocidental (Acre: 1971-81), 2000.

imagem dos estudantes para a sociedade, onde estavam apenas preocupados com suas vidas acadêmicas, sendo que as questões externas e reivindicativas não eram refletidas dentro da universidade. No entanto de acordo com os estudantes, essa era a ideia que o reitor gostaria que fosse transmitida dos mesmos. Para se ter uma ideia desse controle da “imagem” do estudante, em 1981 os universitários entram em uma grande greve seguindo o movimento nacional e de acordo com o Jornal Gazeta do Acre, de 03 de abril de 1981, o reitor dizia que não sabia nada sobre a greve no Acre, até estranhando quando lhe foi perguntando por um repórter sobre a greve. Na reportagem o reitor teria dito que não teria nenhum poder para ameaçar ou intimidar os universitários que estivessem interessados na greve, bem como teria negado que já tinha colocado de sobreaviso a polícia militar para reprimir qualquer movimento grevista dos universitários. De acordo com a manchete do jornal, Áulio Gélio teria ido a Brasília, para receber instruções especiais do ministro da Educação da época Rubem Ludwig, sobre formas de impedimentos dos movimentos grevistas universitários.<sup>56</sup> Nos anos iniciais do DCE, o reitor agia na tentativa de passar a imagem que os estudantes da UFAC como pacíficos e que a eles não interessava um movimento reivindicativo como acontecia no resto do país. Porém esse “pacificidade” pactuada dentro do órgão vai sendo substituída pela mobilização social a partir de 1977, que segundo Venchia (2011), é característica principal para que dentro de uma entidade representativa de estudantes haja a existência de um movimento estudantil.

---

<sup>56</sup> Arquivo do DCE, recorte do Jornal A gazeta do Acre, 03-01-1981. Caixa 09, número de série 240.

## **CAPÍTULO 2: A SERINGUEIRA CHEGA A UNIVERSIDADE, NOVAS PROPOSTAS, PRÁTICAS E DISCURSOS**

Destinamos esse capítulo para análise da chapa Seringueira, por a considerar muito significativa dentro da história do ME acreano, a Seringueira tem um duplo significado de importância dentro do ME no estado. Primeiramente ela aparece como uma opção alternativa para a direção do DCE, o que até então, desde a criação da Universidade e da formação da entidade estudantil não havia ocorrido, e segundo porque é a chapa que traz para dentro do Movimento Estudantil as temáticas sociais que faziam parte sociedade acreana no período. A resistência dos estudantes aparece então nessas duas perspectivas.

Como dito no capítulo anterior o ano de 1977, é muito significativo quando se trata do Movimento Estudantil no Brasil. É em 77 que os estudantes brasileiros retornam às ruas depois de um período em que a mobilização de estudantes no Brasil se dá de forma clandestina. Após a tomada das ruas pelos estudantes, outros segmentos sociais também voltam a ocupá-las, fazendo com que as mesmas se tornem um espaço expressivo e de muita significância para a volta da democracia no Brasil. Quando o Movimento Estudantil no país está tomando um novo fôlego é que no estado do Acre, surge dentro Universidade Federal do Acre, um grupo de estudantes que reconfiguram as práticas estudantis dentro da instituição, tornando o ano de 1977 um marco também para o Movimento Estudantil estadual. Acreditamos que o ME na Ufac, começa a aparecer a partir de 1977, onde os estudantes expandem as ações estudantis para além da institucionalização do órgão representante.

Reiteramos que, antes do ano de 77 os estudantes universitários no Acre, mantinham laços estreitos com a administração da instituição, o que fazia com que o movimento de estudantes apresentasse características de grêmio estudantil. Somente depois de 77 é que o movimento de estudantes ganha uma nova roupagem na Universidade e começa a contestar a própria instituição, bem como a forma de governo dos militares no Brasil, e trazem a discussão da defesa da floresta como uma importante pauta dentro no movimento de jovens universitários.

Por acreditarmos que o contexto cultural também influi no contexto social acentuamos o que diz Stuart Hall acerca do processo de identificação cultural, onde agentes assumem uma posição mesmo que transitória, onde:

A identidade cultural não é fixa, é sempre híbrida. Mas é justamente por resultar de formações históricas específicas, de histórias e repertório culturais de enunciação específicos, que ela pode constituir um “posicionamento” ao qual chamo provisoriamente de identidades. Isto é qualquer coisa. Portanto cada uma dessas histórias de identificação está inscrita nas posições que assumimos e com as quais nos identificamos. Temos que viver esse conjunto de posição de identificação com todas as suas especificidades (HALL, 2007, p. 409).

No contexto que estão inseridos os atores sociais se situam, assumem um certo tipo de posição, e nessa posição são produzidas as práticas que dão especificidades ao contexto geracional a que pertencem. A maneira de “ver” o mundo, de “ler-lhe”, acaba influenciando nas ações enquanto participantes de uma “realidade”, onde tentam imprimir suas concepções moldadas pelo contexto social onde estão inseridos. Roger Chartier citando Pierre Bourdieu, alega que “a representação que os indivíduos e os grupos exibem inevitavelmente por meio de suas práticas e propriedades faz parte integrante de sua realidade social”. (CHARTIER, 2001, p. 8).

Sobre a influência de Chartier, direcionaremos nosso olhar para o grupo histórico de estudantes que compuseram a chapa Seringueira, em um período em que dentro da Universidade Federal do Acre, não existia uma chapa contrária a indicação do Reitor da época.

A chapa Seringueira foi composta em 1977 por quatro estudantes, três deles homens e uma mulher<sup>57</sup>. A presidência da chapa foi assumida pelo xapuriense Valdir Nicácio de Lima estudante de enfermagem. Vindo da cidade de Xapuri Nicácio era descendente direto de seringueiros e presenciou de perto o drama enfrentado por esses homens referente a expropriação da terra. Valdir era o que mantinha bom senso ao falar com as pessoas, era amável, educado, considerado o articulador do grupo, de acordo com Eurenice Oliveira<sup>58</sup>. Valdir mantinha uma boa relação com alguns alunos apesar de ser fortemente criticado por sua aparência, pois fazia parte dos “barbudos desocupados” os “baderneiros” da Universidade. Eurenice no momento da entrevista agora rememorando o tempo passado fala no “tempo do agora” no

---

<sup>57</sup> Anexo, 02.

<sup>58</sup> Entrevista concedida por LIMA, Eurenice Oliveira de. (Novembro de 2017). Entrevistador: Queila Batista dos Santos. Rio Branco, 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita na Apêndice desta dissertação.

processo de rememoração (BENJMAIM, 1994), momento onde as experiências vividas são narradas a partir do tempo presente e ganham novos significados. Acerca desse processo de evocar o passado a partir da memória e construir narrativas, gostaríamos de evidenciar a perspectiva de Sarlo (2007), onde a volta ao passado é conflituosa, pois na relação memória e história, haverá sempre uma falta de credibilidade de uma com relação à outra, posto que:

Nem sempre a história consegue acreditar na memória, e a memória desconfia de uma reconstrução que coloque em seu centro os direitos da lembrança (direito de vida, de justiça, de subjetividade). Pensar que poderia existir um entendimento fácil entre essas perspectivas sobre o passado é um desejo ou um lugar-comum. (SARLO, 2007, p. 9).

Nesse processo de retorno ao passado a ex-integrante da Seringueira se refere ao presidente da chapa Valdir Nicácio como uma figura que era considerada excêntrica por alguns, pois além de usar uma barba longa, andava pela universidade com um legítimo sapato de seringa, uma espécie de calçado fabricado pelo próprio seringueiro, e que segundo Eurenice, diante do atrito com os pés exalava um forte cheiro, porém parecia não incomodar a Valdir, onde ele com o sapato rústico que era usado pelo seringueiro estava representando a presença deste dentro da Universidade, assim narra Eurenice:

Naquela época, eu achava engraçado usar sapato de seringa, mas era um ato de coragem e uma postura desafiante, usar esse tipo de sapato por vários motivos. Primeiro, porque lembrava um mundo que estava sendo derrubado, como as árvores, depois porque era uma identificação que era repelida por vários outros grupos sociais, dentro da cidade e na própria universidade. O sapato de seringa era um signo do qual, quase todos queriam se afastar, porque lembrava o rural, o antigo, etc. Além disso, era um sapato que causava suor nos pés e um forte odor que lembra a seringa molhada e escorrega, mesmo aderindo totalmente ao pé, como uma sapatilha de balé. No entanto, é uma invenção tecnológica de um trabalhador que precisava se livrar dos espinhos e dos animais venenosos que habitam o chão da floresta enquanto corriam pelas estradas de seringa, fazendo o trabalho de coleta do látex. Nessa medida é uma resposta criativa que combina distância dos produtos industrializados, baixo poder aquisitivo dos seringueiros e suas famílias e acesso a matéria prima. É bom lembrar também que, na década de 1970, as cidades do Acre e Rio Branco, principalmente, estavam povoadas por homens de chapelões, botas e cintos largos, os tais prepostos de “fazendeiros paulistas”, que eram vistos nos bancos, nas repartições públicas, nos restaurantes, etc. Neste contexto, andar de sapato de seringa era uma deliciosa forma bem humorada de encontrar possibilidades de enfrentamento e marcar posição para um jovem com idade aproximada dos vinte anos, que estava chegando ao curso universitário, vindo de um lugar, Xapuri,

onde o saque às terras dos seringueiros era intenso e onde o movimento dos seringueiros eram bem organizado e atuante. Era muito mais que uma simples declaração de oposição! Visto em perspectiva histórica e tentando reproduzir as nossas percepções da época, era uma simples forma de rechaçar um projeto político para a Amazônia Acreana. “Olha, eu não gosto e não aceito o projeto da Ditadura Militar para o Acre, por que acaba com os seringueiros e seu modo de vida. Não aceito e vocês não podem me chamar de subversivo e nem me prender por usar sapatos de seringa!”<sup>59</sup>

Ao usar o sapato de seringa Valdir contestava a presença de novas figuras na região, que estavam associadas com a devastação da floresta, com a expulsão de seringueiros e com muitas mazelas sociais que foram sentidas principalmente na população dos seringais. Ao usar o calçado se mostrava diferente dos fazendeiros paulistas como relatou Eurenice, pois esses homens que vieram de “fora”, usavam objetos que lhes caracterizavam como diferentes na região, como os chapelões, os cintos largos, as botas diferenciadas. E esses componentes os caracterizavam como os “outros” que estavam aqui em um projeto capitalista, que traziam serias consequências para a população que estava na floresta. Acreditamos que o ato de usar o sapato de seringa, era uma forma de resistir que o jovem estudante encontrou para contrastar com a nova presença que era vista na região, onde trazia algo que remetia a vida na floresta.

Ocupava o cargo de vice-presidente da chapa Seringueira o estudante de economia Alvaro de Melo Salmito, funcionário do Sesc-Acre. Era diretor cultural e trafegava entre os projetos de artistas da época, tinha conhecimento de outros centros urbanos como Rio de Janeiro e São Paulo, e possuía graduação em sociologia. Alvaro não era da região, veio de uma cidade do nordeste brasileiro. De acordo com Eurenice era o mais o mais vigoroso e crítico contumaz de tudo, “Quando ele falava, sua voz preenchia todo o espaço e tomava conta da atenção de todos, expressando sempre inconformismo e certeza com a mesma força e clareza, deliciosamente obstinado e vibrante” (LIMA, 2017).

Valteries Diógenes Pinheiro, estudante de matemática ocupava o cargo de tesoureiro, também veio da região do Nordeste, era recém-chegado no estado do Acre. Era funcionário público e trabalhava na extensão rural da Empresa de

---

<sup>59</sup> Entrevista concedida por LIMA, Eurenice Oliveira de. (Novembro de 2017). Entrevistador: Queila Batista dos Santos. Rio Branco, 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita na Apêndice desta dissertação.

Assistência Técnica Extrativista Rural do Acre (EMATER). Nas palavras de Eurenice ele “era calado e brincalhão, e gostava de tomar cerveja e ouvir MPB”<sup>60</sup>, porém por ser funcionário público, o jovem estudante não podia expressar publicamente as suas discordâncias políticas, mas era muito politizado e tinha sensibilidade social. A entrevistada alega<sup>61</sup> que essa combinação garantiu a sua proximidade, adesão e participação na luta com a Chapa Seringueira.

E temos nesse quadro de composição da Seringueira a única mulher que ocupava o cargo de secretária, Eurenice de Lima, que assim como Valdir era acreana, e descendente de seringueiros. Eurenice cursava economia, e acompanhava mesmo que de longe os conflitos pela terra no estado, apesar de nunca ter indo num local de conflito, pois tinha medo, ficava na cidade torcendo pelos seringueiros<sup>62</sup>.

Esses jovens estudantes já mantinham uma relação de proximidade com as causas dos seringueiros no estado do Acre, participando de movimentos em prol da floresta e em Comunidades Eclesiais de Base. Quando chegaram à Universidade já tinham conhecimento pelo que passava o seringueiro no contexto da expropriação da terra. Na década de 70 segundo Rocha<sup>63</sup> que foi militante em vários segmentos sociais inclusive no Movimento Estudantil, as pessoas atuavam em vários movimentos sociais, e esses movimentos eram chamados na época de movimentos populares. De acordo com ele:

No final da década de 70 e início dos anos 80, muitas pessoas atuavam em vários movimentos sociais, todos nós. Na época eu fazia parte do movimento em defesa da Amazônia, que foi um movimento criado aqui em 76, 77, ou 78 acho que foi em 77, 78. Então outros colegas faziam parte eu fiz parte também, então no fundo isso era uma defesa muito mais coletiva, quem atuava muito nos movimentos sociais, nos movimentos estudantis. Agente chamava muito naquele período de movimentos populares, todos nós tínhamos uma preocupação sobre o que era a defesa da Amazônia, a gente percebia que no processo da ditadura militar, a Amazônia estava sendo vendida para os estrangeiros para os americanos, um exemplo mais gritante disso desse cenário, dessa internalização da Amazônia, foi o projeto Carajás de um bilionário americano. Aqui no Acre por exemplo quando houve a venda das terras, aqui tinha o Bradesco que comprou terra, então a gente era muito atento aos diversos movimentos sociais dentre eles o movimento estudantil,

---

<sup>60</sup> Entrevista concedida por LIMA, Eurenice Oliveira de. (Novembro de 2017). Entrevistador: Queila Batista dos Santos. Rio Branco, 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita na Apêndice desta dissertação

<sup>61</sup> Idem.

<sup>62</sup> Entrevista concedida por LIMA, Eurenice Oliveira de. (Novembro de 2017). Entrevistador: Queila Batista dos Santos. Rio Branco, 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita na Apêndice desta dissertação.

<sup>63</sup> ROCHA, Airton Chaves da. Airton Chaves da Rocha: depoimento (novembro de 2017). Entrevistadora: Queila Batista dos Santos. Rio Branco- Acre, 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita na Apêndice desta dissertação.

era um luta principal que se atuava nos diversos movimentos sociais no movimento estudantil, etc, tendo como foco comum a defesa da Amazônia, contra a penetração na Amazônia, por uma universidade mais amazônica, e politicamente contra o que agente chamava aqui de atentado à soberania nacional, agente chamava os militares de entreguistas, então era um dos elementos que permeavam essa defesa da Amazônia. (ROCHA, 2017).

Os integrantes da Seringueira eram jovens que já transitavam entre esses vários movimentos populares, o que explica o discurso da chapa comprometida com as causas dos seringueiros expropriados de suas terras e a defesa da Amazônia. Os estudantes se permeavam entre os vários segmentos sociais, e neles levantavam o discurso em defesa da terra.

Para Dourado (2011) o Movimento Estudantil no estado do Acre na década de 70 e 80, estava declaradamente comprometido com a luta histórica dos seringueiros, afirma que:

Em 1977, a chapa vencedora das eleições para o DCE da UFAC, chamava-se Seringueira e era encabeçada por um estudante de enfermagem filho de seringueiros, Valdir Nicácio. A vitória desse grupo de estudantes estabeleceu um divisor entre as direções associadas, a reitoria, fieis a ditadura militar, e uma nova proposta, comprometida com as lutas sociais, com os trabalhadores e o oprimido. (SOUZA, 2011, p. 202).

Esses estudantes, direcionam agora o movimento em que estão sobre a direção para as temáticas de exclusão e injustiças que são evidenciadas na sociedade. Segundo Eurenice Oliveira<sup>64</sup>, na mesma semana em que o nome seringueira foi proposto para a chapa, ela tinha participado de um movimento de contestação por conta de derrubada de árvores de uma certa região. A criação da chapa foi uma atitude consciente dos alunos que além de quererem darem voz ao Movimento Estudantil para que fosse desvinculado da reitoria que naquele momento que para eles representava a Ditadura Militar, representava também uma atitude de pertencimento àquela realidade local, e usam o movimento como um lugar também de contestação frente a realidade de lhes é apresentada. Na ótica de Lima (2017)<sup>65</sup>, a vitória da chapa Seringueira pode ser explicada pela existência na Universidade de alunos acreanos em maioria, se identificavam com o discurso e plano de campanha da chapa apresentada. Mesmo dentro do quadro de estudantes da época existirem

---

<sup>64</sup> Entrevista concedida por LIMA, Eurenice Oliveira de. (Novembro de 2017). Entrevistador: Queila Batista dos Santos. Rio Branco, 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita na Apêndice desta dissertação.

<sup>65</sup> Idem.



estudantes de outros estados, porém em sua grande maioria eram estudantes acreanos, o que fez com que os discursos da chapa atraíssem seus votos e a atenção ao que a chapa representava, o que, de alguma forma remetia a origem de grande parte dos estudantes, pois muitos eram descendentes de seringueiros e isso também pesou na hora da votação. Outro fator que também teria contribuído para a vitória desses estudantes, foi a naturalidade do presidente, pois sendo acreano representava a população local. De acordo com Lima (2017) o fato de todos os presidentes para o DCE serem indicados pelo reitor, onde existia sempre uma candidatura única, restando aos alunos apenas a aceitação daquele representante, despertava em alguns a vontade por mudanças, principalmente porque, segundo ela, esses estudantes indicados eram em sua maioria de outros estados do Brasil, o que causava uma sensação de não representatividade dos alunos acreanos. Relatou no momento da “entre/vista” de um jovem estudante do qual não conseguiu lembrar o nome, que tinha traços diferentes dos acreanos, que era loiro dos olhos azuis e tinha uma maneira de falar (sotaque) diferente da que era acostumado a se ouvir na região. E aquilo pelo menos nela, nutria a vontade de tomar a direção do DCE, pois assim como a Universidade, o diretório dos estudantes deveria ser dos estudantes acreanos, dirigida por eles e para eles, e não por paulistas (outros) que além de não conhecer a realidade local, mantinham relações íntimas com a reitoria, que representava uma extensão da ditadura no espaço acadêmico.

A vitória da chapa representou algo muito significativo para o movimento estudantil no estado do Acre, sendo o divisor de águas para o estudo do mesmo. A existência da chapa e sua vitória não só representa a inserção do discurso da temática da derrubada da floresta e expulsão dos seringueiros, mas também representa uma ruptura no movimento estudantil. A chapa é a primeira a se lançar em oposição ao reitor onde com a inscrição da chapa se tem pela primeira vez uma eleição com duas opções para que os alunos votassem. A vitória que refletiu o desejo de mudança dos estudantes, surpreende até mesmo os próprios integrantes da chapa, apesar que quererem muito a vitória, encaram os resultados com grande surpresa. Acerca do processo eleitoral Lima narra:

Havia certo mal-estar na gente, nos nossos colegas e nos professores que estavam em sala, parecia um acordo tácito: vamos deixá-los falar, assim vão embora logo! Mas nós éramos didáticos, claros e rápidos. Dizíamos: “O reitor escolhe o presidente do DCE, define uma chapa única e você vai permitir que

isso continue?! O reitor não é dono do seu voto! Vote numa chapa de estudantes”. Havia um colega nosso o Álvaro Salmito, que tinha uma voz vibrante e clara, articulava bem, quase sempre era o nosso porta voz. Havia também o Valdir Nicácio, o presidente da chapa, era doce, brincalhão e falava o nosso acreanês era lá de Xapuri, conseguia chegar bem junto dos estudantes na sala de aula. Eu e o Waltelis éramos os caladões que acompanhavam as visitas de convencimento. Muitos diziam que nós éramos doidos que estávamos mexendo com cachorro grande. Nos intervalos, na cantina e em vários locais éramos evitados por uns e procurados por outros. Muitos não queriam se comprometer, outros até debochavam. Assim, nós ficamos até a apuração, numa tensão enorme, ganhar foi como um frio que passou pela nossa espinha, coluna vertebral, ganhamos?! O que aconteceu? Susto. (LIMA, 2017).

Em sua fala, 40 anos depois do significativo ano de 77, Eurenice além de apresentar a vitória da chapa como uma surpresa, também evidencia o processo eleitoral e como eram vistos pelos outros estudantes e pelos professores. É interessante ressaltamos as frases que eram ditas em sala de aula no período eleitoral, como: “O reitor escolhe o presidente do DCE, define uma chapa única e você vai permitir que isso continue?!” E “O reitor não é dono do seu voto!” Como também “Vote numa chapa de estudantes”. As frases são muito impactantes ao nosso ver nesse processo eleitoral, pois elas claramente desafiam o reitor com sua indicação para composição da chapa única. Quando pronunciadas, os componentes da Seringueira instigam os alunos alegando que o reitor não é todo do voto de ninguém e que eles poderiam escolher por eles mesmo, e deixando claro que o DCE é dos estudantes e eles teriam a opção de votarem em uma chapa que representasse os estudantes. Acreditamos que nesse processo de eleição tanto alunos como professores estranharam a “invasão” da sala de aula por alunos, que se lançavam a direção do DCE, pois antes não haviam esse tipo de “visitas” as salas.

Outra questão que nos cabe salientar na fala da ex-integrante da chapa Seringueira, é quando relata que alguns alunos diziam que eles eram doidos e não sabiam com quem estavam se metendo, e que estavam mexendo com cachorro grande, se referindo ao reitor que até então, apadrinhava os candidatos. Podemos perceber nesse processo eleitoral para o DCE de 1977, que os próprios alunos se dividirão em seus discursos, alguns tinham medo de serem visto com os integrantes da chapa e até os evitaram, outros e aí a grande maioria votaram na mesma, o que pode indicar que no processo eleitoral alguns alunos se mantiveram distante da proposta apresentada pelos estudantes da Seringueira, mas que nas urnas mostraram seu desejo de mudança.

Sobre a existência da chapa Seringueira no Movimento Estudantil acreano, consideramos de grande significado histórico, a entrevista que a mesma concedeu ao jornal *Varadouro* em 1977, após a sua vitória. O Jornal tornou visível a existência desse grupo de estudantes que modifica às práticas estudantis dentro da universidade.

Na edição de novembro de 1977, O jornal traz como tema principal de uma ampla reportagem que toma quatro páginas do boletim a manchete: “Venceu a Seringueira”, onde realiza uma entrevista com os integrantes da chapa dias após a significativa vitória. Sobre a existência do jornal, cabe ressaltar que o foi importante para a criação da chapa vencedora, pois de acordo com Lima (2017) seus componentes eram leitores assíduos do boletim, que retratava a realidade local, dando voz principalmente aos pobres e excluídos, relata que:

O varadouro foi um jornal que deu voz e expressou todo o dilema da época. Houve um tempo em que fazia a transmissão, quase em tempo real, da tragédia vivida pelos homens e mulheres do seu tempo. Seus corajosos jornalistas e colaboradores, escreviam sobre as ideias de trabalhadores, seus encontros para montar sindicatos, mostravam as táticas dos paulistas, os assassinatos do campo, acompanhavam as ações dos trabalhadores na cidade na frente do INCRA, do palácio de Rio Branco, as Assembleias e outros locais. Esse jornal teve um papel muito importante para o movimento social em geral e para o movimento estudantil da época. Há como nós liamos e acompanhávamos cada edição. (LIMA, 2017).

Com a entrevista da chapa Seringueira, o jornal *varadouro* deixa registrado na história do Acre e do Movimento Estudantil a existência da chapa e sua proposta de mudança no ME acreano. A reportagem do jornal é essencial para o conhecimento da Seringueira por gerações futuras de estudantes, acredito que em termos de documentação, seja uma das fontes mais significativas para o conhecimento desses estudantes que trazem a discussão da floresta para a universidade.

O *Varadouro* foi um jornal que trazia em suas manchetes questões vivenciadas pela sociedade acreana, onde as injustiças que eram cometidas contra os seringueiros e os mais pobres eram destacadas em suas reportagens. Michele da Costa Portela em sua dissertação intitulada *Varadouro – um jornal das selvas, um estudo sobre a vida no alternativo*, afirma que o mesmo passou a existir por iniciativa da Igreja Católica no Acre, especialmente a Prelazia do Acre e Purus, onde reunia

jornalistas e intelectuais que atuavam contra o governo militar<sup>66</sup>. Segundo a autora o jornal foi uma das formas de resistência na região, onde estava ligado aos mais pobres, diferentes dos outros jornais que para ela não mostrava a realidade da sociedade acreana principalmente dos excluídos, onde:

O projeto de sua linha editorial optava por apoiar e dar tratamento preferencial aos movimentos sociais, índios, seringueiros e colonos – reconhecidos então como populações tradicionais do Acre, sem exclusão de outros conflitos sociais, como os urbanos – meninos de rua, homossexualismo, o surgimento dos bairros e de favelas na capital do Acre, Rio Branco (...) O jornal fez oposição direta às classes dominantes, principalmente grandes latifundiários e oligarquias locais, que ocupavam cargos no Governo Estadual e Federal, assim como o sistema judiciário, por serem considerados, consoante aos termos do próprio Varadouro, mais “poderosos” e “perigosos”. (PORTELA, 2009, p. 22).

O jornal ficou em circulação no estado do Acre entre o mês de maio de 1977 e dezembro de 1981, surgindo vinculado a Igreja Católica, tornando-se um meio de comunicação que tornava público, os crimes que erram cometidos no estado principalmente os que eram praticados contra o homem do campo, transformando-se em um porta voz do povo da floresta, constituindo-se uma forte força de resistência ao contexto da Ditadura Militar e a expansão agropecuária de 1970. Para Portela (2017) o jornal ganhou espaço e importância no mercado do campo jornalístico acreano, por “ter se voltado para um jornalismo de forte apelo comunitário, preenchendo uma lacuna que os jornais diários ou da grande imprensa foram perdendo no decorrer dos últimos anos” (PORTELHA, 2009). Essa mudança de enfoque, segundo ela se deu porque os jornais da grande imprensa, sofreram influência dos grupos dominantes políticos locais.

Com a entrevista da chapa Seringueira ao Jornal que dava voz a selva, a sociedade tomou conhecimento da vitória da mesma e do Movimento Estudantil que estava a se estruturar dentro da Universidade Federal do Acre, e claramente se mostrando em oposição ao reitor, e suas práticas, muitas delas ditatoriais.

Em novembro de 1977, em sua sétima edição<sup>67</sup>, Varadouro torna visível a Seringueira para a sociedade após a significativa vitória, apesar de na capa do boletim não indicar sobre a vitória nem sobre a entrevista da chapa, a reportagem é a primeira

<sup>66</sup> Portela, Varadouro – um jornal das selvas, um estudo sobre a vida no alternativo, 2009.

<sup>67</sup> Jornal Varadouro Ano II, nº 05, Rio Branco Acre, novembro de 1977.

matéria do jornal, sendo antecipada somente pelo espaço destinado a publicação das cartas dos leitores. Na capa dessa edição, que tem uma criança com traços indígenas em um espaço interno de uma casa, representando uma humilde residência da periferia, a única mensagem textual que nos chama a atenção para a questão da universidade, é o segundo tópico onde se destaca os dizeres, “Universidade tranquila”, se referindo a outra matéria sobre a quietude na Universidade, que vem logo após a matéria da Seringueira.

Sobre o clima de quietude, que a matéria do Varadouro na edição de 1977 se referi, gostaríamos de contextualizar com a fala Lima (2017). Na matéria *Universidade: tranquila demais* os editores do jornal, criticam a quietude acadêmica e de mobilizações sociais que é percebida dentro da instituição. Num trecho que faz parte do primeiro parágrafo do texto, eles afirmam que a universidade é vista de longe como um bezerro de ouro, como as outras instituições do Acre. Ressaltam que

Para o observador “leigo” a universidade é apenas uma das maiores construções da cidade, que tem jardins mais tratados, por onde se fica sabendo das últimas infidelidades maritais da elite local...Ou, então é vista de longe como um “bezerro de ouro” entre as muitas instituições acreanas. Concretamente, quais os serviços que a Universidade vem prestando ao estado do Acre? Trata-se de uma pergunta principal, que precisa ser respondida a qualquer custo e sem subterfúgios de palavras ou expressões empoladas, porque não se entende uma instituição de ensino voltada para si própria, como não se entende professores, cientistas e alunos pesquisando seus próprios umbigos. (Jornal Varadouro Ano II, nº 05, Rio Branco Acre, novembro de 1977, p. 5).

O jornal critica a Universidade por estar voltada somente a si, por não ampliar as discussões para a realidade da sociedade a sua volta, dando como exemplo na reportagem a vinda para a região de um professor da Paraíba que diagnosticou segundo os editores, de uma forma muito perspicaz o estado de espírito da universidade, com a frase: “universidade tranquila demais para uma sociedade efervescente”.<sup>68</sup> A crítica se dava porque esse professor ao chegar no Acre, percebeu que o estado passava por transformações socioeconômicas e a Universidade parecia indiferente ao que acontecia na sociedade acreana. O jornal ainda relata que esse professor paraibano, saiu da cidade e foi até os seringais, tendo conversando com seringueiros, posseiros e empresários, como tendo andado também pela periferia de Rio Branco, e que após visitar esses espaços, se mostrou desencantado por perceber

---

<sup>68</sup> Idem, p. 5.

que na Universidade, as temáticas atuais da sociedade acreana não estavam sendo, discutidas, analisadas e interpretadas dentro das salas de aula<sup>69</sup>. O jornal ainda na sua crítica, usa como exemplo, uma aula no curso de direito, onde o professor continuava a fazer juris simulado sobre o nazismo, enquanto que a estrutura do estado poderia servir de contexto para as aulas e os juris, sendo considerada a realidade acreana da época pelos editores no jornal uma das mais complexas do país, que então ofereceria uma ótima matéria-prima para pesquisas e estudos sérios.<sup>70</sup>

A reportagem critica duramente a Universidade com seus manuais, onde não estabelecem diferenças com a realidade da sociedade acreana, apesar de reconhecerem que mesmo timidamente algumas ações em alguns cursos inseriam o contexto local no discurso acadêmica, com um simpósio sobre História do Acre, outro sobre Recursos da Amazônia e outro sobre Economia regional, realizados nos serviços de extensão, onde segundo o jornal precisavam surgir iniciativas que seguissem essas pioneiras<sup>71</sup>. Sobre o contexto da realidade local, refletido na Universidade, o jornal alega que

Essa preocupação com a realidade, entretanto, ainda não permeou o ensino propriamente dito, da universidade. Com raríssimas exceções, os professores continuam passando o que está nos manuais de economia, sociologia, pedagogia e demais “logias”, sem estabelecer paralelos ou introduzir dados da realidade local. Como se a estrutura de produção, os grupos sociais do Acre não tivessem nada a ver com as teorias dos livros. No curso de direito como já se disse acima, não se verifica a preocupação de estudar e sugerir alternativas para o grave problema agrário do Estado, enquanto lá fora vão se alastrando os conflitos pela posse da terra. No curso de pedagogia, idem: não aparecem iniciativas de pesquisas de métodos que respondam as exigências da área rural ou suburbana. Ou o impacto que uma criança do seringal sofre ao chegar na cidade não merece ser estudado? O curso de enfermagem continua formando profissionais apenas para a demanda dos hospitais, sem se preocupar com os postos de saúde do interior. E assim por diante. É de se perguntar, então, qual a diferença entre um curso feito no Acre, na Amazônia de um feito em São Paulo, ou não deve haver diferença? <sup>72</sup>

O jornal critica assim o ensino que era oferecido pela instituição e que não era voltado para a realidade que a sociedade acreana estava vivenciando, atribuindo os que eles chamam de “alienação” em grande parte aos professores que detinham o poder do ensino. Alegavam que embora os professores possuíssem boa vontade,

---

<sup>69</sup> Idem, p.5.

<sup>70</sup> Jornal Varadouro Ano II, nº 05, Rio Branco Acre, novembro de 1977, p. 5.

<sup>71</sup> Idem, p. 5.

<sup>72</sup> Idem, p. 5.

essa não era suficiente pois os mesmos estavam defasados em suas especialidades. Com a vinda de professores do Sul e do Centro-oeste, acreditavam que começaria a sopra uma brisa de renovação.<sup>73</sup> Contudo de acordo com o jornal esses professores vindos de fora ainda teriam que mostrar se estavam dispostos “a sujar” as mãos com a realidade acreana, e não somente vindo ao estado na busca de um emprego, quando as universidades de seus estados não ofereciam mais vagas, por conta da muita procura.<sup>74</sup> O jornal também considera como aspecto importante a ser considerado, sobre a realidade local no ensino universitário, a questão da estrutura administrativa da universidade, o que em nível geral não deveria assumir um peso nesse aspecto, mas por razões que consideram peculiares e conjunturais, tinha uma dimensão desproporcional. Alegavam ao fator do reitor e assessores que ocupavam cargos burocráticos, não possuírem experiências acadêmicas, sendo no ensino refletidas as consequências dessa falta de vivências por quem dirigia a universidade. Atrelando a essa falta de experiência, ainda de acordo o jornal, estava a centralização da universidade, onde tudo tinha que passar pelas mãos e conhecimento do reitor, e a inexistência de colegiados dificultando a existência de projetos e de um ensino mais fluido sobre a realidade local, pois sem a existência de colegiados os poderes do reitor eram absolutos e sobre o qual pairava qualquer decisão dentro da universidade.<sup>75</sup>

Se entre os professores e dirigentes da Universidade, as questões da realidade local não eram apresentadas, problematizadas e discutidas, isso também tampouco o era no movimento de jovens estudantes, e sua instância representativa o DCE. Lima (2017) no momento da entre/vista relata que ouviu um artigo na época que circulou nos jornais que acabou deixando o reitor Áulio Gélio muito irritado, pois o artigo considerava a universidade uma “ilha” isolada dos acontecimentos locais que a cercava, relata:

Lembro de um artigo do Horácio de Carvalho, publicado em jornal diário, salvo engano, é esse o nome do autor, mesmo. No artigo, seu autor argumentava que a “universidade era uma ilha” por que as questões sociais não eram discutidas e nem pesquisadas na universidade. A universidade parecia ausente por que não discutia esse processo e nem se posicionava diante das injustiças praticadas contra os trabalhadores/seringueiros que sempre foram importantes para a fundação do Estado e para a manutenção da vida neste Brasil acreano. Esse artigo irritou profundamente o Reitor, nomeado pela Ditadura Militar, por mais de uma década. (LIMA, 2017).

---

<sup>73</sup> Idem, p. 5

<sup>74</sup> Jornal Varadouro Ano II, nº 05, Rio Branco Acre, novembro de 1977, p. 5.

<sup>75</sup> Idem, p.5

Como podemos perceber tanto pela reportagem como pela fala da ex-militantes do Movimento Estudantil, que as discussões acadêmicas sobre as transformações por que passava a sociedade acreana, eram praticamente inexistentes dentro da Universidade, o que faz com que o grupo de estudantes com seu discurso agora voltado aos acontecimentos locais, ganhem grande significância dentro da história do Acre, quando inserem dentro da ME e dentro da universidade questões ligadas ao mundo amazônico, onde com suas vivências em vários movimentos sociais, não poderiam deixar de inserir a universidade dentro dessa temática importante na época.

A entrevista da chapa Seringueira para o jornal Varadouro, se constitui em nossa análise de uma importante fonte documental, visto que é a única existente sobre a existência da mesma, e é muito significativa para percebermos as práticas e discurso dos estudantes que a compuseram, porém atentamos para o fato de que na entrevista a Seringueira, esta apresentada conforme a visão do Jornal, na representação do jornal.

A manchete que faz noção a entrevista da Seringueira, tem como título *Venceu a Seringueira!* Onde se faz alusão a vitória, mesmo que desejada, inesperada. A frase seguida de um ponto de afirmação traz a ideia de uma presença que agora se confirma no ME estudantil acreano. Os estudantes venceram e estavam agora com visibilidade dentro da instituição, representariam outros estudantes, o DCE agora seria dirigido por um grupo de estudantes que não mantinham lações tão estreitos com a reitoria, estavam ali, afirmando-se.

Temos também em destaque na reportagem a seguinte frase *Sem o Tação dos Erasmos Dias*, onde o jornal se referia a alguém que parecia sempre estar por perto em termos de qualquer mobilização, e que na gestão da Seringueira esperava-se que o tação do Erasmou ou dos Erasmos não estivesse tão perto assim, para que a Seringueira pudesse realizar o trabalho sem essa companhia tão frequente. Lima (2017) em seu processo de rememoração, indica que Erasmou Dias era um delegado da Ditadura, uma espécie de carrasco, que perseguia estudantes e intelectuais, e que não era natural do Acre. Isso indica que a mobilização de estudantes dentro da Ufac, não era vista de bom grado pelas autoridades locais, vinculadas à Ditadura Militar.

Gostaríamos de ressaltar o texto que traz um resumo da entrevista que se encontra em destaque ao lado esquerdo da manchete. Nele os editores chamam a



atenção para o nome da chapa, que deixa de fazer alusão apenas a uma árvore ganhando outras conotações:

“Seringueira”, aos poucos, deixa de ser apenas uma árvore que produz uma substância chamada látex, da qual se fabrica a borracha e começa a ganhar outras conotações, dando nome, por exemplo, a chapa que concorreu e venceu a eleição do D.C.E da Universidade Federal do Acre.<sup>76</sup>

O nome da chapa é algo bem diferente do que geralmente se esperava de um grupo de alunos que concorrem ao DCE, o que torna a escolha do nome mais uma maneira de representatividade das pessoas que habitavam na floresta. A escolha da árvore como símbolo da chapa, além de ser uma ideia original à época dos estudantes, traz essa relação de algo que era presente na sociedade acreana e que não estava inserido na comunidade universitária. Ainda na entrevista para o jornal Varadouro, temos a seguinte afirmação da estudante, à época Eurenice Lima:

Quando sugeri esse nome, pensei numa tomada de consciência do universitário acreano com relação ao problema da borracha. Queria, pelo menos, que o nome seringueira fosse pronunciado dentro da universidade. Como sabemos, a seringueira, a borracha foi o módulo econômico que atraiu o homem nordestino para essa região. Sustentou-o por várias décadas, fixou-o na terra, ao mesmo tempo que foi motivo de sua exploração, garantindo o luxo de uma pequena minoria. Agora, está aí em franco processo de extinção, de decadência.<sup>77</sup>

Gostaríamos de acentuar uma frase que mostra como na concepção dos estudantes, assuntos da floresta, dos bairros periféricos e da sociedade acreana em geral, não eram discutidos na universidade. Destacamos a frase da entrevista *gostaríamos que pelo menos o nome foi pronunciado na universidade*, visto que não existia algo que remetesse ao meio social em que esses estudantes estavam inseridos dentro da Universidade. Esses alunos trouxeram a simbologia desse homem da floresta, para dentro dos “muros” universitários. Sobre o nome significativo que atribuíram a chapa os alunos na entrevista ao Varadouro, afirmam que quando escolheram o nome, gostariam de algo bem regional que remetesse a realidade local. Os estudantes são interrogados pelos entrevistadores porque escolheram esse nome em vez de outro que remetesse a renovação ou algo parecido, visto que era essa a ideia que estavam propondo dentro da UFAC, Valdir o já presidente do DCE no ato da entrevista responde:

---

<sup>76</sup> Jornal Varadouro Ano II, nº 05, Rio Branco Acre, novembro de 1977, p. 3.

<sup>77</sup> Idem, p. 3.

Quando pensamos em apresentar uma chapa para concorrer às eleições do D.C.E., pensamos também em um nome bem regional que tivesse uma ligação com nossa realidade histórica do Acre. Recentemente, soubemos de uma derrubada de mais de mil pés de seringueiras. A Eurenice sugeriu, então este nome – seringueira – para marcar uma oposição. Outros nomes regionais também apareceram, como “poronga”, “sapé”, etc.<sup>78</sup>

A fala de Valdir na entrevista é interrompida por Valteris, justificando que o nome da chapa venceu em uma eleição feita entre os membros. O nome Seringueira, remetia nesse contexto para os estudantes uma oposição, em um mundo onde as árvores estavam sendo derrubadas, eles a trazem como símbolo para dentro da mobilização estudantil. Ainda sobre o nome da chapa, Lima em sua “entre/vista” recente em 2017, explica como se deu a escolha do nome da chapa e aponta algumas razões que os fizeram em certa medida, trazer a luta dos seringueiros para a Universidade, acerca do nome ressalta:

Chapa seringueira! Como explicar essa escolha? Primeiro, eu gosto de dizer que foi uma escolha consensual. Todos nós, em certa medida, tínhamos a percepção da violência intrínseca ao processo de expulsão dos seringueiros e a implantação de fazendas. Não foi necessário defender a ideia ou justificar. Nós estávamos num grupinho, conversando no intervalo entre as aulas, ou na cantina, ou sentados em roda, no chão de alguma sala sem aula. “Bom então, vamos mesmo participar da eleição para o DCE. Qual o nome da nossa chapa? Que tal Chapa Seringueira? Com tudo o que está acontecendo no campo, é um bom jeito de trazer essa discussão para universidade”. Pronto! A adesão foi imediata. (LIMA, 2017).

Acerca das razões que levaram os estudantes a representar o meio natural da floresta bem com as aspirações de seus habitantes dentro da universidade, Lima (2017) traça alguns apontamentos. Segundo ela as razões eram variadas, porém convergentes, e apesar de pequenos conflitos internos dentro da chapa, a ideia maior era a oposição ao regime vigente, e trazer para dentro da universidade, a luta dos seringueiros. Destaca que a existência da seringueira foi algo muito significativo para época e que foi a mesma que iniciou uma nova fase dentro do Movimento Estudantil na Universidade Federal do Acre. Atentemos a sua fala:

As razões sociais são variadas, mas convergentes. Tentarei um breve desenho desse contexto de múltiplas determinações para mostrar que a Chapa Seringueira foi uma expressão do clima da época que estava cravada como uma unha, no tempo histórico, construída por um punhado de estudantes desafiados que foram aprovados pela da maioria dos seus colegas. Dá para ter uma dimensão do significado dessa eleição?! Nós tivemos coragem de construir a Chapa Seringueira e arrastamos os

---

<sup>78</sup> Jornal Varadouro Ano II, nº 05, Rio Branco Acre, novembro de 1977, p. 5.

colegas no mesmo movimento! Isso é impressionante para a época! Nós não aceitávamos, não compactuamos e ainda encontramos um jeito de afirmar nossa posição, como estudantes que éramos. Até essa época, que eu estou lembrando, não fizemos passeatas e nem apanhamos da polícia. Mas quebramos o monopólio do reitor civil-militar e conquistamos o DCE! Nem lembro por quantos votos de diferença! Mas não podemos mistificar! Para não mistificar essa conquista, é sempre bom lembrar que não tínhamos patronos ou líderes iluminados que tinham a palavra final. É bom lembrar, também, que essa conquista tinha um alcance limitado, pontual, mas adquire importância por que inaugurou a possibilidade de uma nova fase para o movimento estudantil na Ufac. (LIMA, 2017).

Nesse fragmento da “entre/vista” concedida, Lima se reporta, a um fator ao qual já nos referimos, a indicação que dentro do Movimento Estudantil acreano no período da Ditadura Militar, não houve grandes passeatas, nem confrontos com a força policial, porém ao mesmo tempo, existia uma forma de resistência paralela a essas visíveis, como a existência da chapa, que interrompe o apadrinhamento dentro da entidade representativa dos alunos. Voltando as razões sociais apontadas, Lima explica:

Não se trata da defesa ao seringalismo que sempre foi um mundo hostil para os trabalhadores. Nem se trata da crítica ideológica ao projeto da ditadura para a Amazônia, mas de identificar os resultados sociais e os seus impactos humanos. Se as mudanças podiam ser construídas com incentivos de dinheiro público, por que as mudanças não eram benéficas para quem vivia e tinha construído o Acre? Nesse sentido, os seringais estavam sendo destruídos num processo de concentração fundiária em que os “novos donos” do Acre, compravam as terras e benfeitorias por preços simbólicos, e expulsavam os seringueiros, antigos trabalhadores, queimando suas casas e suas culturas. Muitos desses trabalhadores do látex, os seringueiros, inicialmente saiam perambulando com suas famílias em busca de apoio de parentes ou antigos conhecidos moradores de colônias ou da cidade e quase sempre conseguiram erguer moradias em terrenos de ocupação, próximo ao rio, inaugurando novos bairros. Outro contingente significativo, de homens e mulheres seringueiras, se organizou, resistiu à expulsão e defendeu as seringueiras com seus braços, com seu sangue, dando a vida, como acontece entre os trabalhadores que lutam para construir melhores condições de existência para seus filhos e netos. Esse processo de expulsão e de resistência está amplamente documentado pelos pesquisadores que vieram depois. Mas nós estávamos vivendo neste momento, nesta década e diante de nossos olhos percebíamos o processo brutal que se desenrolava. Para mim, era impressionante a coragem desse pessoal que enfrentava a violência da expulsão de suas terras, na solidão dos lugares distantes, podendo ser morto por emboscada, a qualquer instante. É bom lembrar que esses antigos trabalhadores do látex, colocaram os pilares do Estado do Acre com seu trabalho e assim produziram, madrugada à dentro com porongas na cabeça, a riqueza dos patrões seringalistas, em toda a Amazônia. Eram esses trabalhadores originários que estavam sendo escorraçados de suas colocações e até de suas unidades de produção familiar, os assim chamados, colonos. (LIMA, 2017).

Direcionado sua fala a causa dos seringueiros, a ex-militante nos dar uma rápida ideia da sua visão, desse processo econômico e social em que o homem que habitava a floresta passa a conviver. Ressalta a importância desse ser social na história econômica da região, e a mudança que ele passou onde teve que se reinventar dentro dela, buscando para garantir a sobrevivência, auxílio com os conhecidos que residiam na cidade, ocupando áreas formando as invasões, ou no caso de alguns ficando na floresta e resistindo.

Traçando um paralelo com a entrevista cedida ao jornal Varadouro em 1977, gostaríamos de apontar a fala do ex-integrante Alvaro de Melo que era o vice-presidente da Seringueira, fazendo uma expressiva colocação:

Pensamos na relação que existe entre seringueira-seringueiro, representado atualmente pelo posseiro, esse homem que já estava aliado da sociedade e que hoje vem sendo expulso de suas terras. Tem, portanto, também está conotação: seringueira-seringueiro= exploração. Por tabela, seria também uma representação do estudante que igualmente não pode participar por várias razões do processo social.<sup>79</sup>

O estudante aponta para a exploração, que estaria intrinsicamente ligada a figura do seringueiro, que estava excluído da sociedade. Compara também nesse processo da expropriação da terra no Acre, o seringueiro aos estudantes, pois ambos sofriam exclusões. O primeiro por não estar diretamente ligado a economia do estado com a vinda da frente agropecuária para a região, onde essa exclusão econômica também se refletia na vida social. O segundo, o estudante, era excluído como agente social dentro da universidade, pois no regime da Ditadura Militar os universitários não tinham participação ativa dentro da instituição, que como já foi dito, era regida por um reitor que se mostrava inclinado em suas práticas adepto ao regime instaurado no Brasil.

Ainda sobre as razões sociais apontadas por Lima (2017), temos a proximidade que estes estudantes tinham, com as lutas dos seringueiros, por existência de gerações anteriores que residiam no seringal, como no caso dela e do Valdir, ou por conhecimento de leituras e sentimentos de justiça social, como no caso de Valteris Diógenes e Alvaro Salmite, que mesmo não sendo acreanos, se mostravam sensíveis a causa dos seringueiros, aponta que:

Em geral, a maioria de nós, por sermos descendentes ou por leituras, conhecíamos a vida dura desses homens e mulheres na sua luta pela

---

<sup>79</sup> Jornal Varadouro Ano II, nº 05, Rio Branco Acre, novembro de 1977, p. 3.

existência. Então, uma parte da estudiantada, concordava com o autor que afirmava o isolamento da universidade. A Ufac estava concordando por omissão, com todas as injustiças sociais praticadas contra os trabalhadores do seringal. Podia ser diferente, já que a Universidade era uma instituição da Ditadura? Não sei. Mas posso informar que a pesquisa embora germinal, estava constrangida pelo arbítrio e a repressão que são as características da época. Definitivamente, não havia debates e nem artigos escritos sobre a mudança em curso que dilapidava o patrimônio social e derrubava as florestas. Justiça se faça, depois vieram as pesquisas, as dissertações e até as teses, mas isso é outro tempo.

Além da causa social, que faziam os estudantes se identificarem com o sofrimento do homem da floresta, a fala da ex integrante nos remete ao que já indicamos em nosso texto que é o silenciamento da temática dentro da universidade, onde indica que o próprio silêncio da instituição era um claro sinal de omissão. Também acentua o que vai de encontro com nossa argumentação que até 1977, as temáticas amazônicas não adentravam no interior da Universidade. O que torna enquanto sujeitos históricos o grupo de estudantes em análise, um marco significativo dentro da instituição, ao trazerem o discurso da floresta.

Atentemos também dentro desse contexto da história acreana, a presença da Igreja Católica nas lutas em prol dos trabalhadores da floresta, já nos ferimos a importância da igreja nesse cenário, porém gostaríamos de apresentar a fala da nossa entrevistada 40 anos depois de sua ação, pois a influência das CEBs, nos jovens estudantes, repercutiu no Movimento Estudantil. Sobre a influência da igreja rememora:

A Igreja católica, teve papel muito importante na década de 1970. Lembro com carinho, de muitos padres e freis desse tempo e até de uma freira. Lembro o nome de alguns, somente. Mas como eram valentes e corajosos! Dessa época, através deles, me reconciliei com a ideia de Deus. Tínhamos reunião no sábado. Podíamos discutir tudo, perguntar tudo. Falar de casamento e outras coisas. Só lembro do nome de duas pessoas que faziam parte desse grupo, dos outros não lembro. Até por que eu não ficava nos grupos muito tempo. Através desse grupo soube da chegada da Contag e estava presente na primeira reunião para fundar um sindicato em um ramal que eu nem lembro qual era, mas lembro de muitas pessoas presentes, homens, mulheres, crianças. Essa memória é interessante para mostrar como nós estávamos inteirados do que acontecia. Assim sendo, a Igreja católica da época, com a prática social fundamentada pela Teologia da Libertação, assumiu parte do debate sobre a questão social, indicando formas de luta através de encontros, seminários em que denunciavam a violência e as injustiças sociais.

A participação dos jovens nos grupos de jovens da Igreja Católica, para alguns, se constituiu como uma escola, pois os encontros também eram um lugar onde tomavam conhecimento dos assuntos atuais, principalmente vinculados a questão da terra. Rocha (2017) que foi contemporâneo dos integrantes da Seringueira

na Universidade e em outros movimentos sociais, também aponta para esse amadurecimento político dos jovens advindo da Igreja Católica, notemos:

Eu diria que parte das pessoas que atuaram no movimento estudantil aqui, entraram no movimento estudantil no momento de amadurecimento de avanço político muito mais amplo saindo digamos assim da sombra da igreja. Mas que esse início de formação política, de formação de liderança foi muito nas comunidades eclesiais de base. O próprio Valdir Nicácio presidente do DCE, abrigava pessoas em sua casa, a gente morava na mesma casa, na comunidade eclesial de base na estação experimental. (ROCHA, 2017).

Nesse momento ao qual o entrevistado acima, chama de amadurecimento político, podemos perceber a relação intrínseca entre o Movimento Estudantil que começa a se formar no estado e a Igreja Católica com sua Teologia da Libertação, o fato do presidente do DCE transformar sua casa em uma comunidade que abrigava membros dos movimentos sociais, representa essa relação de proximidade entre igreja e o movimento.

Silva (2010), ressalta a importância da Igreja Católica na história social, econômica e política do Acre, e afirma que foi por meio dela que muitos seringueiros se envolveram na luta pela posse de terra, e por melhorias.<sup>80</sup> Destaca também as práticas inovadoras que levaram a igreja a criar os grupos de jovens, onde visava aproximar os trabalhadores, os estudantes e as classes populares a discutir qual seria o papel da instituição eclesiástica, nesse cenário acreano de transformações. Para Silva (2010) a igreja cumpria sua missão de evangelização e de “cuidar” das almas, mas também ao mesmo tempo tentava despertar nas pessoas o sentimento de lutar por melhorias, ressalta que:

Quanto ao Acre, especialmente em Rio Branco, os jovens eram estimulados a levar a arte, cultura e política para o povo. Dessa forma levava a literatura em forma de panfletos mostrando a realidade de Rio Branco na época, porém esses panfletos conclamavam a população a crer em Deus, porém também a esta reivindicar no plano terrestre dos homens melhores condições de vida. (SILVA, 2010, p.25)

Os jovens que faziam parte das CEBs, também mantinham um diálogo com atividades culturais, é interessante destacamos a realização de peças de teatro escritas e encenadas pelos jovens, algumas com temáticas locais e com cunho social, onde:

Os jovens do MFC faziam peças teatrais facilitando a linguagem aos jovens, levavam essa arte para a população carente, dando assim uma opção de

---

<sup>80</sup> SILVA, MFC, Movimento de formação Cultural da Juventude católica e os movimentos sociais em Rio Branco nos anos 70, 2010.

cultura e lazer, os espetáculos eram sempre com temas educativos de interesse social, tais como: uso de drogas, abortos e outros. Também compunham músicas de protestos alertando a comunidade local acerca dos mesmos temas. O grupo MFC tinha um programa semanal na Rádio Difusora acreana. O programa era de informações culturais, curiosidades e mensagens educativas. (SILVANA, 2010, p.25)

Os jovens pertencentes ao Movimento de Formação Cultural da Juventude eram aqueles que também pertenciam ao movimento de estudantes, e isso se refletiu de forma muito forte dentro do ME. Acerca das realizações das peças teatrais, em algumas delas os alunos além de serem os atores, também eram os roteiristas, criando textos de fácil compreensão para a população. Gostaríamos de ressaltar a existência do grupo Gruta criado em 1977 que era um grupo de teatro amador associado as CEBs. Peças como “os filhos da mata” e “Suarento”<sup>81</sup> eram voltadas para a questão do protesto e da crítica. As peças circulavam por vários bairros, inclusive saindo do estado como o caso da peça “os filhos da mata” que foi apresentada em Porto Velho. Rocha (2017) contemporâneo da Seringueira em alguns movimentos sociais, inclusive integrante do grupo Gruta, do qual também fazia parte Valdir Nicácio, relata que a realização das peças era uma atitude política, a arte estava ligava ao engajamento, ao teatro do oprimido<sup>82</sup>, enfatizando que:

Era questão política, sem cobrança de ingressos, os textos questionavam a realidade, nas peças era ressaltado mais a questão política do que a questão estética. A Arte da gente era a arte de engajamento”. (ROCHA, 2017).

Com a presença desses estudantes nesse movimento cultural, percebemos o comprometido com os outros segmentos sociais desses jovens atuantes. O Valdir presidente da Seringueira, era o mesmo Valdir nos grupos de teatro, atuante nas CEBs e em outros movimentos, e sua atuação política e social perpassava por esses espaços.

Destacamos também a participação desses estudantes em apoio aos sindicatos, como a ADUFAC, sindicato dos docentes da Universidade Federal do

---

<sup>81</sup> Entrevista concedida por ROCHA. Airton Chaves da. (Novembro de 2017). Entrevistador: Queila Batista dos Santos. Rio Branco, 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita na Apêndice desta dissertação

<sup>82</sup> Teatro do Oprimido (TO) é um método teatral que reúne exercícios, jogos e técnicas teatrais elaboradas pelo teatrólogo brasileiro Augusto Boal. Os seus principais objetivos são a democratização dos meios de produção teatral, o acesso das camadas sociais menos favorecidas e a transformação da realidade através do diálogo (tal como Paulo Freire pensou a educação) e do teatro. Ao mesmo tempo, traz toda uma nova técnica para a preparação do ator que tem grande repercussão mundial.

Acre. Sobre a relação de proximidade do sindicato com os jovens militantes, Azevedo indica que:

Outro movimento que nasce contemporâneo ao dos discentes foi o movimento dos docentes, através da criação da ADUFAC, o qual teve apoio dos estudantes em suas reivindicações. O início da existência da Associação dos Docentes da Universidade Federal do Acre marcou, desde logo, uma posição de autonomia em relação à reitoria, o que lhes valeu muitos conflitos. Nesse sentido, o movimento dos docentes se colocaria a favor dos estudantes em diversas situações, pois a referida “associação” ao assumir uma posição de “esquerda”, entra em desacordo com a reitoria da instituição, e conseqüentemente toma partido favorável aos movimentos sociais de contestação a ordem política vigente. (AZEVEDO, 2010, p 23).

Com a relação recíproca de apoio entre os estudantes e a associação dos docentes, a mobilização social dentro da instituição começa a ser sentida, com a existência de passeatas e greves e que vai acontecer com maior expressão, nos anos seguintes a 1977.

Voltemos à entrevista cedida pela chapa Seringueira ao jornal Varadouro em 1977 onde seus agentes estão inseridos ao meio histórico e social se tendo “em conta as especificidades do espaço próprio das práticas culturais”. (CHATIER, 2002, p.28). Sobre a acolhida da nova proposta para o DCE apresentada pelos estudantes, os editores do jornal Varadouro indagam no ato da entrevista aos estudantes como a proposta foi recebida pelos universitários, principalmente referente à linguagem, que trazia uma conotação mais regional. Os editores alegam que souberam que quem se manifestava adepto da Seringueira era tachado de analfabetos por pessoas que ainda conservavam uma postura imbecil e preconceituosa contra os seringueiros. Alvaro Salmito, vice-presidente da chapa, em sua resposta, leva o assunto para a forma como desenvolveram a ação de convencimento nas salas de aula, alegando que isso ajudou na fixação do nome na cabeça das pessoas, referindo-se apenas em outro trecho da entrevista, a um aluno que havia dito que “seringueira já era”. Indagamos, seringueira já era em que sentido? Será que o aluno, que décadas depois se tornou governador do Acre<sup>83</sup>, indicava na sua fala que a chapa Seringueira não venceria, ou estava se referido a árvores que estavam sendo derrubadas na região. Relacionamos essa atitude preconceituosa na fala de alguns que considerava os aptos a Seringueira analfabetos a ideia de “atraso”, defendida por Messina (2016), onde:

---

<sup>83</sup> Na entrevista ao Jornal, relacionam a fala ao estudante Edmundo Pinto, que anos depois se torna governador do estado do Acre.



Os lugares subalternos e periféricos são comumente representados como negação dos valores positivos percebidos como qualidades fundamentais e normativas do centro. A Amazônia, que pode ser descrita como “espaço colonial do Brasil”, não é exceção a esta norma, sendo tradicionalmente apresentada “como lugar da negação da nacionalidade, lócus do incivilizado, da barbárie e do atraso em contraposição ao litoral”. (MESSINA, 2016, p. 96).

Na década de 70, onde o discurso de “modernização” era implementado na região, não é de se estranhar que alguns estudantes, também o reproduzia dentro da Universidade. A frente agropecuária representava progresso no contexto da Ditadura Militar, e alguns a viam como uma atividade econômica que tiraria o Acre do “atraso” associado as práticas relacionadas ao extrativismo. Acreditamos que esse “atraso” para alguns estava associado à figura da árvore seringueira e do próprio seringueiro que a partir desse movimento de estudantes, adentra a Universidade, mesmo que em uma representação.

Sobre a ideia de “atraso” direcionada a Amazônia, Messina (2016) a contextualiza com os projetos desenvolvimentistas que são implantados na região, servindo como base a justificativa para o desenvolvimento e para o progresso. Se refere à construção da Rodovia Transamazônica, como uma clara ação desse progresso, que se mostraria frente ao atraso atávico da região.<sup>84</sup> Destaca que este discurso do “atraso” frente ao progresso, são próprios dos sistemas dominantes de significação, que sempre produzem essa negação, alegando que:

Os próprios sistemas dominantes de significação produzem essa negação. Mesmo quando os significados mudam, mudam as representações. Assim, a título de exemplo, a Amazônia é percebida a partir de uma “visão paradisíaca criada pela magia dos mitos da região e sobre a região” e ao mesmo tempo de uma “violência cotidiana gestada pela permanente exploração da natureza e desencadeada pelos preconceitos em relação a ambos – homem e natureza”. (MESSINA, 2016, págs. 96- 97).

Na entrevista ao jornal Varadouro, os membros da Seringueira falam da conscientização de alguns estudantes no que se refere a este processo de modernização, onde alguns acompanhavam mais de perto a problemática da destruição da floresta. Asseguram que ao propor trazer as temáticas regionais para a discussão dentro da Universidade, foi algo que influenciou na vitória. Gostaríamos de transcrever esse trecho da entrevista, onde se percebe essa oposição dos membros

---

<sup>84</sup> Messina, Atraso, 2016, p. 97.

da chapa à ideia de desenvolvimento na região, começamos pelo questionamento dos editores do jornal, que é muito pertinente a temática da introdução das questões sociais e econômicas no meio dos estudantes, questionam:

Como os universitários estão acompanhando e participando dessa problemática que o Acre está atravessando, ou seja, a tentativa de substituição de sua base econômica, o extrativismo e pequena agricultura, pelas pastagens com sérias repercussões sociais? Fala-se em posseiro, seringueiro, diarista, índio? Consta que já houve, no passado, uma chapa, digamos assim “entreguista” que era favorável a “plantação do boi”.<sup>85</sup>

Na indagação percebemos que os entrevistadores esperam que os estudantes se posicionem, e ao mesmo tempo dão ênfase também no assunto para que fosse destacado na entrevista a iniciativa da Seringueira em discutir tais questões. O primeiro que responde a provocante pergunta é Valdir Nicácio o presidente da chapa, alegando que de modo geral os universitários ainda não assumiram uma posição quanto ao assunto<sup>86</sup>. Logo em seguida Eurenice responde sendo sua fala, parecida com a do presidente, onde para ela a universidade ainda não assumiu uma posição com relação aos problemas que seriam atuais na época, sendo que os universitários estariam vagamente informados sobre o processo de transformações socioeconômicas por que passava o estado.<sup>87</sup> Os entrevistados ainda são indagados, porque ganharam a eleição para a diretoria do DCE se a tendência da chapa não estava tão clara aos universitários, então Valdir ressalta que o fato de serem de oposição já pesou bastante, e que dentro da Universidade ouviu dizer que se alguém queria ganhar as eleições deveriam ser de oposição, porque as pessoas estavam ansiosas por uma brecha para dizer o que estava acontecendo<sup>88</sup>. Gostaríamos de ressaltar o que responde Alvaro a indagação do jornal, pois achamos muito significativo sua afirmação, e mostra que pelo menos os integrantes da Seringueira ao contrário da grande maioria dos estudantes, estavam conectados com as questões econômicas e sociais ligadas a terra no estado, notemos:

Mesmo assim, creio que influiu relativamente o fato de termos prometido que durante nossa gestão, iríamos trazer prá dentro da universidade debates, temas, conferências sobre a problemática, da estrutura agrária, distribuição da riqueza etc. Particularmente posso adiantar que sou contrário ao processo de desenvolvimento que se desencadeia no Acre, o da substituição da seringueira pelas pastagens porque, de certo modo, isto implica na substituição do homem pelo boi (...) Insisto. Não está sendo discutido dentro

<sup>85</sup> Jornal Varadouro Ano II, nº 05, Rio Branco Acre, novembro de 1977, p. 3.

<sup>86</sup> Idem, p. 3.

<sup>87</sup> Idem, p. 3.

<sup>88</sup> Idem, p. 4.

da universidade. Inclusive algumas pessoas tidas por “intelectuais” optam pela substituição pura e simples. O universitário não despertou ainda para esse problema, mas acredito que, a partir do momento em que o problema for colocado, eles tomarão partido.<sup>89</sup>

Na fala de Alvaro, vemos a expressividade da chapa em meio ao cenário amazônico no final da década de 70. Estudantes que mesclam linguagem e práticas, e que dentro do Movimento Estudantil levantam bandeiras de luta em prol dos excluídos do processo de modernização que toma conta da Amazônia no contexto da ditadura militar. Os integrantes da Seringueira, ao mesmo tempo que estudantes e militantes do ME tornaram-se protagonistas enquanto sujeitos históricos, pois “as representações do passado construídas ao longo do tempo nos fazem seus protagonistas”. (CHATIER, 2011, p.11)

A existência desse grupo de estudantes dentro da Universidade Federal do Acre se tornou um marco para o Movimento estudantil, pois a partir da presença desses atores sociais dentro da instituição representativa dos estudantes é que de fato o ME no estado vai ganhando contornos de movimento social com as mobilizações que lhes são próprias. O que os torna mais significativos ainda, é o fato de trazerem para dentro da Universidade as mazelas sociais e conflitos principalmente vinculados à questão da terra que pairavam sobre a região amazônica. Sobre a tomada do DCE por esses estudantes, Eurenice finaliza a “entre/vista” mostrando as aspirações dos integrantes da Seringueira à época, relata:

Nós queríamos tomar o DCE assumindo o controle da nossa representação política, estabelecer uma pauta dos nossos problemas e discuti-los da nossa perspectiva. Claro, que nessa direção entravam a crítica à Ditadura, e a sua forma de nomeação do Reitor, crítica ao papel político da universidade, crítica ao projeto político para o Acre. Nós tínhamos, uma visão de mundo ampliada que conectava desde o seringueiro isolado na floresta devastada até os interesses norte-americanos para o Brasil. (LIMA, 2017).

Durante a pesquisa sobre a existência da Seringueira no Movimento Estudantil Acreano, sempre tínhamos um questionamento que ainda nos acompanha, e que infelizmente as fontes consultadas para pesquisa não nos apontava uma direção. Os estudantes da Seringueira trazem para dentro da universidade as temáticas e problemáticas que não eram discutidas até então, criando também uma ruptura nas práticas estudantis na UFAC. Porém por conta da distância temporal, e da falta de um arquivo sistemático, não nos foi permitido analisar a atuação da chapa enquanto

---

<sup>89</sup> Jornal Varadouro Ano II, nº 05, Rio Branco Acre, novembro de 1977, p. 4.

esteve na direção do órgão representante dos alunos. Nos arquivos do DCE, que se encontram no museu universitário, somente encontramos dois documentos que se referem a atuação da chapa. O primeiro é estritamente oficial, porém contém seu valor histórico, que é resolução assinada pelo reitor Áulio Gélio, oficializando a vitória da Seringueira. O fator histórico desse documento está atrelado ao fato de ser a primeira homologação para a direção do DCE que o reitor assinou conta vontade<sup>90</sup>. O segundo documento encontrado, também é um documento oficial, porém nele ao contrário do outro já podemos perceber a ação dos estudantes. No documento assinado pelo presidente Valdir Nicácio no ano de 1978, o Diretório dos Estudantes solicita ao reitor a autorização para uma palestra no auditório da FUNFAC, tendo como palestrante Dom Moacyr Greche, cujo tema seria “A igreja e os pobres”<sup>91</sup>. A iniciativa dos estudantes de trazerem o religioso para uma palestra na instituição, aponta para a questão do diálogo dos jovens com os vários movimentos sociais, como os de cunho religioso, culturais, os sindicais e posteriormente os partidários.

A ex-militante Eurenice de Oliveira Lima foi a única disponível para a “entre/vista”, e atentamos que a mesma narrou sobre fragmentos de memória. Valdir Nicácio já faleceu há alguns anos na região do Nordeste. E os outros integrantes, Alvaro Salmito e Valteries Diógenes, durante a pesquisa não se obteve informações.

O que nos cabe destacar é que partir da existência desse grupo de estudantes que insere o discurso da floresta na Universidade, o movimento de estudantes muda a configuração das práticas estudantis dentro da instituição. Pós Seringueira, surgem outras chapas que trazem a questão da resistência para o Movimento Estudantil, em períodos da Ditadura Militar. Posteriormente também, os estudantes ampliam o diálogo com o Movimento Estudantil nacional e alguns estudantes continuam mantendo dentro do ME o discurso em defesa da floresta e as representações dos símbolos regionais. O Movimento Estudantil se torna um porta voz dos excluídos no processo de “modernização” no estado, bem com discutindo os conflitos sociais oriundos dele.

---

<sup>90</sup>Arquivo do DCE, caixa 08, nº de série 78, 1978.

<sup>91</sup>Arquivo do DCE, caixa 08, nº de série 93, 1978.

### **CAPÍTULO 3 – MOVIMENTO ESTUDANTIL NA UFAC E AS LUTAS DE RESISTÊNCIA NO ACRE**

Seguindo o pensamento de Roger Chartier, onde não existe história possível se não se articular as representações às práticas e as práticas às representações<sup>92</sup>, gostaríamos de lançar nosso olhar nesse terceiro capítulo para o acervo do DCE, e dentro dos arquivos identificamos o diálogo que alguns grupos de estudantes mantinham com as questões que se apresentavam na realidade social e econômica acreana. Primeiramente gostaríamos de ressaltar que nem todas as chapas de estudantes que concorrem ao DCE e mesmo as que chegam a direção do órgão mantinham em seu discurso a defesa da questão de terra e não se evidenciava dentro do Movimento Estudantil a bandeira de luta dos trabalhadores rurais<sup>93</sup>. Nossa análise neste capítulo se dará em torno dos arquivos, tendo como exceção a “entre/vista” do ex-militante Airton Rocha, que foi presidente do DCE, cuja proposta da chapa na qual fazia parte, vinha de encontro a temática da pesquisa.

Como indicamos anteriormente, os arquivos dos estudantes que se encontram no Museu Universitário da UFAC, datam desde a criação do Diretório Central dos estudantes em 1972 até finais dos anos 1990, período em que fazemos nosso recorte temporal. No decorrer dessa análise além de trazer as formas de interação do ME acreano com a sociedade local, também ressaltaremos as práticas estabelecidas pelos estudantes como forma de resistências frente à Ditadura Militar e as instituições que agiam sobre a influência desse regime.

Quando a pesquisa documental foi iniciada, algo nos chamou a atenção de imediato. Em alguns arquivos haviam recortes de jornais colados em uma grande folha branca, designada para este fim. A maioria desses arquivos são manchetes de jornais em que o ME acreano era destaque, as matérias estavam recortadas e coladas sobre essa folha. Sobre a maneira que as matérias de jornais estão organizadas, somos levados a pensar que a ação de seleção das manchetes e colagens das mesmas foram realizadas pelos próprios estudantes, que as filtravam em seus contextos históricos e sociais para guardá-las, se transformando essas em um documento

---

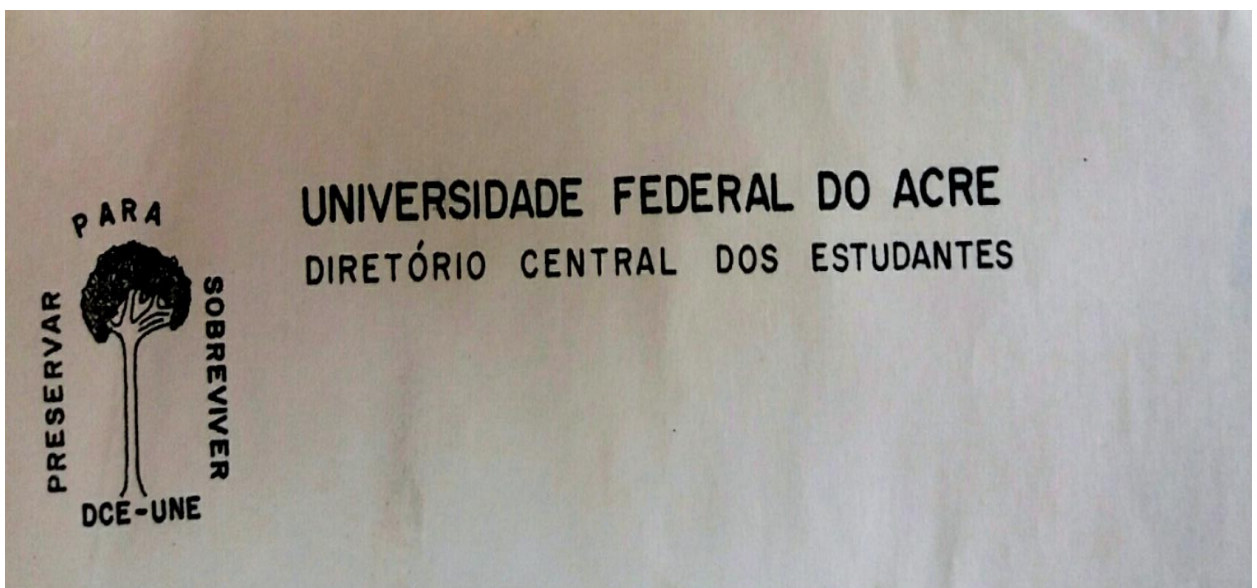
<sup>92</sup> Chartier, História cultural entre práticas e representações, 2002.

<sup>93</sup> Essa afirmação é feita dentro das informações que as fontes possibilitaram.

histórico. Como traremos as informações de algumas dessas reportagens, nos cabe ressaltar que nelas o Movimento Estudantil está sendo representado na concepção dos editores dos jornais da época.

O modelo da página onde grande parte das manchetes estão coladas é um documento que nos é muito significativo, por sua linguagem textual e imagética. A maior parte da página se encontra em branco, indicando que a mesma é um espaço a ser preenchido supostamente pelas manchetes de jornais e outros arquivos. O texto que aparece se encontra na parte superior da página acompanhado por uma única imagem que contém os dizeres: “Universidade Federal do Acre e Diretório Central dos Estudantes”. Ao lado esquerdo dessa informação temos a figura que representa uma castanheira, árvore nativa da região norte, que aparece no centro de uma sequência de palavras que formam um círculo, que diz: “Preservar par sobreviver DCE- UNE”.

A imagem nesse contexto faz alusão ao desmatamento da floresta, onde os estudantes apontam para a preservação como forma de sobrevivência, que relacionamos a manutenção da floresta em pé, que estava sendo derrubada com a expansão da frente agropecuária na região. A imagem da árvore era algo que remetia a vida na floresta com também à atividade econômica e ao espaço onde muitas pessoas sobreviviam. No documento também percebemos a já relação existente do DCE com a UNE, unidade representativa dos estudantes a nível nacional. No acervo das estudantes essa página aparece entre os arquivos que se referem ao ano de 1981, indicando que pode ser próximo a essa data, ou posterior a ela, que ela foi criada.



Arquivo do DCE- caixa 09, nº 272, 1981.

Roger Chartier se refere a imagem como algo que se dar a “ver” e a “ler” algo, que se presentifica pelo intermédio da representação, onde toda representação se apresenta como representando alguma coisa<sup>94</sup>. Quando ao efeito do poder da imagem, acentua que:

Efeito-representação no duplo sentido que dissemos, de presentificação do ausente – ou morto- e de auto representação instituindo o tema do olhar ao afeto e no sentido, a imagem é simultaneamente a instrumentalização da força, o meio da potência e sua fundação em poder. (CHATIER, 2002).

Nesse sentido a imagem criada pelos estudantes, é uma forma de representar um objeto que garante a visibilidade de algo. Para Chartier a apresentação imagética vem para apresentar o que o texto por si só não pode dar a “ler” e a “ver”, pois “os registros ligam-se, respondem-se, onde o quadro teria o poder de mostrar os que as palavras não podem enunciar, o que nenhum texto poderia dar a ler” (CHATIER, 2002, p.164).

Com base na nossa pesquisa documental percebemos que logo após a chapa Seringueira que chega a direção do DCE em 1977, não há indícios nos arquivos pesquisados do diálogo do Movimento Estudantil com as questões da Amazônia levantadas na problemática da pesquisa como a expropriação da terra. Essas temáticas voltam novamente a aparecer nos arquivos somente em 1981, com a candidatura da chapa Arrastão para o Diretório Central dos Estudantes. Não estou afirmando que as outras chapas pós Seringueira e que antecederam a Arrastão, não traziam como bandeira de luta, questões da realidade acreana, no entanto nos arquivos que serviram como base a pesquisa, a temática da Amazônia somente reaparece nas propostas dos estudantes que montam a Arrastão. Esse período entre a Seringueira e a Arrastão carece de uma pesquisa mais voltada para história oral, pois documentos do período são inexistentes.

Paralelo ao surgimento da Arrastão temos no ano de 1981, uma grande mobilização dos universitários dentro e fora da UFAC com protestos, greves, vigílias e a realização do primeiro Congresso Estudantil Universitário no Acre.

Essa breve pausa sobre a presença de questões amazônicas no ME estadual e interrompida no ano de 1981 com a presença da chapa Arrastão para o DCE, o que

---

<sup>94</sup> Chatier, Defesa e ilustração da noção de representação, 2002.

torna o ano significativo para a ação do ME, pois os estudantes começam a enfrentar diretamente a reitoria.

A Chapa Arrastão era composta por estudantes dos cursos de História, Pedagogia, Letras, Economia, Haveicultura e Construção Civil, tendo como presidente o aluno Airton Rocha pertencente ao curso de História, como vice-presidente Armando Dantas aluno do curso de pedagogia, na função de secretário temos José Progênio do curso de letras e Herbert Cavalcante do curso de Haveicultura na função de tesoureiro. Em sua apresentação geral na campanha para o DCE de 1981, a chapa chamava a tenção dos estudantes para a crise econômica e política que o país atravessava que refletia no ensino brasileiro, onde apresentavam-se com um grupo que fazia o debate sobre o ensino brasileiro, e especificamente o ensino no estado do Acre. Como proposta para seu programa de gestão a mesma apresentava dois itens principais que nos chama a atenção. O primeiro deles é quando é apresentado entre as propostas, um ensino voltado para a realidade amazônica, e o segundo quando aponta o Movimento Estudantil atuando pela defesa da Amazônia. Esses dois itens que faziam parte do panfleto da chapa, nos faz percebe que os alunos além de juntos com outros segmentos sociais atuarem na luta pela defesa da Amazônia, também estavam ansiando por um ensino que contemplasse em seu curriculum, questões da realidade amazônica<sup>95</sup>.

Segundo Airton Rocha<sup>96</sup>, na época a evocação de um ensino voltado para a amazônica, se dava por grande parte dos estudantes, porque eles queriam que o ensino dialogasse com a realidade que lhe era própria, e principalmente no período, visasse a defesa da Amazônia. De acordo com ele:

A gente tinha consciência naquele período pela militância de esquerda que a gente tinha, de que os estados unidos através dos acordos mec-usaid interferiam no ensino na gestão, nas universidades, e como nós éramos contra a ditadura militar nós chamávamos os militares de entreguistas e tal, nós lutávamos por uma Amazônia que fosse a cara da gente, então o ensino mais voltado para a realidade amazônica, os amazônidas como objeto, como sujeitos sociais da sua própria realidade. No sentido que nós da Amazônia deveríamos ter o destino em nossa mão. A gente cantava muito naquele período a música do Geraldo Vandré que dizia assim “ a certeza na frente e a história na mão”. Nós queríamos uma Amazônia que fosse nossa, não só do ponto de vista do ensino voltado para realidade mais que, os amazônidas tomassem conta da Amazônia. (ROCHA, 2017)

---

<sup>95</sup> Arquivo do DCE, caixa 09, nº de série 311, 1981.

<sup>96</sup>Entrevista concedida por ROCHA. Airton Chaves da. (Novembro de 2017). Entrevistador: Queila Batista dos Santos. Rio Branco, 2017. A entrevista na íntegra encontra-se transcrita na Apêndice desta dissertação



Com a perspectiva de um ensino que fosse voltado para a realidade local, os estudantes criticavam a presença de estruturas educacionais de outros países, como os acordos mec-usaid, e principalmente desejavam um currículo diferenciado para a região norte com todas as suas especificidades. Notemos na fala do ex-militante que ao defender a Amazônia, os estudantes também estavam lutando contra a Ditadura Militar, onde chamavam os militares de entreguistas por quererem entregar a região ao capital internacional. O interessante na fala do ex-militante é que ele se refere aos ocupantes da região como amazônidas, inclusive incluindo ele próprio. Cabe ressaltar que assim como a ex-integrante da Seringueira da qual tratamos no capítulo anterior, Airton Rocha fala no “tempo do agora” onde as experiências são resignificadas.

A chapa Arrastão também possuía como uma das suas propostas apresentadas o total apoio aos movimentos populares e democráticos no estado, o que vai de encontro com nossa afirmação de que os militantes do ME acreano permeavam por vários segmentos sociais, o que resulta em uma atenção da parte do Movimento Estudantil a estas categorias sociais contemporâneas a ele. Em sua apresentação a chapa vem chamando a atenção dos alunos para o indicativo de que há quase dez anos os estudantes não terem nenhuma representação junto a UFAC e a sociedade, associando então esta falta de representatividade ao fato do DCE ser entregues a alunos comprometidos com a direção da instituição e com o regime que a sustentava.<sup>97</sup> Os alunos em sua proposta de campanha afirmam que não pode ser negado aos estudantes acreanos o debate político em que toda a sociedade brasileira estava inserida alegando que somente um DCE fortalecido, representativo e independente poderia proporcionar ao estudante acreano participar e intervir naquele importante momento de transformações da sociedade brasileira. Os estudantes da chapa, tanto apresentavam propostas de discussão e intervenção a nível nacional, como também a nível regional tendo em vista o contexto histórico em que estavam inseridos. Apresentan-se como favoráveis a eleições livres e diretas para reitor e demais cargos diretivos dentro da instituição universitária. Em linhas gerais a proposta da chapa era composta de assuntos tanto a nível geral, como o fim da ditadura e o reconhecimento da União Nacional dos Estudantes, como por questões locais como o apoio aos movimentos populares, a defesa da Amazônia e por uma

---

<sup>97</sup> Caixa 09, nº do arquivo 311, 1981.

reivindicação de um estudo voltado a região e suas especificidades, sociais, políticas e econômicas.

Sobre os estudantes que compunham o DCE em 1981, nos cabe ressaltar a realização do I Congresso Universitário dentro da UFAC, tornando o evento significativo na história do ME acreano, por vários motivos. Primeiro ele trouxe e ampliou o debate dos universitários com os outros segmentos sociais locais, e segundo, ele foi realizado sem o apoio da instituição, que na verdade empenhou seus esforços para que ele não chegasse a acontecer. A realização do Congresso se mostra como um símbolo da prática de resistência desses alunos frente ao modo autoritário que a Universidade era dirigida. Nos arquivos dos estudantes que se encontram no museu, encontramos algumas manchetes recortadas que relatam o evento. Em todas a palavra “boicote” e “pressão” são referidas para se tratar da organização do evento, associadas as práticas da reitoria na tentativa da não realização do mesmo.

O congresso deveria acontecer ente os dias 09, 10 e 11 de outubro de 1981, porém só foi realizado nos dias 16, 17 e 18 do mesmo mês e ano. Segundo os estudantes em suas falas nos jornais, o reitor da época Áulio Gélio tentou fazer com que o congresso não fosse realizado.

O jornal O Rio Branco de 10 de outubro de 1981<sup>98</sup>, trazia uma reportagem sobre o tema “Congresso do DCE começa hoje sob pressão e boicote”, onde aponta as atitudes de boicotes por parte da administração da universidade contra a realização do encontro. Em suas falas no boletim, os estudantes relatam que a reitoria marcou para a mesma data do evento a inauguração do primeiro módulo do campus, sendo que a data do congresso já estava anteriormente prevista para a realização do evento.<sup>99</sup> Segundo ele a reitoria teria também negado o auditório da instituição, bem como impedido a participação dos pró-reitores os quais segundo os alunos estes teriam muito a esclarecer, bem como também a reitora teria feito contato com o Governador local dando recomendações para que não permitisse a participação de autoridades locais no evento<sup>100</sup>. Ainda na reportagem os estudantes alegam que se o

---

<sup>98</sup> Acervo do DCE, caixa 09, nº 282. 1981.

<sup>99</sup> Idem.

<sup>100</sup> Idem.

congresso não saísse vitorioso a culpa seria do Reitor, que com suas atitudes intransigentes parecia não entender que o momento era de participação.

“O reitor não quer ceder auditório aos estudantes”, é tema de uma reportagem do jornal Gazeta do Acre do dia 06 de outubro de 1981.<sup>101</sup> O jornal aponta que foi distribuída uma nota aos universitários denunciando o reitor da universidade que até aquele momento se negava a ceder o auditório da instituição para a realização do I Congresso Estudantil promovido pelo DCE, que também contava com ajuda na organização de líderes estudantis de outros estados<sup>102</sup>. Na manchete do jornal se encontra um trecho de uma nota escrita pela Comissão Jovem do Partido dos Trabalhadores, onde consideram a atitude do reitor uma afronta ao direito de livre expressão e de organização dos estudantes no estado do Acre, repudiando o que segundo eles seria um ato arbitrário, onde mostram-se solidários com a luta dos estudantes da UFAC e pela realização do congresso estudantil local.<sup>103</sup>

Ainda sobre a realização do congresso e seu boicote, o jornal O Rio Branco do dia 07 de outubro de 1981<sup>104</sup>, traz uma nota escrita pelos estudantes, onde falam da realização do congresso antes do mesmo de sofrer o boicote. Na nota os estudantes, alegam que o objetivo do congresso seria refletir, discutir, e fazer deliberações sobre assuntos que apontariam para uma universidade comprometida com os interesses dos estudantes, interesses esses democráticos e populares<sup>105</sup>. Destacam o momento que a sociedade brasileira vivia e principalmente a universidade brasileira que atravessava uma das maiores crises de sua história<sup>106</sup>.

Dentre algumas reportagens de jornais sobre o congresso e seu boicote uma nos chama atenção, por ter informações que as outras não continham. Sobre o título “Começa o boicote ao congresso dos universitários” o jornal traz alegações dos estudantes sobre a atitude autoritária do reitor, datado o boletim do dia 10 de outubro de 1981<sup>107</sup>, data em que seria realizado o congresso, porém que não aconteceu nesse dia especificado segundo os estudantes, principalmente pelas pressões da reitoria.

---

<sup>101</sup> Acervo do DCE- caixa 09, nº 285, 1981.

<sup>102</sup> Idem.

<sup>103</sup> Idem.

<sup>104</sup> Acervo do DCE – caixa 09, nº 213, 1981.

<sup>105</sup> Idem.

<sup>106</sup> Idem.

<sup>107</sup> Arquivo do DCE-caixa 09, nº 288, 1981.

Como é um recorte de jornal no documento não está especificado ao qual editorial local pertence, portanto ele nos é significativo por conta de seu teor histórico. Nele os estudantes alegam inicialmente na nota sobre o ato de adiar a realização do congresso ao fato de que ainda precisavam ampliar em sala de aula os assuntos que seriam discutidos no evento. Porém em outro trecho da reportagem enfatizam que a verdade é que um dos motivos para o adiamento, foi a reitoria ter negado o auditório da Universidade e ter marcado outro evento, na mesma data.<sup>108</sup> Os estudantes alegavam então a clara intenção premeditada da reitoria de impedir o congresso. O terceiro parágrafo da reportagem é o que nos chama a atenção, notemos o que diz:

Influi também no adiamento alguns desencontros nas datas para os convidados especiais do Congresso. O antropólogo Darcy Ribeiro, que já havia confirmado sua presença, teve que viajar para a Europa. O DCE fez contato com Florestan Fernandes (sociólogo) e Fernando Henrique Cardoso, que por motivos diferentes não puderam vir ao Acre esta semana. Possivelmente, virá o educador Paulo Freire, dependendo de uma resposta prometida para terça-feira (Arquivo do DCE, caixa 09, nº 288, 1981).

A reportagem nos aponta para a possível presença de intelectuais da época no congresso, como Darcy Ribeiro, Florestan Fernandes, Fernando Henrique, e Paulo Freire. O que se torna curioso é que nenhum deles compareceu quando o congresso se realizou dias depois. Na reportagem os alunos alegam que o antropólogo Darcy Ribeiro, já havia confirmado anteriormente sua participação, porém uma viagem à Europa, fez com que não pudesse comparecer. Os alunos também se referem a presença do educador Paulo Freire de uma forma positiva. Durante nossa entrevista realizada com o ex-militante Airton Rocha em 2017, indagamos sobre a presença dessas pessoas no congresso, para ele o anúncio da vinda dessas pessoas para o evento era uma estratégia de resistência. Segundo ele, eles nem sequer entraram em contato com esses intelectuais, espalhavam dentro da Universidade e em jornais locais, como quase que certa a participação dessas pessoas para que o reitor não negasse o auditório. Para ele era uma tática para que fosse permitido a realização do evento, ressalta que:

Reitor nenhum naquela época, iria querer negar o auditório, para palestras para um Paulo Freire, Darcy Ribeiro e um Florestan Fernandes. Divulgamos que estas pessoas vinham na intenção de que o reitor permitisse a realização do congresso. Não mentimos, foi uma tática política. Os convidados do congresso era mais pra fazer uma estratégia, não chegamos nem a convidar, porque nós queríamos fazer o congresso, e nós queríamos trazer o presidente da UNE que era o Aldo Rabelo, nós queríamos fazer o congresso e já havíamos tido problemas com a eleição

<sup>108</sup> Arquivo do DCE-caixa 09, nº 288, 1981.

da Une que fizemos no meio da rua, aí pensamos vamos fazer um congresso dos estudantes na universidade, porque eles viam a UNE como uma representação nacional, infiltração comunista, o Áulio Gélío né, e órgãos de repressão, só que nós dissemos nós vamos fazer o nosso congresso de estudantes aqui. E a gente sabia que o Áulio Gélío ia criar dificuldade, aí nós fomos falar com ele e dizemos que íamos convidar o Darci Ribeiro, o Paulo Freire, que era pra ele liberar, como é que ele ia fechar as portas pro Paulo Freire e Darci Ribeiro, Darci Ribeiro foi o construtor da universidade de Brasília a UNB. Era uma estratégia política, uma coisa coerente que tinha sentido. Ele não cedeu o espaço e nós fizemos lá no colégio meta. Ele não deixou. O Aldo Rabelo veio aí a ditadura fizeram lá eles apagarem a luz, fizemos um congresso na clandestinidade, um congresso de estudantes universitários da Universidade Federal do Acre que foi feito fora da Universidade porque o reitor não concordou, aí depois no livro dele ele diz que não houve que foi tudo certinho, que não havia movimentação, mas quando você pega várias matérias de jornal, você ver que tinha uma contestação a ele, e a ditadura militar e a forma dele conduzir a universidade. (ROCHA, 2017).

Relacionamos a realização do Congresso pelos estudantes, como um legítimo ato de resistência dentro da Universidade no contexto da Ditadura Militar. Pelas informações que foram detectadas nas fontes, o reitor inicialmente negou o auditório da instituição, e mesmo com a estratégia dos estudantes de anunciar que viriam grandes intelectuais para o evento, o reitor manteve-se nas palavras dos estudantes “intolerante”. Inicialmente o congresso teria sua noite de abertura dentro da instituição, porém com todas as portas institucionais fechadas, foi realizado em um colégio particular da cidade de Rio Branco, o que nos indica um ato arbitrário da parte do reitor, que condiz com as ações que eram cometidas no período da Ditadura Militar. A maneira hostil que os estudantes foram tratados naquela primeira noite de congresso, também acentuam essas práticas, onde apagam a luz no espaço onde o congresso estava sendo realizado, tendo como convidado de destaque a presença do presidente na UNE na época, que representava ameaças à direção da Universidade.

Apesar das pressões da reitoria para que o congresso não acontecesse, após a sua realização os estudantes se sentiram vitoriosos, sendo destaque novamente o evento em manchetes de jornais. “DCE se sente vitorioso depois do I Congresso”, é uma delas que faz parte do Jornal a Gazeta em 20 de outubro de 1981<sup>109</sup>. De acordo com o boletim numa primeira avaliação dos resultados, os estudantes saíram vitoriosos, visto que houve um espaço onde puderam discutir seus problemas atuais de uma forma mais organizada e com maiores detalhes. Ao final do congresso os participantes aprovaram o total de 22 deliberações que segundo o jornal serviram de reivindicações para a melhoria do ensino universitário. Dentre elas o jornal destaca:

---

<sup>109</sup> Arquivo do DCE- caixa 09, nº 298, 1981.

por uma universidade democrática, popular e crítica, científica e anti-imperialista; por eleições livres e diretas para reitor, e vice-reitor, chefes de departamento e coordenadores de cursos; por um curriculum voltado à realidade amazônica; e pela realização de um congresso universitário todos os anos.

Em uma outra reportagem feita pelo Jornal O Rio Branco<sup>110</sup>, o evento é apontado como democrático, encerrando-se num clima de democracia. Nos é interessante esse adjetivo que ao congresso é empregado pelo boletim, em uma conjuntura em que na Universidade existiam praticas arbitrárias, pelo menos no Congresso de Estudantes pairava um clima de democracia.

Atentando para a programação oficial do Congresso, que foi realizado fora do espaço da universidade, temos algumas palestras que cabem destaque. A primeira é a proferida pelo presidente da UNE, Aldo Rabelo que trata da questão da democratização dentro da universidade. A Segunda é proferida por professores da instituição, professor Mario Lima e professor José Mastrangelo, que fazem uma exposição sobre currículo, e ressaltam a importância de um curriculum universitário que esteja conectado com a realidade local. Uma outra atividade que merece destaque dentro do congresso é a realização de uma mesa redonda que tem como tema “O papel da universidade visto pela comunidade”<sup>111</sup>. Nessa mesa redonda havia a presença de representantes de vários segmentos sociais, mostrando assim a interação que haviam entre o ME acreano e a sociedade em que ele estava inserido. Compunham a mesa representantes de sindicatos, associações, partidos políticos e comunidades de base<sup>112</sup>. O evento trazendo a comunidade para discutir como a universidade era vista pela sociedade, faz com que a relação universidade/sociedade comece a se estabelecer, pois houve uma abertura para a comunidade dentro do espaço acadêmico, que após o congresso foi gradativamente se ampliando.

Ainda sobre o Primeiro Congresso de Estudantes Universitários no Acre, gostaríamos de fazer uma breve comparação com os outros seguintes, no que se refere a programação, e como dentro desta programação as temáticas relacionadas a sociedade local estava inserida. Nos arquivos do DCE, encontramos a programação dos três primeiros congressos. O primeiro como vimos acima realizou-se em 1981, o

---

<sup>110</sup> Arquivo do DCE- caixa 09, nº 299, 1981.

<sup>111</sup> Arquivo do DCE- caixa 09, nº 282,1981.

<sup>112</sup> Anexo 03.

segundo aconteceu no ano de 1982, e o terceiro em 1983. A realização dos congressos que sucederam o de 1981, já incluem dentro da programação, temáticas que articulam os estudantes com a sociedade, porém as questões da Amazônia são acentuadas com maior expressão no primeiro congresso. Os dois eventos seguintes a 1981 são significativos pois mantêm os estudantes dialogando com a conjuntura política nacional, onde a Ditadura Militar no país começa a viver seus últimos anos. A programação do segundo congresso traz como pauta, os estudantes frente as eleições de 1982<sup>113</sup>, a discussão sobre a proposta do ensino pago nas universidades brasileiras e apresentam problemas específicos dos cursos pertencentes a UFAC<sup>114</sup>. O terceiro vem trazendo em sua programação, a discussão da conjuntura nacional, a temática da reestruturação da universidade, e aponta para um balanço do Movimento Estudantil a nível geral, elencando suas lutas educacionais e discutindo o estatuto do DCE<sup>115</sup>.

Sobre a realização de congressos de estudantes na UFAC pós o ano de 1983, encontramos um recorte de jornal que faz alusão à quinta edição do evento, ressaltamos que não consta na base documental pesquisada algo que remetesse a sua quarta edição.

No recorte do jornal O Rio Branco, do dia 20 de outubro de 1985, temos uma importante reportagem que faz referência a falas que foram proferidas no evento<sup>116</sup>. Sobre o título “Congresso universitário, estudantes debatem problemas e questões sociais num simpósio”, o jornal destaca a fala de um aluno que se torna significativa dentro do objeto de estudo na nossa pesquisa. Segundo o jornal o congresso foi realizado num clima de muita polêmica e discussões, e foi justamente esse clima caloroso dos debates que apontou para um amadurecimento significativo da consciência dos estudantes naquele último período<sup>117</sup>. Apontando para a conjuntura nacional, onde foi feita uma ampla análise pelos estudantes, a reportagem nos indica para duas propostas que foram apresentadas no evento sendo elas, apoio crítico ao governo da “Nova república” e não ao pacto social. O jornal destaca dois grupos majoritários que estavam no congresso, vinculados à partidos políticos, Viração e

---

<sup>113</sup> Eleições estaduais.

<sup>114</sup> Arquivo do DCE- caixa 09, nº 284, 1982.

<sup>115</sup> Arquivo do DCE - 10, nº 511, 1983.

<sup>116</sup> Arquivo do DCE- caixa 14, nº 329, 1985

<sup>117</sup> Idem.

Caminhando<sup>118</sup>. A juventude que pertencia a Viração estava alojada dentro do PMDB e os jovens adeptos à tendência Caminhando encontrava-se no interior do PT. O jornal deixa claro que além dessas duas tendências encontrava-se no congresso um expressivo número de alunos sem tendência definida, eram os chamados independentes, que na hora da votação das propostas sempre acabavam votando em uma ou em outra.<sup>119</sup> Segundo o jornal, no V Congresso dos estudantes universitários, a Juventude da Viração participou com o intuito de mostrar que a nível nacional a partir da troca de presidente a contar de janeiro de 1985, houve uma mudança significativa na forma de condução do poder político da nação, e que houve um certo avanço em determinadas questões que teria favorecido a luta dos trabalhadores, como as eleições diretas para as prefeituras, a autonomia dos sindicatos, a liberdade de imprensa, a legalidade dos partidos clandestinos, a convocação da constituinte para 1986 e muitas outras vantagens que não eram concedidas pelos governos que saíam do regime de 64<sup>120</sup>. No congresso os jovens da corrente Viração pretendiam arrancar dos estudantes uma proposta de apoio crítico ao governo da Nova República, alegando que estavam dispostos a fazer a crítica de tudo quando vissem que fosse de errado, e dispostos a apoiar tudo que fosse considerado por eles como correto, porém a proposta não foi aceita na plenária<sup>121</sup>. A proposta feita pela juventude da corrente Caminhando, procurou mostrar no congresso que todas as vantagens conseguidas pelos trabalhadores brasileiros nos últimos meses não foram dádivas da Nova República e sim devidos à organização dos trabalhadores e da juventude, onde nada foi dado gratuitamente. De acordo com o boletim na proposta que os estudantes da Caminhando apresentaram, tentaram mostrar a via do aprofundamento da conquista, onde lançaram a ideia de uma Constituinte realmente voltada para os interesses populares, bem como pediram o fim dos acordos com o FMI, ao não pagamento da dívida externa e eram adeptos da Reforma Agrária Radical. A proposta da Caminhando recebeu maior votação no congresso<sup>122</sup>.

---

<sup>118</sup> Tendências políticas/ideológicas que estavam presentes no ME acreano.

<sup>119</sup> Arquivo do DCE- caixa 14, nº 329, 1985.

<sup>120</sup> idem.

<sup>121</sup> Idem.

<sup>122</sup> Idem.



O que torna a matéria interessante na nossa discussão é um questionamento levantado por um estudante que não participava de nenhuma dessas tendências. Assim o jornal apresenta a proposta alternativa:

Uma terceira proposta apresentada ao plenário foi formulada pelo estudantes e artista Silvio Margarido, que procurou contestar a superficialidade como os estudantes vêm tratando os problemas. Silvio protestou contra o fato dos estudantes travarem calorosas e decoradas discussões filosóficas em interesses partidários, quando os problemas mais sentidos pela nossa população nem foram tocados: questão da terra, do índio, a transacriana, BR-364, ecologia, minorias marginalizadas e etc. (Arquivo do DCE- caixa 14, nº 329, 1985.)

De acordo com o Jornal, o estudante tentou fazer com que sua proposta fosse aprovada e incorporada à proposta vencedora como uma ideia complementar, porém nas palavras do jornal “sentindo que não havia clima para isso”, teria decidido o estudante abdicar de seus propósitos e retirou sua proposta. Tratando de Movimento estudantil no Acre, principalmente de como os estudantes do ME dialogavam com as questões regionais, percebemos que no V Congresso de Estudantes, essas questões foram ignoradas, onde aparecem com maior destaque no debate e nas ações, as questões que eram latentes no Brasil, como o cenário político, num momento de transição do regime militar para a volta da democracia. Uma outra questão que se ressalta também na realização do congresso que posteriormente vai repercutir no Movimento Estudantil é que os estudantes, se empenham no debate entre correntes ideologias distintas. O congresso de 1985 nos aponta para a divisão do ME acreano, que começa a ser disputado por tendências ideológicas ligadas a partidos políticos, o movimento fica mais partidariado e essa presença dos partidos políticos começa a ser forte. Segundo Rocha (2017), o movimento perde a efervescência pós 85, e isso se daria pelo fato do regime ditatorial ter chegado ao fim, de acordo com ele:

Com a redemocratização o movimento estudantil foi muito partidariado, no tempo da Ditadura Militar nós não tínhamos porque ficar brigando tínhamos um inimigo comum, éramos perseguidos pela Ditadura. Quando a ditadura caiu, eu vi muito a partidariação e principalmente o sectarismo extremamente forte, a ponto das pessoas não se falarem. Quem era contra era contra, não se olhavam, eu acho que isso perdeu muito. O movimento foi dividido, partidariou-se e se perdeu muito aquilo das lutas por exemplo, uma das lutas nossa era o reconhecimento da UNE, a UNE foi reconhecida, nós queríamos eleição pra reitor e teve em 1983, fim da Ditadura, Diretas já, queríamos anistia para os que estava fora do Brasil teve a anistia, queríamos eleição pra governador teve eleição pra governador e prefeito em 1982, nós queríamos uma nova constituinte, teve uma constituinte em 1988. A partidariação atrapalhou um pouco e muitas bandeiras foram esvaziadas. (ROCHA, 2017).

Na narrativa de quem militou no Movimento Estudantil no Acre, Airton Rocha aponta para a mudança que se apresenta no movimento com o processo de redemocratização. A sua militância foi contemporânea a dos estudantes da Seringueira, e desde então manteve uma relação bem próxima com o movimento de universitários no Acre. Rocha em seu processo de rememoração, afirma que o período que compreende o surgimento da Seringueira (1977) até os anos finais do período ditatorial, o Movimento Estudantil no estado viveu um período de “efervescência”, que no novo contexto não foi tão expressivo como se mostrou anteriormente, relacionando essa mudança, as lutas que se tornam esvaziadas por conta do contexto político do Brasil, e a rivalidade política/ideológica que toma conta dos estudantes.

Associando essa mudança no ME com a problemática da nossa pesquisa, percebemos que nos anos finais da década de 1980, os documentos que dialogavam com as questões sociais locais começam a aparecer com menor frequência no acervo dos estudantes, indicando para um silenciamento da temática nos anos finais da década de 1990 e início dos anos 2000. Ressaltamos que trabalhamos com as fontes dos estudantes, que infelizmente encontram-se com lacunas no tocante a toda a mobilização do Movimento Estudantil dentro da UFAC, bem como as formas de linguagens que eram apresentadas na trajetória do ME Acreano.

Sobre os arquivos dos estudantes, apresentaremos a partir de agora, alguns arquivos dos universitários que estão datados do período que compreende o ano de 1977 até os anos finais da década de 1990, onde nota-se o diálogo que o Movimento Estudantil estabelece com a questão da terra, a ocupação da Amazônia, os conflitos sociais, os sindicatos, a figura do seringueiro e indígena e outras temáticas que faziam parte da realidade local no período. Não podemos analisar as ações e práticas dos grupos sociais sem associa-las ao contexto em que estão inseridas, onde “ as ideias se materializam nas práticas e as permeiam, cada prática social é construída na interação e representação” (HALL, 2003, p. 169).

Em 1983, é lançado pelo DCE da UFAC a edição número 01 do primeiro jornal do diretório, o informativo começa então a circular entre os estudantes. Em sua parte estrutural, o jornal é composto por quatro folhas tamanho A4, onde tem em sua capa um desenho e letras grafadas a mão, e nas páginas que contém o texto, o mesmo é

datilografado<sup>123</sup>. A imagem da página inicial faz alusão a distância em que o campus universitário mantém em relação a outros bairros da cidade e, levando alguns estudantes para esse campus, temos na imagem uma espécie de locomotiva contendo em seu interior a presença de alunos, onde um está apanhando a golpes de cassete, outro deixa o livro cair na estrada, e outro está concedendo entrevista.<sup>124</sup> O que aparenta ser uma locomotiva aparece em péssimo estado de conservação, e chama atenção a imagem do sol, logo acima do prédio da universidade de mal humor<sup>125</sup>.

A imagem que abre o jornal associada ao contexto político da Ditadura Militar se constituem uma crítica ao regime, onde se referem a violência que foi praticada no período, à censura à livre expressão e construção dos campus universitários segregados espacialmente dos centros das cidades<sup>126</sup>. Depois de apontar para as questões internas da Universidade, como a melhoria do Restaurante Universitário e a escolha para chefes de departamentos, o jornal dos estudantes traz uma matéria, sobre a reunião anual da Sociedade Brasileira Científica (SBPC), realizada em Belém do Pará, entre os dias 6 a 13 de junho daquele ano. A matéria no jornal tem como título, “SBPC discute questão Amazônica”. Onde os estudantes fazem na matéria o que seria a representação da reunião. Desenharam uma grande plenária, onde alguém discursa sozinho no palco, logo acima do palestrante os estudantes desenharam faixas como se estivessem penduradas na parede, com palavras que remetem à presença do capital internacional na região amazônica. “Não ao Entreguismo”, “Fora o Imperialismo”, “Pela Imediata Demarcação das Terras Indígenas”, e “Pela Reforma Agrária”, são frases que aparecem na diagramação da matéria, onde se mostram contrários a ocupação da Amazônia no processo de modernização, e levantam a bandeira da questão de terra nesse período da década de 80, tanto pedindo uma Reforma Agrária, como se colocando em apoio a população indígena exigindo a imediata demarcação das terras da população nativa da região.<sup>127</sup>

---

<sup>123</sup> Arquivo do DCE, caixa 10, nº 552, 1983.

<sup>124</sup> Arquivo do DCE, caixa 10, nº 552, 1983.

<sup>125</sup> Anexo 04.

<sup>126</sup> A segregação dos campus universitários no Brasil decorreu de práticas autoritárias implementadas por governos ditatoriais, objetivando o controle de segmentos sociais universitários, opositores potenciais desses regimes.

<sup>127</sup> Arquivo do DCE, caixa 10, nº 552, 1983.

Na matéria do primeiro jornal do DCE, os universitários atentam para o fato que pela primeira vez no evento serão apresentados trabalhos de estudiosos acreanos, sendo considerado o fato uma coisa histórica, significativa para o aval da Comunidade Científica para a pesquisa no Acre, especialmente na UFAC. No informativo estudantil os estudantes elencam os temas dos trabalhos que serão apresentados pelos cientistas da UFAC como, ocupação da terra no acre, recursos naturais, imperialismo, migrações e ocupações da terra no período de 1877/1942, extrativismo e propriedade da terra e a questão indígena<sup>128</sup>. Os estudantes ressaltam a importância de no evento está sendo discutido questões presentes na região norte, com debates em torno da questão para eles complexa, a da “Questão da Amazônia”.

Atentando para o diálogo que o ME acreana matinha com outras organizações e segmentos sociais, gostaríamos de apresentar alguns arquivos. O primeiro se refere a um convite recebido pela entidade em 1982, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Rio Branco<sup>129</sup>. Conforme o documento na reunião cada entidade ou associação foi convidada a apresentar em um documento, as reivindicações de sua classe que seria entregue ao então governo do estado<sup>130</sup>. Em segundo temos outro convite, desta vez vem vindo do Comitê Chico Mendes<sup>131</sup>, endereçado a instituição de alunos em 1985. Nesse documento os estudantes estão sendo convidados para um ato de solidariedade pela vida de Padre Paolino<sup>132</sup> e em defesa da floresta, ato que acontecerá na cidade de Sena Madureira. No convite o Comitê chama a atenção para a questão da segurança e preservação da vida do padre da cidade de Sena Madureira, alegando que foram vistos pistoleiros na região que estariam com o intuito de matar o padre em represália às denúncias que vinha fazendo quanto a retirada ilegal de madeiras nobres das margens do rio Iaco<sup>133</sup>. Preocupados com a situação o comitê organiza então um ato público no centro da cidade.

Durante o conflito da terra no estado do Acre, os estudantes também aparecem mantendo apoio aos líderes sindicais. No documento de nº 355 que se encontra na caixa 10 do acervo tem um recorte de jornal, onde depois da matéria os estudantes,

---

<sup>128</sup> Arquivo do DCE, caixa 10, nº 552, 1983.

<sup>129</sup> Anexo 05.

<sup>130</sup> Arquivo do DCE, caixa 10, nº 323, 1982.

<sup>131</sup> Anexo 06.

<sup>132</sup> Arquivo do DCE, caixa 13, nº 5 603, 1995.

<sup>133</sup> Idem.

escrevem uma nota de apoio ao lidere sindical do município de Tarauacá Raimundo Trovoada, no ano de 1982.<sup>134</sup> O jornal Tribuna operária, traz um pequeno texto, falando sobre a ameaça de morte que o líder do sindicato dos trabalhadores rurais de Tarauacá, via sofrendo por parte dos fazendeiros locais. O jornal diz que após a morte de um fazendeiro da região possivelmente por emboscada a fúria dos latifundiários cresceu contra os lavradores, onde tinha a PM como seus aliados para prenderem lavradores sem provas, apontando que houve a prisão nessas condições, de cinco trabalhadores rurais sem provas após a morte de um fazendeiro na região, e estaria a polícia militar a mando desses fazendeiros ameaçando de morte o líder dos trabalhadores rurais da cidade. A matéria destaca que o que queriam os latifundiários da região seria silenciar e eliminar uma das lideranças políticas e sindicais da área, pois Trovoada seria conhecido como um lutador pela terra e pelos direitos do povo, e na perspectiva do jornal seria um dos candidatos populares à Assembleia legislativa do Acre, advindo daí o ódio dos fazendeiros e o perigo eminente da morte do sindicalista.<sup>135</sup> Os estudantes fazem cópia da matéria que toma o espaço de uma lauda, e logo em seguida em outra lauda, fazem um texto mostrando apoio ao líder sindical, que tem como título “Essa voz não silenciará”, montemos o que dizem:

Raimundo Soares é um dos principais dirigentes sindicais do Acre. Destacou-se na presidência do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tarauacá como árduo defensor da posse da terra, da reforma agrária radical, por estradas para o escoamento da produção, do cooperativismo e por créditos acessíveis aos pequenos e médios produtores. (Arquivo do DCE- caixa 09, nº 355, 1982).

Na nota de apoio, os estudantes mostram também motivos políticos que estariam atrelados a perseguição de Trovoada. Segundo os estudantes os latifundiários estariam com medo, pois o sindicalista tinha decidido abandonar o PT e ingressado no PMDB, com o objetivo de não dividir a oposição de derrotar o PDS e o Governo ditatorial que governava há 18 anos no país, segundo eles contra a vontade do povo. Os estudantes apontam para a candidatura de Raimundo Trovoada, como uma certeza de mais um porta voz dos trabalhadores rurais na Assembleia Legislativa do estado do Acre, que com sua bravura continuaria com a luta ao lado dos oprimidos, prezando por um sindicalismo forte, e principalmente comprometido com o direito à terra para todos<sup>136</sup>.

---

<sup>134</sup> Arquivo do DCE- caixa 09, nº 355, 1982.

<sup>135</sup> Arquivo do DCE- caixa 09, nº 355, 1982.

<sup>136</sup> Idem.

Na nota além de percebemos a relação dos estudantes com o movimento sindical, notamos também a referência à partidos políticos. Em 1982 ano da nota, é realizada eleição ao governo do estado após um longo período ditatorial, e os estudantes se mostram também discutindo e dialogando com partidos políticos<sup>137</sup>.

Sobre a relação dos estudantes universitários com as questões regionais, ressaltamos a participação dos estudantes numa reunião do Comitê de Solidariedade ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais em 1983. Durante a reunião um estudante ia listando tópicos em uma folha de papel, e ao mesmo tempo que escrevia as frases também desenhava. As imagens contem pessoas, alguns objetos, não se estabelecendo relação entre eles. Pelas anotações se percebe, que a temática principal da reunião se referia à discussão sobre o posseiro não poder “desmatar” a região onde estava que segundo os estudantes, era uma forma de forçar a abandono da região por parte dos posseiros<sup>138</sup>. No documento os estudantes especificam o espaço físico, onde os posseiros estavam sendo injustiçados, que seria o seringal Novo Destino. Pelo que se percebe no documento, a injustiça viria ao fato de que ao seringalista seria cedido a permissão, enquanto que ao posseiro a permissão era negada pelo IDAF. A permissão negada segundo a informação do documento impossibilitaria que os posseiros mantivessem seus roçados, criando assim uma difícil situação para os colonos que deles dependiam para sobreviver. Na espécie de relatório da reunião, os estudantes mostram que cerca de 600 famílias estavam sem ter onde plantar e sem poder trabalhar, onde alegam ainda que o IDAF convocou a Polícia Federal para que processassem os “cabeças”, os que desmatavam<sup>139</sup>.

No documento os estudantes citam o Código Florestal e escrevem a indagação, “não se pode desmatar as margens dos rios, ou não se pode desmatar as margens do rio porque são posseiros?”<sup>140</sup> Seguem associando o IDAF a um instrumento que serve aos patrões e que nesse contexto da posse da terra, o posseiro por conta do órgão sofria injustiças. Inscritas no documento encontra-se frases em destaque provavelmente grafadas durante a reunião assim como os desenhos, são palavras que remetem a ação que precisam ser tomadas, sendo elas: “problemas da terra resolvido pela força”, “tortura”, “desapropriação da área”, “demissão do subdelegado”

---

<sup>137</sup> Anexo 07.

<sup>138</sup> Arquivo do DCE- caixa 10, nº 419, 1882.

<sup>139</sup> Idem.

<sup>140</sup> Idem.

e “ punição dos torturadores”. Logo abaixo das frases em destaque há um rosto com a interrogação “paz social”. Pelas palavras dos estudantes, percebemos o quanto estavam indignados com a situação dos posseiros que não podiam plantar, e que defendiam até mesmo uma intervenção mais radical através do uso da força<sup>141</sup>.

Em um outro documento do acervo, os estudantes também especificam o contexto de trabalhadores rurais, na ocasião se referem aos trabalhadores do seringal Catuaba. O documento é a pauta de uma reunião da tendência Caminhando, onde o assunto do Catuaba é o primeiro discutido. No documento os estudantes alegam que os moradores do Catuaba estão na cidade para resolverem a questão da expropriação da área, por conta da empresa agropecuária<sup>142</sup>. Os estudantes seguem listando temas internos na pauta da reunião, e os alunos indicam que ao final elaborarão um documento com o posicionamento dos mesmos sobre os assuntos discutidos.<sup>143</sup>

Ressaltamos também em nossa análise, a pauta da Assembleia Geral do centro acadêmico do curso de História realizada no ano de 1995<sup>144</sup>. Além de discutirem as questões internas, como o espaço físico e as festas juninas, os estudantes discutem a realização do V Encontro de estudos Históricos, onde farão um Simpósio de Estudos Históricos da Amazônia. Dentro da programação reservam um lugar para a questão da terra do Acre, com também abrem espaço para discutirem o papel do historiador acreano, nesse contexto. Mostram na pauta que em um momento do encontro abriam espaço para a discussão da formação dos partidos políticos no Brasil com foco na questão da terra<sup>145</sup>.

No acervo dos estudantes encontramos alguns arquivos que não foram propriamente feitos pelos estudantes, e nem que ressaltam suas práticas em relação as temáticas amazônicas, mas indicam que os estudantes os leram e os debatem. São documentos advindos de entidades oficiais ou de jornais, um deles não é do estado do Acre, porém os estudantes os leram e relacionam com o contexto local. O primeiro desses documentos é uma folha de jornal xerocada que tem como título “O complexo da Amazônia”. O texto está datado do dia 07 de fevereiro de 1985, tendo

---

<sup>141</sup> Anexo 08.

<sup>142</sup> Arquivo do DCE – caixa 14, nº 528, 1995.

<sup>143</sup> Anexo 09.

<sup>144</sup> Arquivo do DCE – caixa 10, nº 407, 1985.

<sup>145</sup> Arquivo do DCE – caixa 10, nº 407, 1985. Anexo 10.

com origem a cidade de Manaus e é assinado por Djalma Batista<sup>146</sup>. Trazendo a discussão do desenvolvimento da Amazônia, o texto é reproduzido pelos estudantes, em cópias que, o leva a crê que podem ter sido distribuídas pela Universidade. Em seguida temos dois textos informativos que apontam para as problemáticas da região. Esses textos encontram-se grifados em suas partes principais pelos estudantes. O primeiro deles é um texto de 1976, que tem com título “Razões para a ocupação da Amazônia”, assinado pelo diretor do INCRA<sup>147</sup>. No documento são elencadas várias razões para a ocupação da região amazônica. O que torna o documento pertinente a nossa temática, são os grifos feitos pelos estudantes e suas indagações escritas no documento. A primeira parte destacada pelos estudantes no documento se refere ao vazio demográfico da região, que vinha apresentando atividades econômicas como, a mineração, e o alargamento da fronteira agropecuária como alternativas para a “colonização” e ocupação da região. Durante todo o texto que contem 10 laudas, os alunos fazem anotações ao lado de vários parágrafos, como que contestando o que é dito no documento. Ao lado de um parágrafo onde é destacado o processo de colonização em áreas do mundo que apresentaram vazios demográficos, como a África e o Canadá os estudantes indagam por escrito, “porque a ocupação da Amazônia?” Pergunta feita como se fosse de uma forma irônica pois no documento, os estudantes destacam com seus grifos, todas as razões que o texto apresenta para a efetiva ocupação na região, seja ela de ordem econômica, política e sociais.<sup>148</sup>

Um outro texto onde também podemos detectar as indagações dos estudantes, se refere as migrações e tensões sociais da Amazônia. Esse segundo texto ao contrário do outro, crítica a migração que ocasionou em várias tensões sociais na região<sup>149</sup>. Como outro texto citado anteriormente os estudantes grifam as partes importantes, sendo destacadas muitas afirmações. O que se ressalta no documento apresentado no III Encontro de Estudos Históricos na Universidade é uma folha avulsa, que vem logo após o texto, onde um estudante escreve a mão três indagações e algumas frases soltas que remetem à expropriação da terra. Na primeira desta é indagado qual seria a diferença entre o que estava acontecendo a época, do que aconteceu ao longo da História do Brasil com relação a terra, fazendo alusão na nossa

---

<sup>146</sup> Arquivo do DCE –caixa 12, nº 812. 1985.

<sup>147</sup> Arquivo do DCE –caixa 07, nº 74, 1976.

<sup>148</sup> Idem.

<sup>149</sup> Arquivo do DCE- caixa 09, nº 340, 1982.



concepção à expropriação da terra das populações nativas do Brasil no período da colonização. A segunda estava associada à luta dos camponeses e à História, onde se é indagado se a luta dos camponeses seria anti-histórica e anti-revolucionária. E a terceira indagação, questionava se a ocupação pela propriedade da terra por parte dos camponeses era uma aspiração tipicamente pequeno burguês. Abaixo das perguntas ainda temos as palavras em forma de tópicos, “consciência de classe”, “desapropriação das pessoas” e “expulsão do homem”. Pelo teor das perguntas, que segue o texto, e tendo em vista que o mesmo foi apresentada em um Encontro Histórico, possa ser que as perguntas escritas tenham sido verbalizadas ao palestrante.

Dando um pequeno salto temporal, encontramos nos arquivos dos estudantes um jornal chamado *Empate* (2003) uma matéria que se refere a um evento de cinema, onde a Universidade estava pensando à questão do meio ambiente<sup>150</sup>. A matéria foi escrita por um estudante do curso de Ciências Sociais na UFAC, onde no texto o aluno aponta para a 1ª Amostra de Cinema e Vídeo Ambiental - Cine Amazônia, que aconteceu na cidade de Porto Velho. Segundo o estudante o evento consagrou-se com uma interessante alternativa de conscientização e denúncia com relação ao meio ambiente, tendo sucesso e previstas outras edições em outras cidades, como a capital do Acre, Rio Branco<sup>151</sup>. De acordo com o estudante o mosaico de imagens da amostra, gerou momentos de intensa força cinematográfica, fazendo transbordar a emoção da natureza em cena para todos os humanos presentes, alimentando assim os corações de esperança e coragem para lutar pelo que, ainda restava dela, e conclui fazendo reverência ao cinema que a natureza não poderia sair de cena<sup>152</sup>. No que se refere aos arquivos dos estudantes, o arquivo citado é o único que diz respeito aos anos 2000, grandes partes deles, se contextualizam na década de 80, o que reflete na mudança do contexto político e econômico tanto nacional como regional.

No transcorrer das décadas de 1970, 1980 e 1990, os conflitos que antes eram associados ao homem do campo, se configuram então em conflitos e tensões sociais e urbanas. Com a marginalização nas cidades dos trabalhadores que “saem” de dentro da floresta, e incham as cidades em buscar de sobrevivência, configura-se um

---

<sup>150</sup> Arquivo do DCE – caixa 04, nº 2.969, 2003.

<sup>151</sup> Idem.

<sup>152</sup> Arquivo do DCE – caixa 04, nº 2.969, 2003.

novo contexto social do estado, contexto este refletido no Movimento Estudantil que aos poucos vai deixando de lado o diálogo que mantinha com as questões da posse da terra no estado, a ponto de contemporaneamente praticamente desaparecer.

## Considerações finais

Conforme anunciamos na introdução deste trabalho o nosso objetivo geral foi compreender de que forma o Movimento Estudantil na UFAC dialogava com os intensos conflitos sociais da sociedade onde estava inserido. Nessa perspectiva, procuramos responder as seguintes indagações: a) Como o contexto social/político/econômico do estado do Acre, influenciava os militantes do movimento nas suas bandeiras de luta e reivindicações? b) Como as simbologias “amazônicas” eram utilizadas no movimento? c) De que forma os desenhos e símbolos que remetiam a vida na floresta eram inseridos nas narrativas construídas pelos jovens estudantes? Destacamos também que com o surgimento da chapa Seringueira duas questões centrais são atribuídas ao Movimento Estudantil no estado. A primeira é que somente depois 1977 é que podemos nos referir a ME organizado no estado, tendo como base a leitura feita de Venchia (2011) que difere órgão representativo de alunos a Movimento Estudantil, no qual a questão da mobilização social é característica atenuante. A segunda assertiva diz respeito a introdução do discurso da preservação da floresta, que aparece com maior expressão dentro do Movimento em um período datado, inicia-se em 1977 e aos poucos vai se silenciando no final da década de 1990, com raras exceções nos anos 2000. O discurso pela manutenção da floresta em pé, e o apoio ao seringueiro, vão se configurando conforme as mudanças conjecturais da história do Brasil e do estado do Acre, transformando-se posteriormente em discursos de crítica social e política.

Com o fim da Ditadura Militar os estudantes mudam o campo de atuação, e suas reivindicações se mostram centradas na área interna do ME dentro da Universidade. Novos agentes sociais vão surgindo conectados com o contexto de sua geração, fazendo com que a práxis estudantil de cada geração se identifique dentro da “localização “social “a que pertence, tornando perceptível as práticas associadas a elas.

Dentro da geração de alunos a qual lançamos nosso olhar, atribuímos as práticas de resistência em duas direções principais. Resistência no âmbito interno do ME ao causar uma ruptura na relação DCE/reitoria, e por lutar contra a implementação de um projeto “modernizante” na região, que reconfigura o quadro social e econômico do estado.

Às simbologias que remetem a vida da floresta, como a presença da imagem da castanheira, e da presença semântica da Seringueira, fizemos uso de nosso referencial teórico principal Roger Chartier, onde as representações não dão conta do real, estão ali remetendo a algo representado, porém nunca sendo ele tal como é. Com Chartier compreendemos que não é possível descrever a realidade, representá-la, nos arquivos e jornais pesquisados temos a representação dos estudantes, algumas construídas por eles próprios e outras por pessoas que os “liam”.

Nossa intenção no capítulo inicial foi trazer a discussão a noção de representação, punhada por Chartier, associando “as práticas as representações, e as representações às práticas”, onde no contexto da pesquisa os estudantes liam a realidade e a representava dentro do Movimento Estudantil. Transcorremos ainda no capítulo sobre os movimentos de estudantes em vários contextos históricos. Na finalização do capítulo, tentamos contextualizar a história política e econômica da região, para relacioná-la as práticas, discurso e representação dos militantes do Movimento estudantil no estado do Acre.

Especialmente no capítulo dois evidenciamos o surgimento da chapa Seringueira, e seu diálogo com os outros segmentos sociais (CEBs, sindicatos, movimento de cultura, movimento em defesa da floresta), onde apontamos que os militantes do ME no estado transitavam em vários movimentos sociais, o que torna o surgimento do discurso voltado para as questões locais presente dentro da proposta dos alunos, pois os mesmos já tinham conhecimento sobre os processos de expulsão do meio rural.

No nosso terceiro capítulo, construído com base nos arquivos dos estudantes, tentamos mostrar dentro do ME na UFAC a presença do discurso introduzido pela chapa Seringueira em defesa da floresta. Notamos que pós-chapa Seringueira o discurso se manteve por um tempo, onde depois com a mudança política no Brasil, passaria a praticamente desaparecer nos documentos.

Ressaltamos que as representações sobre a Amazônia, são perceptíveis nas gerações de estudantes que estavam vivenciando os processos sócios/históricos da época. Procuramos mostrar com base nas fontes utilizadas que a Amazônia representada no ME na UFAC é aquela que traz a marca dos conflitos sociais por terra e território, que traz as vozes dos sujeitos sociais que lutam e resistem contra a

expropriação. É a Amazônia entendida segundo as noções de pertencimento daqueles sujeitos – notadamente comunidades camponesas e povos indígenas – até então invisibilizados.

Os estudantes que integram o ME na UFAC a partir de 1977, dialogam com questões sociais mais amplas. São eles que levantam bandeiras inéditas, mobilizam e conscientizam os estudantes acerca dos assuntos específicos da região, possuem sensibilidades para problemas sociais. Suas atuações perpassam os muros da universidade, o polo crítico da sociedade é o seu marco de referência de contestação, torna-se um agente ativo e mobilizador de seu meio social.

## Referência Bibliográfica

ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues de & ISHII, Raquel Alves. **Cultura e Natureza, Arte e Política na Amazônia Acreana**. In: Fragmentos de Cultura, Goiânia, v.24, n.2, p.195-210, abr/jun.2014. Disponível <<http://seer.ucg.br/index.php/fragmentos/article/viewFile/3304>>. Acesso em 24/11/2017.

ALBUQUERQUE, J. A. G. – **Movimento estudantil e consciência social na América Latina**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1977.

AZEVEDO, Adriana de Santana. **Tecendo o Amanhã: a atuação dos estudantes universitários na luta pela democracia na UFAC (1972-1982)**. Trabalho de Conclusão de Curso de História (Bacharelado) da Universidade Federal do Acre.

BEJAMIM, V. **Magia e Técnica, Artes Escolhidas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

BESSER, Luiz Carlos. **As revoluções utópicas dos anos 60: a revolução estudantil e a revolução política na igreja**. – São Paulo: ed. 34, 2006.

BRITO, Mauricio. **Capítulos de uma história do movimento estudantil na UFBA (1964-1969)**. Salvador: EDUFABA, 2016.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Trad. De Maria Manuela Galhardo. 2ª Ed. Lisboa: Difusão Editora, 2002a.

\_\_\_\_\_. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. - Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002b.

\_\_\_\_\_. **Defesa e ilustração da noção de representação**. Universidade Federal da Grande Dourados. In: Fronteiras, Dourados, MS, v. 13, n. 23, jan./jun. 2011.

FARIAS, Manoel Severo. **Raízes da criação da Universidade Federal do Acre**, Campinas, SP: 1996.

FORACCHI, M. A. **O estudante e a transformação da sociedade brasileira**. São Paulo: Editora nacional, 1977.

\_\_\_\_\_. **A juventude na Sociedade Moderna**. São Paulo: Livraria pioneira, 1972.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Organização – Liv Sovik; Tradução: Adelaine La Guardia Resende. - Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HOBBSAWM, Eric J. **Era dos Extremos: o breve século xx: 1914-1991**. 2º ed. Tradução Marcos Santarrita – São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JUNIOR, Antônio Mendes. **Movimento Estudantil no Brasil**. 2º ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

KURLANSKY, Mark, **1968: o ano que abalou o mundo**; tradução de Sônia Coutinho. - Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

MESQUITA, M. R. **Identidade, cultura e política: os movimentos estudantis na contemporaneidade**. São Paulo. (Tese de doutorado). 2006.

MESSINA, Marcelo. **Atraso**. In: Uwakürü: dicionário analítico, organizado por: Gerson Rodrigues de Albuquerque, Agenor Sarraf Pacheco. Rio Branco – Nepan Editora, p.96106.2016.Disponível em [www.mel.unir.br/uploads/56565656/arquivos/Uwa\\_k\\_r\\_\\_\\_Dicion\\_rio\\_Anal\\_tico\\_1877679675.pdf](http://www.mel.unir.br/uploads/56565656/arquivos/Uwa_k_r___Dicion_rio_Anal_tico_1877679675.pdf). Acesso em 13/12/2017.

MULLER, A. **O movimento estudantil na resistência à ditadura militar (1969-1979)**. 1º ed. –Rio de Janeiro: Garamond, 2016.

PAULA, E. A. **(Des) envolvimento insustentável na Amazônia ocidental**. Rio Branco: Edufac, 2005.

\_\_\_\_\_. **Seringueiros e sindicatos: um povo de floresta em busca de liberdade**. Rio Branco: Nepan Editora, 2016.

POENER, Artur. **O poder jovem: história da participação política dos estudantes brasileiros**. 5º ed. Rio de Janeiro: Booklink, 2004.

PORTELA, Michele da Costa. **Varadouro – um jornal das selvas um estudo sobre a vida no alternativo**. (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2009.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de história oral**. Tradução Fernando Luiz Cassio e Ricardo Santhiago – São Paulo: Letra e Voz, 2010.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**; tradução: Alain François – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura e guinada subjetiva**; tradução: Rosa Freire d'Aguiar. – São Paulo: Companhia das Letras: Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SILVA, Silvana M. B. **MFC, Movimento de formação Cultural da Juventude católica e os movimentos sociais em Rio Branco nos anos 70**. Trabalho de

Conclusão de Curso de História (Bacharelado) da Universidade Federal do Acre. 2010.

SIMIONE, S. S. **Resistência camponesa e desenvolvimento agrário: uma análise a partir da realidade amazônico-acreana**. Rio Branco: Edufac, 2011.

SOUZA, José Dourado de. **Entre, porongas e letras: a escola vai ao seringal – (re) colocações do Projeto seringueiro (Xapuri/Acre -1981/1990)** – Belo Horizonte: UFMG/FAE (Tese de doutorado), 2011.

VENCHIA, Renato da Silva. **Movimentos Sociais e Movimento Estudantil**. In: Sociedade em Debate, Pelotas, 18 (1): p. 31-54, jan-jun/ 2012. Disponível em <file:///C:/Users/SideSync/Downloads/704-2619-1-PB.pdf> Acesso em: 25/07/2017.

VENTURA, Z. **1968 o ano que não terminou**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1988.

### **Outras referências**

#### ENTREVISTAS

LIMA, Eurenice Oliveira de. **Eurenice Oliveira de Lima**: depoimento (novembro de 2017). Entrevistadora: Queila Batista dos Santos. Rio Branco- Acre, 2017.

ROCHA, Airton Chaves da. **Airton Chaves da Rocha**: depoimento (novembro de 2017). Entrevistadora: Queila Batista dos Santos. Rio Branco- Acre, 2017.

#### JORNAIS

Varadouro um jornal das Selvas, Rio Branco, setembro de 1977. Ano I – nº 4.

Varadouro um jornal das Selvas, Rio Branco, novembro de 1977. Ano I – nº 5.



## APÊNDICE

### ENTREVISTAS

Eurenice Oliveira de Lima

**Queila-** Como a senhora conheceu os outros integrantes da chapa “seringueira”? Poderia falar sobre suas origens?

**Eurenice** - Sabia pouco sobre todos os mais próximos mas vou tentar falar do que ainda lembro. O Walterlis trabalhava na extensão rural na Emater e era amigo do meu irmão, que era estudante do curso de matemática na Ufac. Era um nordestino recém-chegado, acostumado com a vida naquela região. Era calado e brincalhão, gostava de tomar cerveja e ouvir MPB nas vezes em que ia à nossa casa. Penso que se sentia acolhido pelo meu irmão pela bagunça que era a nossa casa e pelo meu pai, com a sua peculiar visão de mundo. Mas era funcionário público e não podia expressar publicamente as suas discordâncias políticas e nem era muito politizado mas tinha sensibilidade social. Penso que essa combinação garantiu a sua proximidade, adesão e participação na luta pela Chapa Seringueira. O Álvaro Salmito, era funcionário público do Sesc ou Senac, Sesc. Diretor cultural que trafegava entre os “projetos de artistas” da época, conhecia outros mundos do Rio e de São Paulo. Parece-me que tinha uma graduação em Sociologia, não sei ao certo. Na Ufac, era estudante de economia. Também era do Nordeste. Era o mais vigoroso e crítico contumaz de tudo, quando falava, sua voz preenchia todo o espaço e tomava conta da atenção de todos. Expressava inconformismo e certeza com a mesma força e clareza. Era deliciosamente obstinado e vibrante. Irritava-se facilmente comigo, me criticava por ser passiva, acomodada e outros adjetivos não publicáveis, por isso eu não me aproximava muito dele mas admirava aquela personalidade inquieta.

**Queila** - O Valdir presidente veio de Xapuri não é mesmo? Dizem que na universidade ele andava calçado com um sapato de seringa rústico, e isso causava certo espanto em alguns estudantes. A senhora acha que o fato dele andar com o sapato de seringa era uma forma de resistência?

**Eurenice** - R – Achava engraçado o fato dele usar o sapato de seringa, apesar de me considerar inocente para algumas causas no período. Era um ato de coragem sim e uma postura desafiante usar esse tipo de sapato por vários motivos. Primeiro porque lembrava um mundo que estava sendo derrubado, como as árvores, depois porque

era uma identificação que era repelida por vários outros grupos sociais dentro da cidade e na própria universidade. O sapato de seringa era um signo do qual, quase todos queriam se afastar, porque lembrava o rural, o antigo, etc, etc. Além disso, era um sapato que causava suor nos pés e um forte odor que lembra a seringa molhada e escorrega, mesmo aderindo totalmente ao pé, como uma sapatilha de balé. No entanto, é uma invenção tecnológica de um trabalhador que precisava se livrar dos espinhos e dos animais venenosos que habitam o chão da floresta enquanto corriam pelas estradas de seringa, fazendo o trabalho de coleta do látex. Nessa medida é uma resposta criativa que combina distância dos produtos industrializados, baixo poder aquisitivo dos seringueiros e suas famílias e acesso a matéria prima. É bom lembrar também que, na década de 1970, as cidades do Acre e Rio Branco, principalmente, estavam povoadas por homens de chapelões, botas e cintos largos, os tais prepostos de “fazendeiros paulistas”, que eram vistos nos bancos, nas repartições públicas, nos restaurantes, etc. Neste contexto, andar de sapato de seringa era uma deliciosa forma bem humorada de encontrar possibilidades de enfrentamento e marcar posição para um jovem com idade aproximada dos vinte anos, que estava chegando ao curso universitário, vindo de um lugar, Xapuri, onde o saque às terras dos seringueiros era intenso e onde o movimento dos seringueiros eram bem organizado e atuante. Era muito mais que uma simples declaração de oposição! Visto em perspectiva histórica e tentando reproduzir as nossas percepções da época, era uma simples forma de rechaçar um projeto político para a Amazônia Acreana. “Olha, eu não gosto e não aceito o projeto da Ditadura Militar para o Acre, por que acaba com os seringueiros e seu modo de vida. Não aceito e vocês não podem me chamar de subversivo e nem me prender por usar sapatos de seringa! ”

**Queila** - Poderia contextualizar as razões sociais que levaram a sua sugestão do nome da chapa?

**Eurenice**- Chapa seringueira! Como explicar essa escolha? Primeiro, eu gosto de dizer que foi uma escolha consensual. Todos nós, em certa medida, tínhamos a percepção da violência intrínseca ao processo de expulsão dos seringueiros e a implantação de fazendas. Não foi necessário defender a ideia ou justificar. Nós estávamos num grupinho, conversando no intervalo entre as aulas, ou na cantina, ou sentados em roda no chão de alguma sala sem aula. “Bom então, vamos mesmo participar da eleição para o DCE. Qual o nome da nossa chapa? Que tal Chapa

Seringueira? Com tudo o que está acontecendo no campo, é um bom jeito de trazer essa discussão para universidade”. Pronto! A adesão foi imediata. As razões sociais são variadas, mas convergentes. Tentarei um breve desenho desse contexto de múltiplas determinações para mostrar que a Chapa Seringueira foi uma expressão do clima da época que estava cravada como uma cunha, no tempo histórico, construída por um punhado de estudantes desafiados que foram aprovados pela a maioria dos seus colegas. Dá para ter uma dimensão do significado dessa eleição?! Nós tivemos coragem de construir a Chapa Seringueira e arrastamos os colegas no mesmo movimento! Isso é impressionante para a época! Nós não aceitávamos, não compactuamos e ainda encontramos um jeito de afirmar nossa posição, como estudantes que éramos. Até essa época, que eu estou relembrando, não fizemos passeatas e nem apanhamos da polícia. Mas quebramos o monopólio do reitor civil-militar e conquistamos o DCE!!! Nem lembro por quantos votos de diferença! Mas não podemos mistificar! Para não mistificar essa conquista, é sempre bom lembrar que não tínhamos patronos ou líderes iluminados que tinham a palavra final. É bom lembrar, também, que essa conquista tinha um alcance limitado, pontual, mas adquire importância por que inaugurou a possibilidade de uma nova fase para o movimento estudantil na Ufac. Basta lembrar que, em alguns momentos, tivemos brigas sérias, principalmente por que eu não aceitava algumas propostas de ação, mas no geral, éramos quase inocentes. Voltando às razões sociais: Lembro de um artigo do Horácio de Carvalho, publicado em jornal diário, salvo engano, é esse o nome do autor, mesmo. No artigo, seu autor argumentava que a “universidade era uma ilha” por que as questões sociais não eram discutidas e nem pesquisadas na universidade. A universidade parecia ausente por que não discutia esse processo e nem se posicionava diante das injustiças praticadas contra os trabalhadores/seringueiros que sempre foram importantes para a fundação do Estado e para a manutenção da vida neste Brasil acreano. Esse artigo irritou profundamente o Reitor, nomeado pela Ditadura Militar, por mais de uma década. Não se trata da defesa ao seringalismo que sempre foi um mundo hostil para os trabalhadores. Nem se trata da crítica ideológica ao projeto da ditadura para a Amazônia, mas de identificar os resultados sociais e os seus impactos humanos. Se as mudanças podiam ser construídas com incentivos de dinheiro público, por que as mudanças não eram benéficas para quem vivia e tinha construído o Acre? Nesse sentido, os seringais estavam sendo destruídos num processo de concentração fundiária em que os “novos donos” do Acre, compravam as

terras e benfeitorias por preços simbólicos, e expulsavam os seringueiros, antigos trabalhadores, queimando suas casas e suas culturas. Muitos desses trabalhadores do látex, os seringueiros, inicialmente saíam perambulando com suas famílias em busca de apoio de parentes ou antigos conhecidos moradores de colônias ou da cidade e quase sempre conseguiram erguer moradias em terrenos de ocupação, próximo ao rio, inaugurando novos bairros. Outro contingente significativo, de homens e mulheres seringueiras, se organizou, resistiu à expulsão e defendeu as seringueiras com seus braços, com seu sangue, dando a vida, como acontece entre os trabalhadores que lutam para construir melhores condições de existência para seus filhos e netos. Esse processo de expulsão e de resistência está amplamente documentado pelos pesquisadores que vieram depois. Mas nós estávamos vivendo neste momento, nesta década e diante de nossos olhos percebíamos o processo brutal que se desenrolava. Para mim, era impressionante a coragem desse pessoal que enfrentava a violência da expulsão de suas terras, na solidão dos lugares distantes, podendo ser morto por emboscada, a qualquer instante. Eu morava na cidade, longe dos conflitos e tinha um medão até por que acompanhava tudo que podia, até por que torcia por eles. É bom lembrar que esses antigos trabalhadores do látex, colocaram os pilares do Estado do Acre com seu trabalho e assim produziram, madrugada à dentro com porongas na cabeça a riqueza dos patrões seringalistas em toda a Amazônia. Eram esses trabalhadores originários que estavam sendo escoraçados de suas colocações e até de suas unidades de produção familiar, os assim chamados, colonos. Em geral, a maioria de nós, por sermos descendentes ou por leituras, conhecíamos a vida dura desses homens e mulheres na sua luta pela existência. Então, uma parte da estudantada, concordava com o autor que afirmava o isolamento da universidade. A Ufac estava concordando por omissão, com todas as injustiças sociais praticadas contra os trabalhadores do seringal. Podia ser diferente, já que a Universidade era uma instituição da Ditadura? Não sei. Mas posso informar que a pesquisa embora germinal, estava estrangida pelo arbítrio e a repressão que são as características da época. Definitivamente, não havia debates e nem artigos escritos sobre a mudança em curso que dilapidava o patrimônio social e derrubava as florestas. Justiça se faça, depois vieram as pesquisas, as dissertações e até as teses, mas isso é outro tempo. O Varadouro é um jornal que deu voz e expressou todo o dilema da época. Houve um tempo em que fazia a transmissão, quase em tempo real da tragédia vivida pelos homens e mulheres do seu tempo. Seus corajosos jornalistas

e colaboradores, escreviam sobre as ideias de trabalhadores, seus encontros para montar sindicatos, mostravam as táticas dos paulistas, os assassinatos do campo, acompanhavam as ações dos trabalhadores na cidade na frente do INCRA, do Palácio Rio Branco, as Assembleia e etc. Esse jornal teve um papel muito importante para o movimento social em geral e para o movimento estudantil da época. Como nós líamos e acompanhávamos cada edição! O contexto da Ditadura Civil-Militar/64 era o grande cenário. Depois vinha o Projeto de modernização para a Amazônia que era a implantação da pecuária extensiva. Esse projeto, entre outras características, ignorava a tradição econômica do Acre, o seringalismo, seus trabalhadores e suas famílias, e tinha uma premissa falsa que era o vazio demográfico. Sempre fiquei intrigada com essa expressão, e nós que vivíamos aqui? Éramos o quê? E as aldeias com os índios? E a vida que tínhamos construído, narradas pelo meu avô, que foram as minhas estórias infantis? Tudo era considerado vazio, para justificar a “plantação” de bois. Quando a industrialização automobilística e os tanques de guerra precisaram de látex, jogaram os trabalhadores nordestinos, mata à dentro, para morrer de malária, tuberculose e colher látex até a última gota de suor e vida. Quando a burocracia militar precisou resolver a questão do campo no sul/sudeste, arrancaram os seringueiros de suas terras e financiaram o processo de substituição do trabalhador pela “pata do boi”. A Igreja católica, teve papel muito importante na década de 1970. Lembro com carinho de muitos padres e freis desse tempo e até de uma freira. Lembro o nome de alguns, somente. Mas como eram valentes e corajosos! Dessa época, através deles, me reconciliei com a ideia de Deus. Tínhamos reunião no sábado. Podíamos discutir tudo, perguntar tudo. Falar de casamento e outras coisitas. Só lembro do nome de duas pessoas que faziam parte desse grupo, dos outros não lembro. Até por que eu não ficava nos grupos muito tempo. Através desse grupo soube da chegada da Contag e estava presente na primeira reunião para fundar um sindicato em um ramal que eu nem lembro qual era, mas lembro de muitas pessoas presentes, homens, mulheres, crianças. Essa memória é interessante para mostrar como nós estávamos inteirados do que acontecia. Assim sendo, a Igreja católica da época, com a prática social fundamentada pela Teologia da Libertação, assumiu parte do debate sobre a questão social, indicando formas de luta através de encontros e seminários em que denunciavam a violência e as injustiças sociais. Há algo curioso e que eu nunca lembro de mencionar é que esse grupo de estudantes da Ufac à época, não estava isolado. Havia também, a estudantada de acreanos, que podiam estudar no Rio de

Janeiro, prioritariamente. Eram filhos de funcionários públicos ou comerciantes, em geral ligados à política partidária (ARENA). Eu sei disso por que mesmo antes de entrar na universidade, lia muitos jornais e livros que eles traziam para mim, nas férias. Jornal Movimento, Opinião, que eram o filé da “imprensa marrom”! Esses jornais faziam a crítica à Ditadura e ao seu projeto para o Brasil, denunciavam os arbítrios, a tortura, as prisões ilegais e a perseguição aos estudantes e a outros intelectuais militantes. Pessoal corajoso, determinado e bem informado. Um desses estudantes me emprestou o livro do Máximo Gorki, um escritor russo, o título era “A Mãe”. Li-o em uma noite! A pressa era por que o tema era dramático e por que precisava repassar para outro leitor. E eu não poderia saber quem era. Fiquei apaixonada pelo Gorki, depois li outros títulos dele. A essas alturas já tinha lido também o Graciliano Ramos, o Jorge Amado, Josué de Castro com o inesquecível título “O Livro Negro da Fome”. Desse tempo, li também um texto impressionante do Che Guevara. O meu amigo me passou esse livro sorrateiramente deixando-o em cima de uma caixa, com a recomendação anterior, sussurrada, de que ninguém deveria saber nem do livro, nem dele, nem que eu tinha lido. Assim, a gente construía os subterrâneos por onde passava os fluxos que alimentavam os nossos posicionamentos e as nossas leituras da realidade. Nunca entendi por que alguns desses estudantes e outros colegas me traziam esses jornais e livros. Mas essa memória serve para mostrar que havia ligações entre nós da Ufac e esses estudantes acreanos que estudavam fora. Mostra também, que havia muitos elos entre nós que são explicativos e que permaneceram nas sombras esperando que algum pesquisador aponte para essa ligação. Nós éramos jovens. Esse é um dado que nos iguala. Mas eu era jovem, mulher e pobre. Essa diferença não me excluía das leituras, das conversas, dos debates. O que isso nos indica? Não sei mas abre espaço para outras reflexões.

**Queila** - O jornal Varadouro diz que esperava que vocês pudessem realizar um trabalho “sem o tacão de Erasmo Dias por perto”, a quem ele se referia, quem era Erasmo Dias?

**Eurenice** - Salvo engano, Erasmos Dias era um delegado da Ditadura, uma espécie de carrasco, que perseguia estudantes e intelectuais. Não lembro se era do Rio ou São Paulo.

**Queila** - No jornal Varadouro consta que souberam que quem se manifestava adeptos da seringueira eram tachados de analfabetos. Como foi o processo eleitoral de vocês (processo de campanha), visto que vocês foram a primeira chapa a concorrer para o DCE que não foi apadrinhada pelo reitor. Como foi a recepção em sala de aula?

**Eurenice** - Havia certo mal-estar na gente, nos nossos colegas e nos professores que estavam em sala. Parecia um acordo tácito, vamos deixá-los falar, assim vão embora logo! Mas nós éramos didáticos, claros e rápidos. “O reitor escolhe o presidente do DCE, define uma chapa única e você vai permitir que isso continue?! O reitor não é dono do seu voto! Vote numa chapa de estudantes!” Havia um colega nosso o Álvaro Salmito, tinha uma voz vibrante e clara, articulava bem, quase sempre era o nosso porta-voz. Havia também o Waldir Nicácio, o presidente da chapa, era doce, brincalhão e falava o nosso acrianês, lá de Xapuri, conseguia chegar bem junto dos estudantes na sala de aula. Eu e o Walterlis éramos os caladões que acompanhavam as visitas de convencimento. Eu sempre acho que ajudo mais ficando calada, até hoje! De parte a parte o recado era dado, muitos diziam que nós éramos doidos que estávamos mexendo com cachorro grande! Nos intervalos, na cantina e em vários locais éramos evitados por uns e procurados por outros. Muitos não queriam se comprometer, outros até debochavam. Assim, nós ficamos até a apuração, numa tensão enorme! Ganhar foi como um frio que passou pela nossa espinha (coluna vertebral). “Ganhamos?! Susto. O que aconteceu?!”

**Queila** – Poderia falar sobre a plataforma de campanha da seringueira?

**Eurenice** - Plataforma, não lembro das pautas específicas da nossa plataforma mas tenho absoluta certeza que nós queríamos tomar o DCE assumindo o controle da nossa representação política, estabelecer uma pauta dos nossos problemas e discutí-los da nossa perspectiva. Claro, que nessa direção entravam a crítica à Ditadura, e a sua forma de nomeação do Reitor, crítica ao papel político da universidade, crítica ao projeto político para o Acre. Nós tínhamos, sem saber, uma visão de mundo ampliada que conectava desde o seringueiro isolado na floresta devastada até os interesses norte-americanos para o Brasil.

**Queila** - Na entrevista para o Jornal Varadouro, a chapa vem pregando a interação entre universidade-comunidade, isso de fato aconteceu? Consegue responder apesar do pouco tempo que ficou na chapa?

**Eurenice** - Interação universidade- comunidade. Não sei falar sobre isso.

**Queila** – Qual foi a importância do jornal Varadouro, para a existência da Seringueira?

**Eurenice** - Afirmei anteriormente sobre a importância do Jornal O Varadouro para ecoar a voz dos movimentos sociais. Sem o Jornal Varadouro não existiria a Seringueira? Será?! Não quero discutir essa afirmação. Além de informar sobre a questão social, a importância do Jornal para a Chapa Seringueira, é ter feito uma entrevista que documentou a existência da Chapa. Se não houvesse essa entrevista, haveria milhares de pessoas com interesse em ocultar ou mesmo negar a existência da Chapa Seringueira pela sua autonomia e existência singular, que originou um tempo em que o movimento estudantil não tinha donos. A Chapa Seringueira contribuiu, para mostrar aos estudantes da UFAC que é possível um movimento estudantil autônomo, nascido das suas próprias demandas. É nesse sentido que o Varadouro é tão importante para a Chapa Seringueira, por não permitir o sequestro dessa experiência histórica dos estudantes acreanos, para objetivos desconhecidos.

**Queila** - O que mudou no Movimento Estudantil acreano ao seu vê a partir da vitória da Seringueira?

**Eurenice** - Essa pergunta é importante mas merece uma pesquisa documental. Até agora falei das minhas memórias da experiência histórica da Chapa Seringueira que são limitadas. No entanto, penso que o movimento estudantil pode até ter perdido um alguma coisa de essencial.



**Airton Chaves Rocha**

**Queila-** Professor eu tenho algumas perguntas sobre a época da sua militância no Movimento Estudantil. Nos arquivos do DCE que eu pesquiso, eu achei um arquivo que data mais ou menos de 1981, 1982. O documento contém uma castanheira como símbolo e escrito a frase preservar para sobreviver, aí tem DCE e em baixo UNE. O senhor sabe ao que isso se refere?

**Airton Rocha** - No final da década de 70 e início dos anos 80, muitas pessoas atuavam em vários movimentos sociais, todos nós, para você ter uma ideia, a gente vendia o Varadouro, agente era aqui do DCE eu era do PCDB e agente vendia a Tribuna que era o jornal do PCDB e vendia o Jornal Varadouro, isso era uma atividade. Na época eu fazia parte do Movimento em Defesa da Amazônia, que foi um movimento criado aqui em 76, 77, ou 78 acho que foi em 77, 78. Então outros colegas faziam parte eu fiz parte também, então no fundo isso era uma defesa muito mais coletiva, quem atuava muito nos movimentos sociais nos movimentos estudantis agente chamava muito naquele período de movimentos populares, todos nós tínhamos uma preocupação que era a defesa da Amazônia, agente percebia que no processo da ditadura militar, a Amazônia estava sendo vendida para os estrangeiros para os americanos. Um exemplo mais gritante disso dessa entrega, dessa internalização da Amazônia, foi o projeto Carajás de um bilionário americano, então a gente ficava sempre com um, aqui no Acre por exemplo quando houve a venda das terras, aqui tinha o Bradesco que comprou terra, então a gente era muito atenta ao diversos movimentos sociais dentre eles o movimento estudantil. A defesa da Amazônia era uma luta principal que se atuava nos diversos movimentos sociais no movimento estudantil, etc., tendo como foco comum a defesa da Amazônia, contra a penetração na Amazônia, por uma universidade mais amazônica, e politicamente contra o que agente chamava aqui de atentado à soberania nacional. Agente chamava os militares de entreguistas, então era um dos elementos que permeavam essa defesa da Amazônia. Sobre o que você falou eu não sei a que se refere.

**Queila** - Então quer dizer que os militantes dos movimentos sociais eram os mesmos militantes do movimento estudantil?

**Airton** – Se permeavam, agente trabalhava em comunidade eclesiais de base, fazia teatro, e tinha essa coisa em comum que agente chamava em defesa pela Amazônia.

E quando foi constituído esse movimento que eu to te falando em defesa da Amazônia, nos fundamos esse movimento, era uma defesa em comum e essa simbologia talvez aparecesse nas diversas entidades entre elas o Movimento Estudantil.

**Queila** - Vocês tinham algum diálogo alguma interação com os estudantes da América Latina?

**Airton** - A gente tinha uma ligação assim por exemplo, tinha um rapaz que estudava Haveicultura que era exilado da Bolívia, então era meu amigo pessoal convivia em minha casa, nesses de exilados sim que eu to dando esse exemplo mas agente ir lá, entendeu a gente não tinha as mínimas condições, pra você ter uma ideia quando o vice presidente da UNE no caso do Pará no caso do Amazonas João Pedro que foi senador recentemente, eles vinham e não tinham passagem de volta, ai a gente ficava pedindo aqui aos deputados aos progressistas. Abraim Fará que ajudava todo mundo a conseguir a passagem deles de volta, imagina a gente sai daqui e ir pra esses eventos internacionais, não tinha como, mais que tinha uma ligação tinha. Pra se ter uma ideia, o presidente da Une de 80, 81 eu acho que é de 80, era o Ravier ele tinha uma origem espanhola, ai a ditadura militar fez de tudo para expulsa-lo do pais, e a gente fez uma movimentação eu lembro que fui na Tv acre na época, fazendo a defesa e tal, então, saída nossa daqui não mas no fundo tinha uma ligação política, por assim a ditadura foi estabelecida não apenas no Brasil, mas nos países do cone sul, então a gente sabia que os órgãos de repressão do cone sul agiam em todo canto, porque eles sabiam que essas esquerdas também agiam em vários lugares de forma bastante amplas, além pais.

**Queila**- A minha pesquisa começa em 1977, porque eu percebi em alguns textos que li, e nas pesquisas nos arquivos também que antes de 77, o movimento de estudantes na UFAC era mais atrelado a festas, a competições, a festas esportivas, como se fosse um grêmio estudantil, e a partir de 77, é que a Seringueira traz essa questão da realidade amazônica e ela vem meio que mudando essa prática do movimento estudantil, e a partir dessa data também que percebi o “chamamento” de partidos políticos.

**Airton** - De 66 a 80 só existiram dois partidos ARENA e MDB, com o bipartidarismo, com 80 que já fazia parte do processo de redemocratização é que foram criados, o PT, PTB, o MDB, virou o PMDB, essa reforma é muito mais de 80 pra frente, só que

os partidos clandestinos eles atuam dentro do MDB, por exemplo em entrei no PCDB aqui no Acre em 78, agente atuava nas esquerdas, só que a ditadura sabia que eles tinham as informações da gente, mas pra todos os efeitos agente era do MDB, tanto é que a orientação geral do PCDB em 80 era que não fossemos pro PT, continuássemos no PMDB, claro sendo PCDB. A participação política dos estudantes se dava muito assim. No caso do Acre, foi criada aqui em 88 a Tendência Popular, que depois o PT se apropriou disso colocou a frente popular que é até hoje. Então era um movimento de oposição dentro do MBD de posição aos caciques chamados naquele tempo, mas a participação partidária não era tão intensa para quem era de esquerda, antes de 80 as pessoas atuavam mais nos seus partidos clandestinos e atuavam mesmos nos partidos legalizados.

**Queila** – Inclusive sobre o senhor nos arquivos tem uma carta de renúncia, o senhor renuncia ao cargo de presidente do DCE, para concorrer ao cargo de vereador.

**Airton** - Fui eleito em 82, quando presidente do DCE. Os diversos movimentos que nos apoiavam, achavam que tinham, que precisavam, era processo de redemocratização. O Figueiredo o presidente da Ditadura Militar ele não queria que tivesse eleição em 82, e foi realizada e eleição em 82, porque ele dizia não, o Brasil ainda não estava preparado, o regime militar dificultou as eleições de 82, e a sociedade brasileira conquistou a eleição para governador em 82, que até então eram os governadores indicados. Então, assim a pessoas políticas que eu convivia achavam que eu tinha capacidade de ser vereador concretamente, e ai pra isso sugeriram eu concordei que eu renunciasse ao DCE, e ai fiquei uma parte do mandato, não a parte grande. Agente atuava de forma coletiva então eu fui destacado para, porque as pessoas achavam que a gente tinha condições objetivas de ser eleito vereador, e dos 127 candidatos que concorreram a eleição a minha eleição foi a terceira mais votada. Quando eu fui presidente do DCE e vereador, eu morava numa comunidade eclesial de base, eu morava num espaço que era comunitário. Eram poucas pessoas engajadas nesses movimentos, as pessoas tinham medo de serem presas, torturadas.

**Queila** - Como o Movimento Estudantil resistia as pressões da reitoria, do reitor?

**Airton**- A gente fazia diversas atividades por uma motivação mais ideológica, a gente tinha muito claro que isso fazia parte das relações do capitalismo, que tinha que

destruir o capitalismo, que tinha que implantar o socialismo, na primeira etapa e na segunda etapa com o comunismo, a motivação mais era isso, era ideológica. A Ditadura Militar era um mal a sociedade brasileira, que tinha prendido que tinha matado, que tinha matado o presidente da UNE, muitos outros estudantes foram torturados e assassinados desaparecidos e tal, é naquele tempo tinha ocorrido a guerrilha do Araguaia onde diversos pessoas líderes estudantis tinham sido assassinados, então eu diria que a motivação era nesse sentido mais ideológico, nesse sentido que eu te falei, que eu to colocando, ai quando aparecia um fator com demite um Rômulo, ai era greve.

**Queila** - Aqui no estado houve um conflito mais violento como conflito físico entre os estudantes e os militares?

**Airton** - Poderia ter acontecido, mas nós somos derrotados, é uma forma de resistência né, a realização da eleição da UNE, que foi em 79. Em nível nacional a Une foi reconstruída em 79, aí nós fomos solicitados que nós deveríamos fazer a eleição da UNE aqui, é como eu to te falando agente era do PCDB, que era ligado ao comitê central a nível nacional, então eles diziam assim “intervém nessas questões das eleições da UNE pois é importante que os estudantes tenham inserção nas massas”. O Áulio Gélio soube que nós íamos fazer a eleição, quando nos chamava, nos dava chá de cadeira, um, duas horas e meia, e depois recebia agente “ho me desculpem, eu estava muito ocupado eu gosto muito de vocês”. Para dizer pra gente “olha eu to sabendo que vocês vão fazer a eleição da UNE peço que não façam”, e nós dizíamos “vamos fazer”, ele dizendo que nós não faríamos e tal, porque se nós fizéssemos ele mandava chamar o exército, e nós dizemos que nós íamos fazer e fizemos, só que foi no meio da rua, lá em frente da UFAC, centro, que dizer dentro da universidade ninguém nunca conseguiu fazer. A questão do Congresso Estudantil, nós íamos fazer um congresso dos estudantes e tal, e tivemos que fazer lá no Meta. Nos entediamos que o Áulio Gélio representava a ditadura militar, até vender o jornal varadouro como agente fazia era forma de resistência. Essa resistência de dava de várias formas, nós resistíamos de várias formas, não era tão explicita assim, até porque nós vivíamos no período da ditadura militar.

**Queila** - O movimento estudantil aqui no estado comparado a outros estados do Brasil, ele vai ter essa “efervescência” mais tardiamente né?

**Airton** - Aqui no Acre no período Médici eram muito difícil a gente fazer alguma coisa como movimento estudantil, por se o governo que mais reprimiu os estudantes. Porém nos atuávamos nas comunidades eclesiais de base na Igreja Católica aqui que foi comandada pelo Dom Giocondo e depois pelo Moacir Grech, essas forças políticas todas atuavam dentro da igreja, e isso na sociologia, nas ciências políticas. A Igreja Católica foi um guarda-chuva no período da ditadura militar, principalmente no governo Médici, atuava ali pra ser ter uma ideia eu li, o diário de Tche, eu li sobre a capa da bíblia. Era complicado. Eu concordo com você.

**Queila** – Para o senhor qual a importância das CEBs para o Movimento Estudantil no estado?

**Airton** - Eu diria que parte das pessoas que atuaram no movimento estudantil aqui, entraram no movimento estudantil no momento de amadurecimento de avanço político muito mais amplo saindo digamos assim da sombra da igreja. Mas que esse início de formação política, de formação de liderança foi muito nas comunidades eclesiais de base foi, o Valdir Nicácio presidente do DCE aqui da viração, agente morava na mesma casa, na comunidade eclesial de base na estação experimental.

**Queila** - Sobre os convidados do primeiro Congresso de estudantes em 1981, o senhor poderia falar sobre as suas participações?

**Airton**- Os convidados do congresso era mais pra fazer uma estratégia, não chegamos nem a convidar, porque nós queríamos fazer o congresso e nós queríamos trazer o presidente da Une que era o Aldo Rabelo, nós queríamos fazer o congresso e já havíamos tido problemas com a eleição da UNE que fizemos no meio da rua, aí pensamos vamos fazer um congresso dos estudantes na universidade, porque eles viam a UNE como uma representação nacional, infiltração comunista, o Áulio Gélio né, e órgãos de repressão. Só que nós dizemos não nos vamos fazer o nosso congresso de estudantes aqui! E a gente sabia que o Áulio Gélio ia criar dificuldade, aí nós fomos falar com ele e dizemos que íamos convidar o Darci Ribeiro, o Paulo Freire, que era pra ele liberar, como é que ele ia fechar as portas pro Paulo Freire e Darci Ribeiro. Darci Ribeiro foi o construtor da universidade de Brasília, da UNB, era uma estratégia política, uma coisa coerente que tinha sentido. Ele não cedeu o espaço e nós fizemos lá no colégio Meta. Ele não deixou, o Aldo Rabelo veio aí a ditadura fez lá eles apagaram a luz, fizemos um congresso na clandestinidade, um

congresso de estudantes universitários da Universidade Federal do Acre que foi feito fora da universidade porque o reitor não concordou, aí depois no livro dele, ele diz que não houve, que foi tudo certinho, que não havia movimentação, mas quando você pega várias matérias do jornal Varadouro você ver que tinha uma contestação a ele, a ditadura militar e a forma dele conduzir a universidade.

**Queila** – O senhor diz que os integrantes do ME chegaram a UFAC com um amadurecimento, esse amadurecimento é oriundo das CEBs?

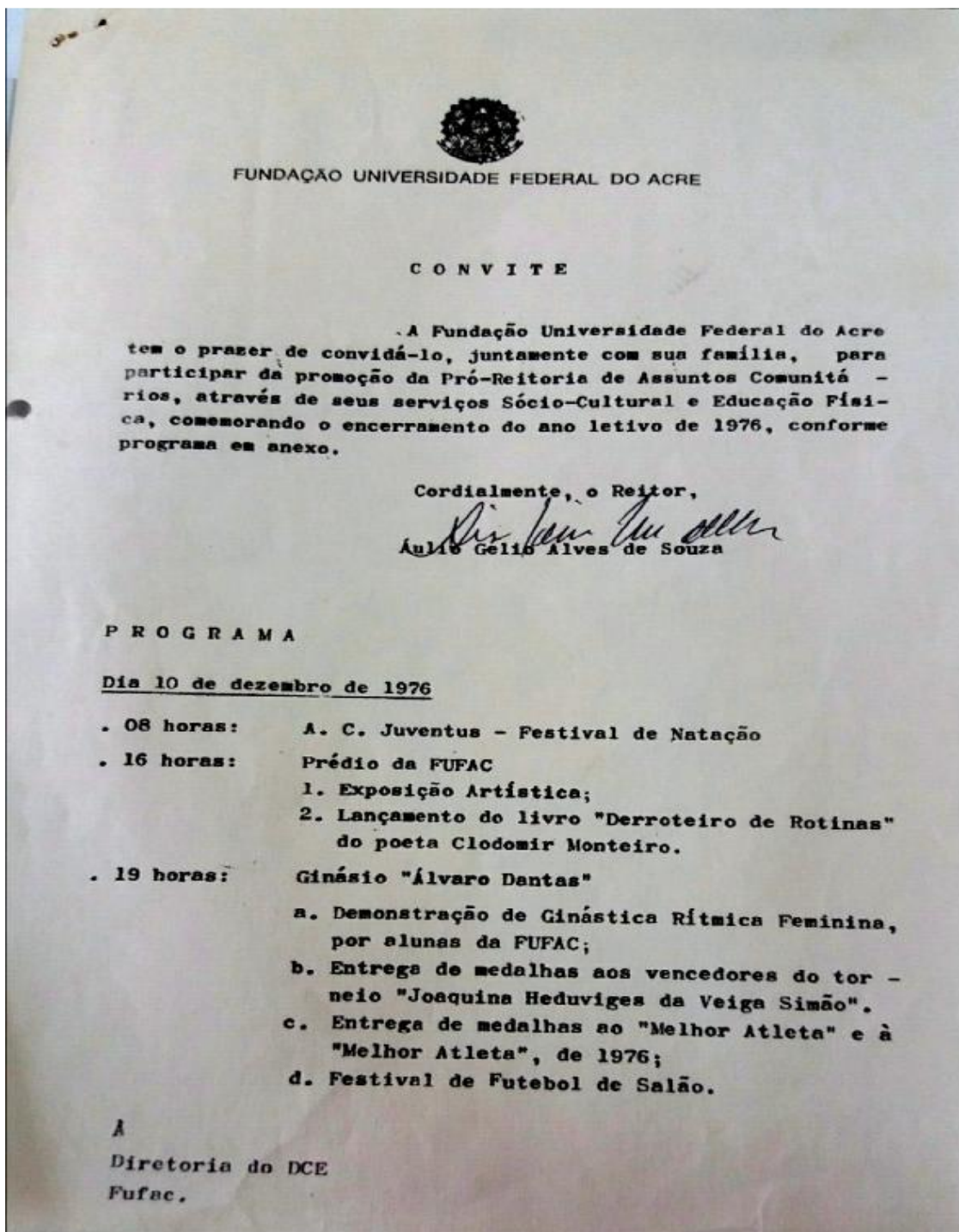
**Airton** - Vejamos, O Valdir Nicácio é filho de seringueiros de Xapuri, ele andava dentro da universidade com sapato de seringueira feito de borracha aquele bem rústico que fede pra caramba inclusive a gente tem que lavar muito os pés após o uso se suar muito, porque o seringueiro usava assim né, os seringueiros nunca usaram com meias, e o Valdir andava dentro da universidade autenticamente como seringueiro. Ele foi condenador da comunidade eclesial de base da estação experimental. Nós morávamos na mesma casa e defendíamos a Amazônia, o seringal para os seringueiros, para os indígenas, para os posseiros, sem interferência externa. De repente nós estávamos na Comunidades Eclesiais de Base, mas também estávamos na Pastoral da Juventude. Agente estava na meia passagem de ônibus, e aí quando chegamos na universidade, já tínhamos uma maturidade política e social. Nós fazíamos para você ter uma ideia, nós fazíamos parte de um grupo de teatro chamado Gruta, que nos fundamos esse grupo em 77. Era um Grupo de teatro amador, a gente atuava em partidos clandestinos, rezava na igreja, então não tinha como não trazer para a universidade toda essa vivência, agente já vinha com toda essa bagagem e essa interação de atuações. As peças eram voltadas as questões mais de protesto de crítica, no caso do Gruta nós fizemos várias peças uma delas foi a chamada “filhos da mata”, nos apresentamos essa peça em Xapuri, apresentamos em Porto Velho, aqui em Rio Branco em vários bairros, depois houve a peça “Suarento” eu já havia saído do Gruta. A realização das peças era questão política, era mais questionando a realidade, nos fazíamos mais a questão política a questão ideológica do que a questão estética, do que a arte, a arte da gente era a arte do engajamento, era a arte do Augusto Boal, e do teatro do oprimido.

**Queila** - Pós anos 80, o senhor percebeu uma mudança do movimento estudantil no estado?

**Airton** - Com a redemocratização o movimento estudantil foi muito partidarizado, no tempo da ditadura militar nós não tínhamos porque ficar brigando, tínhamos um inimigo comum éramos perseguidos pela ditadura. Quando a ditadura cai a partir de 78 eu vi muito a partidarização e principalmente o sectarismo extremamente forte, a ponto das pessoas não se falarem, quem era contra era contra, não se olhavam, eu acho que isso perdeu muito. O movimento foi dividido partidarizou-se e se perdeu muito aquilo das lutas por exemplo. Uma das lutas nossa era o reconhecimento da UNE a UNE foi reconhecida, nós queríamos eleição pra reitor teve em 1983, fim da ditadura, diretas já, queríamos anistia para os que estavam fora do Brasil, teve a anistia, queríamos eleição pra governador teve eleição pra governador e prefeito teve eleição em 1982, a partidarização atrapalhou um pouco e muitas bandeiras foram esvaziadas, nós queríamos uma nova constituinte, tive uma constituinte em 88. Eu diria que a efervescência do ME se deu no estado de 1977 até 1985, dentro do período da ainda ditadura militar.

## ANEXOS

Anexo 01



Arquivo do DCE, 1976, nº 73, caixa 07.




## Anexo 02



Fonte: Jornal Varadouro Ano II, nº 05, Rio Branco Acre, novembro de 1977, p. 3.

## ANEXO 03

**PARA**  
**PRESERVAR**  **SOBREVIVER**  
**DCE-UNE**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE**  
**DIRETÓRIO CENTRAL DOS ESTUDANTES**  
**I CONGRESSO DOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DO ACRE**

**PROGRAMA**

**DIA 09 DE OUTUBRO**

9:00

- ABERTURA OFICIAL  
• Com pronunciamentos do presidente do DCE José Tristão, magnífico reitor Aulio Gélis Alves de Souza, presidente da UNE e governador do Estado.

10:00

- HOMENAGENS

10:10

- Conferência: **DEMOCRATIZAÇÃO DA UNIVERSIDADE**  
• Pelo acadêmico de Direito da Universidade de Alagoas e presidente da UNE, Aldo Rebelo.

11:00

- DEBATE

12:00

- DELIBERAÇÕES

12:30

- PAUSA

14:00

- ESTUDO EM GRUPO DO ESTATUTO DO DCE

16:30

- APRESENTAÇÃO EM PLENÁRIA

17:30

- DISCUSSÃO

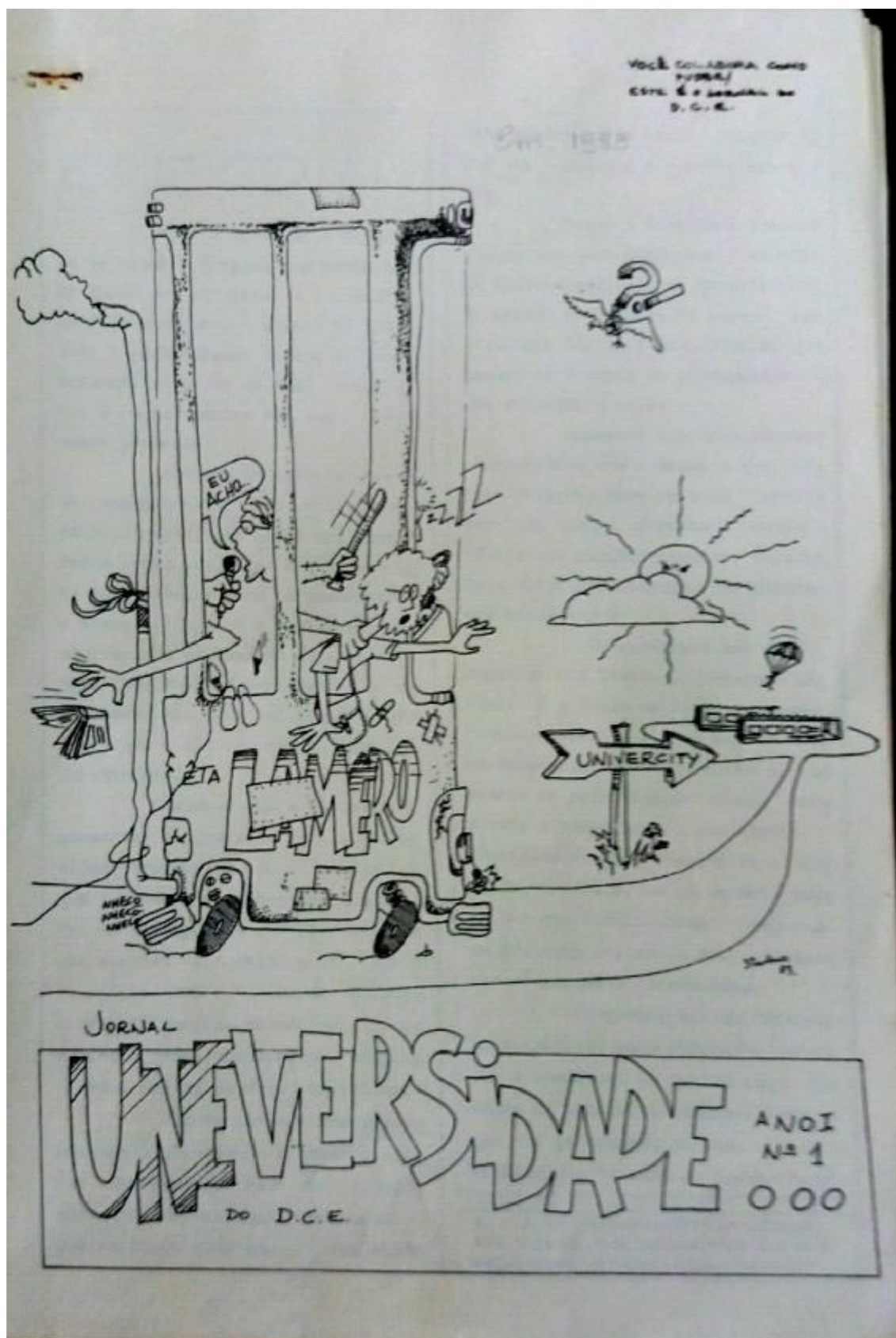
18:00

- DELIBERAÇÕES

18:30

- PAUSA

## ANEXO 04



tes, seja programando shows e filmes ou seja elaborando um simples mural.

Percebemos agora o que vem a ser um C.A., e por aí podemos entender essa nova situação, que se traduz na formação dos C.A.s e nos primeiros sintomas de uma nascente, espero, consciência Universitária.



### RESTAURANTE

No dia 18 de abril o Diretório Central dos Estudantes (DCE), manteve seu primeiro contato com o novo reitor. Nesse encontro fizemos um levantamento das necessidades mais urgentes que o DCE reivindicava a começar pelos banheiros até as salas de aulas.

A reivindicação a que mais se deu ênfase foi a suplementação de verbas para o R.U. (Restaurante Universitário) que deve ser buscada imediatamente.

Do dia 28 de março até 19 de maio, foram servidas 13.159 refeições. Dos 12 milhões destinados ao R.U., já gastou-se 8 milhões, o dinheiro que entrou foi Cr\$ 1.613 mil cruzeiros e está na poupança. O que temos dos 12 milhões é somente 4 milhões.

Esta situação exige uma

resposta imediata não só dos estudantes como de toda a comunidade universitária: professores e funcionários. A luta por suplementação de verbas, exige, como ponto de partida, que se faça um levantamento de dados por cursos, e daí, desencadearmos um processo de mobilização que venha garantir a verba indispensável ao funcionamento do R.U. ao preço atual. Esta luta não é somente para 83, devemos avançar na reformulação do orçamento para 84, e nos anteciparmos nessa luta. Não podemos e nem devemos pagar caro pela comida e educação.

Educação um direito de todos e dever do Estado.



### A ESCOLHA DOS CHEFES DE DEPARTAMENTO

No seu sentido mais amplo a Universidade é uma instituição científica que procura estudar a realidade e oferecer propostas que na prática venha trazer soluções para os problemas candentes à comunidade em que está inserida. Portanto, notório é sua responsabilidade em manter-se bem definida e a par de todo o processo objetivo de mudanças, devendo ajustar-se a cada situação para poder acompanhar toda transformação.

política unilateral na tentativa de varrer das Universidades o fantasma do "pensamento progressista" identificado, principalmente, nos grandes centros com a conjuntura sócio-político-econômica vivida no fim da década de 60 para o começo da década de 70.

Hoje a conjuntura política nacional tem uma nova faceta, o sistema, não conseguindo mais controlar suas contradições, inverte mascaradamente em um momento pseudo-democrático através da "abertura", a qual todos sabemos é falsa, e isto a prática nos tem mostrado.

Na nossa Universidade, essa disciplina - que tem como chefe o Dr. Edilberto Parigot há 10 anos - tem sua prática através de conferências ministradas aos sábados pela manhã, à todos os alunos dos diversos cursos existentes aqui.

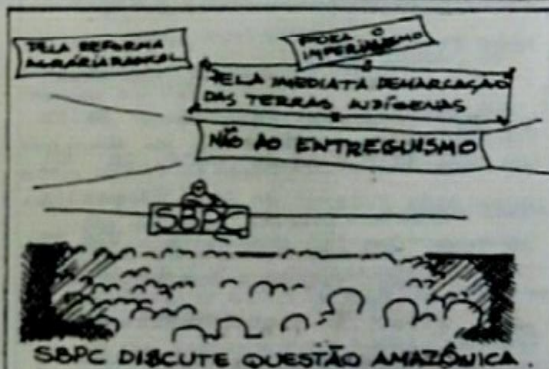
Neste semestre a "elite universitária" teve oportunidade de ouvir sobre temas "palpitantes": educação, meio-ambiente, contracepção, previdência, fontes alternativas de energia e guerra. Até aí, tudo parece muito bom. Entretanto, essas conferências seguem uma linha totalmente alienadora, castrando os estudantes de um real conhecimento científico.

Muito embora, na teoria, o debate seja aberto, os alunos -

nibidos pela formalidade - se limitam a não colocarem em dúvida a "verdade" dita pelos conferencistas.

Questionamos aqui a participação dos estudantes nesse tipo de conferências. O que se pode esperar a nível de participação nos debates de estudantes que são totalmente aliados do processo de escolha de temas e palestrista?

Acreditamos que devemos nos posicionar diante dessa Coordenação de EPB, no sentido de reivindicar para os alunos, o direito de opinar sobre a ocupação do horário dos sábados, que ocasionalmente vem sendo ocupado por conferencistas da Escola Superior de Guerra.



A Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SEPC), fundada em 08 de junho de 1948, é hoje a maior associação científica do Brasil, com mais de 20.000 associados. É uma Entidade que congrega cientistas e não cientistas, pessoas preocupadas com a ciência e seu progresso.

Entre os objetivos mais gerais da SEPC destacam-se o de de

fender os interesses do cientista, tendo em vista o reconhecimento de sua operosidade, do respeito a sua pessoa, de sua liberdade de pesquisa, de opinião, do direito aos meios necessários à utilização de seus trabalhos e o de lutar pela efetiva participação da SBPC, tomando posições em questões de política científica e programa de desenvolvimento científico e tecnológico que atendam aos reais interesses do País.

Além de editar as revistas "CIÊNCIA E CULTURA" e "CIÊNCIA HOJE", a SBPC tem reuniões anuais onde são discutidos trabalhos sobre temas variados, onde procura-se estudar problemas nacionais e regionais relevantes.

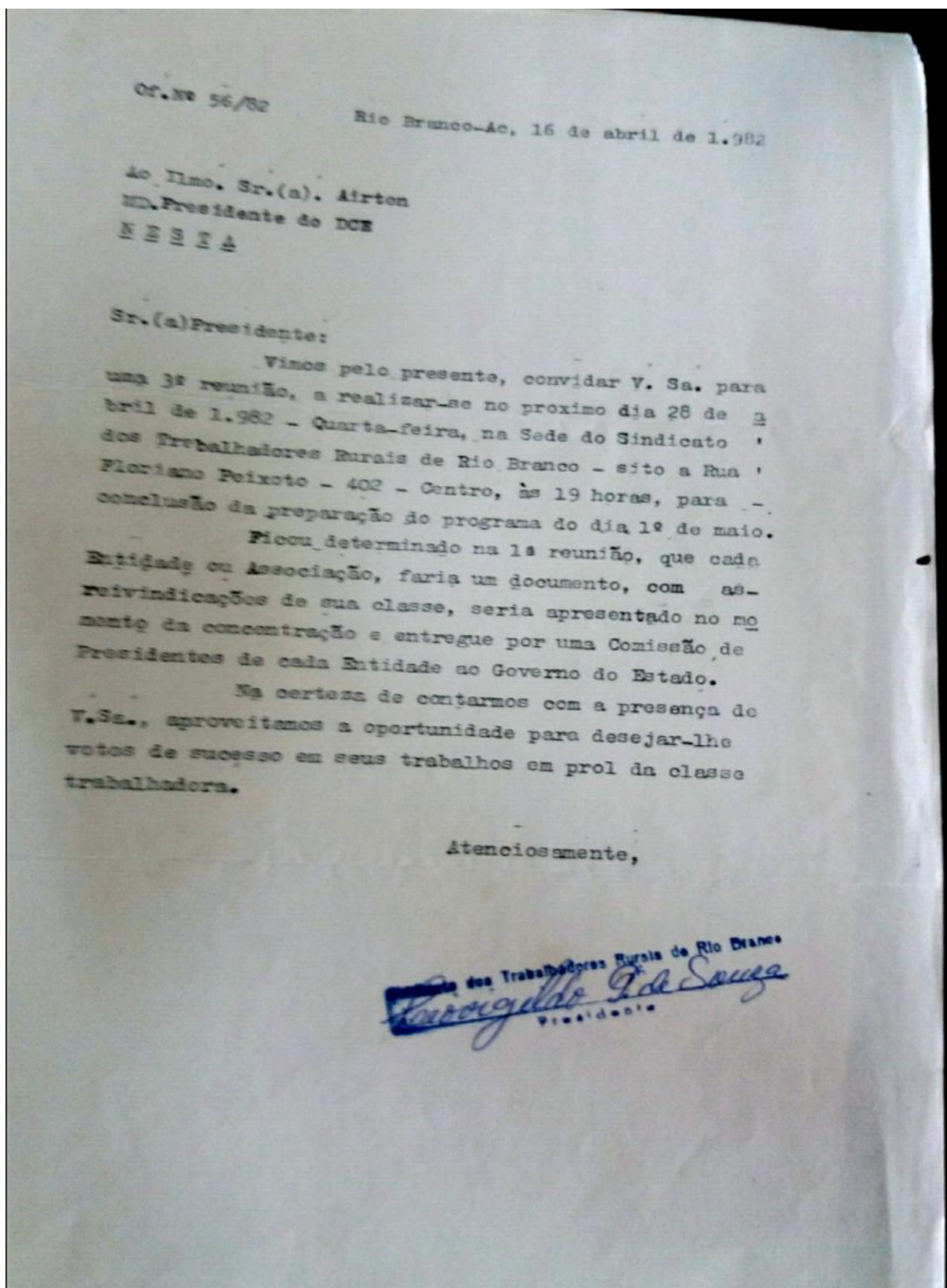
Este ano, a reunião anual da SBPC será realizada em Belém do Pará de 6 a 13 de julho, na Universidade Federal do Pará. A partir do tema "Questão Amazônica", que pela sua complexidade é bastante polêmico, a reunião transcorrerá. Neste evento, pela primeira vez, serão apresentados vários trabalhos de estudiosos acreanos, que segundo a Professora Maria Celeste Nogueira, "é uma coisa histórica, significa um aval da Comunidade Científica para a pesquisa no Acre, especialmente na UFAC, uma oportunidade que se tem de divulgar os trabalhos realizados no nosso Estado, em 12 anos

de Universidade; é a primeira oportunidade que se tem de divulgar nos trabalhos".

Os trabalhos a serem apresentados pelos cientistas da UFAC, será sobre o tema "Ocupação da terra no Acre". Aí, serão discernidos os tópicos: recursos naturais, imperialismo, migrações e ocupação da terra no período de 1877/1942, extrativismo e propriedade da terra - Caso do Acre e a questão indígena.

Em março de 1982 foi formada uma comissão Pro-instalação de uma Secretaria Regional da SBPC em Rio Branco, formada pelos professores Mauro Aldrigues e Maria Celeste, ambos da UFAC. Segundo a professora, desde o início tem sido bastante difícil, porque são poucas as pessoas que sabem da SBPC, sua importância e necessidade. Porém afirma que até o final do ano a regional Rio Branco já deverá estar instalada, "inclusive o Presidente da SBPC, Dr. Pavani, já se prontificou a vir ao Acre instalar a nossa regional". Sobre como associar-se a SBPC a Professora Celeste fala que para melhores esclarecimentos sobre a questão, as pessoas devem procurá-la ou a professora Euvira Maria Vieira (Dptº de Ciências da Natureza) na sala do Parque Zoológico, no Campus Universitário.

## ANEXO 05



Anexo 06

**Comite Chico Mendes**  
 Na Luta Contra a Impunidade  
 Rio Branco/AC, 19/09/95

Of. CCM 0068/95

Companheiros do DCE

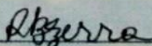
Há alguns dias, o bispo da Diocese de Rio Branco, Dom Moacir Grechi, denunciou que pistoleiros estavam na cidade de Sena Madureira com o intuito de matar Padre Paolino Baldassari, em represália às denúncias que este vem fazendo quanto a retirada ilegal de madeiras nobres das margens do rio Iaco.

Preocupado com essa situação o Comitê Chico Mendes, em parceria com a Diocese de Rio Branco e a Paróquia de Sena Madureira, está convocando as ONG's, Sindicatos, líderes das Comunidades Eclesiais de Base, personalidades e autoridades nacionais e estaduais, para um **ato de solidariedade pela vida de Padre Paolino e em defesa da floresta**, que acontecerá dia 24 de setembro, domingo próximo, em Sena Madureira, às 16 horas.

Vimos por meio deste convidá-lo a prestar sua solidariedade participando conosco deste ato em defesa da vida. Para tanto, estamos reservando um lugar em um dos ônibus que partirá domingo, às 09 horas da manhã, do estacionamento da Catedral.

Aguardamos sua confirmação até 12 horas de sexta-feira próxima, dia 22/09/95, pelo telefone 224-1225, com Evaldo.

Contamos com Vossa participação.

  
 Raimunda Bezerra da Silva Klein  
 Secretária do Comitê Chico Mendes

**SECRETARIA:** Centro de Defesa dos Direitos Humanos e Educação Popular do  
 - CDDHEP-Ac Trav. Cabanela, nº 40 - Bairro 6 de agosto fo  
 (068) 224-5772 CEP 69.901-090 Rio Branco Acre - Brasil.

Arquivo do DCE, 1995, nº 383, caixa 10.



Anexo 07

## Fazendeiros ameaçam de morte Raimundo Trovoada

Após a morte numa emboscada do detestado fazendeiro José Augusto Vieira, no dia primeiro de fevereiro, em Tarauacá no Acre, a fúria dos latifundiários contra os lavradores cresceu. Primeiro a PM, a mando dos fazendeiros, prendeu cinco lavradores sem apresentar a menor prova de crime. Agora, acobertados pela polícia, os fazendeiros ameaçam de morte o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tarauacá, Raimundo Soares Lino, o conhecido **Raimundo Trovoada**. Dizem que é para vingar a morte do fazendeiro, embora nada incrimine o Trovoada.

No fundo o que querem os latifundiários da região, e principalmente a oligarquia dos Prados, é eliminar uma das lideranças sindicais e políticas da área. **Trovoada** é um conhecido lutador pela terra e pelos direitos do povo, e para defender estas idéias, é um dos candidatos populares à Assembleia Legislativa do Acre. Daí o ódio dos fazendeiros.

O fazendeiro morto, José Augusto, era um típico latifundiário



*Trovoada, o líder rural ameaçado de morte*

rio acreano. Vivia armado e gostava de humilhar os lavradores. No dia 23 de dezembro passado, baleou o trabalhador Antonio Rodrigues, ferindo-o gravemente. Chegou mesmo a alvejar os quatro dedos da mão de seu próprio filho, devido a uma briga em família

(da sucursal).

TRIBUNA OPERÁRIA - 20/2/82 a 5/3/82



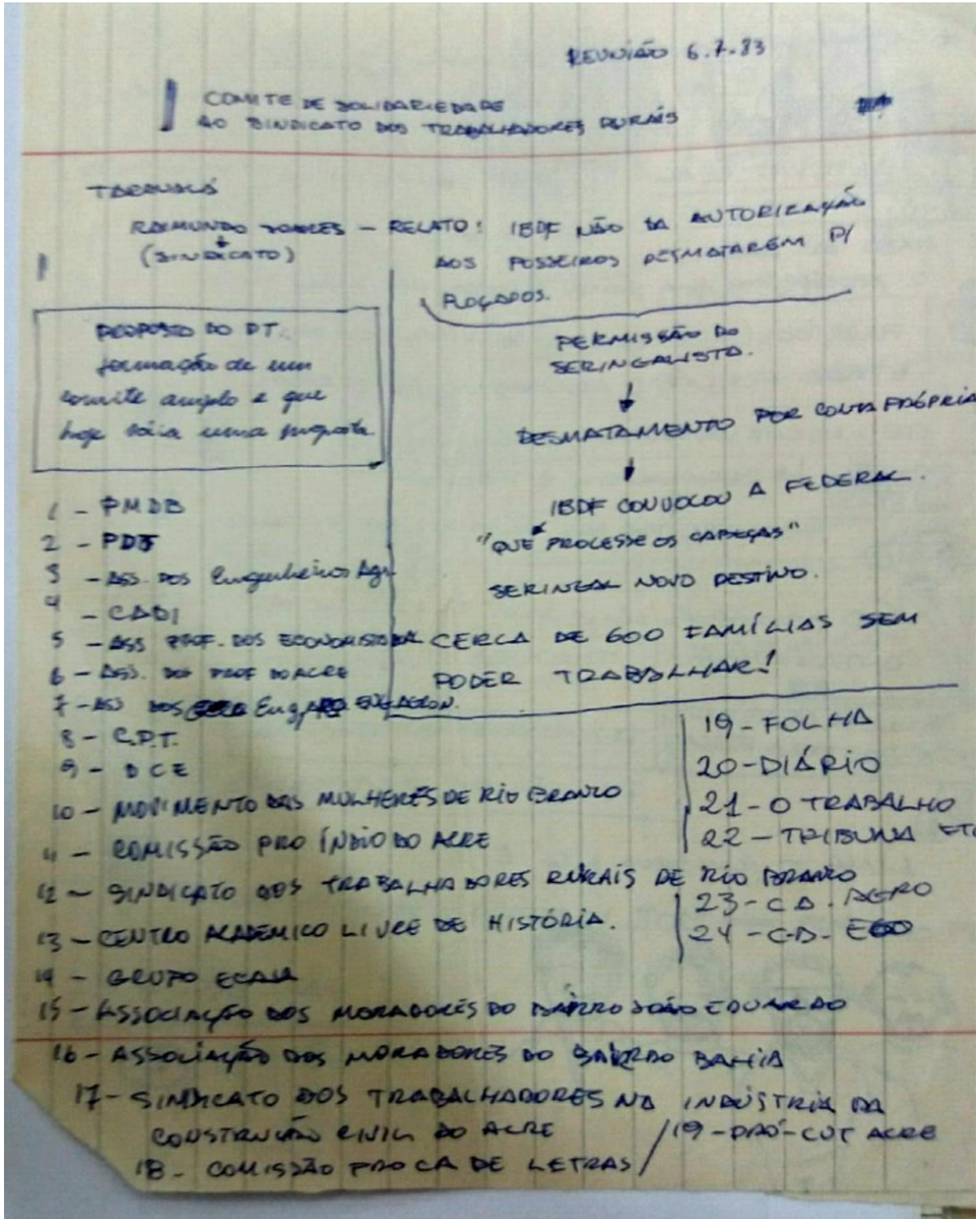
## ESSA VOZ NÃO SILENCIARÁ

RAIMUNDO SOARES é um dos principais dirigentes sindicais do Acre. Destacou-se na Presidência do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tarauacá como árduo defensor da posse da terra, da reforma agrária radical, por estradas para o escoamento da produção, do cooperativismo e por créditos acessíveis aos pequenos e médios produtores.

Os grandes latifundiários, o Governo e seu Partido, o PDS, tremeram de medo quando RAIMUNDO decidiu abandonar o PT e ingressou no PMDB com o objetivo de não dividir a Oposição e derrotar o PDS e o Governo ditatorial que há 18 anos impera no País contra a vontade do povo.

RAIMUNDO é o atual Presidente do Movimento Trabalhista do PMDB e já foi lançado pelos companheiros candidato a Deputado Estadual e será o porta-voz dos trabalhadores rurais na Assembléia Legislativa do Acre onde, com sua bravura, continuará a luta ao lado dos oprimidos, por sindicatos fortes e livres e pelo direito à terra para todos.

Anexo 08



Arquivo do DCE, 1983, nº 419, Caixa 10, p. 01.

\* CÓDIGO FLORENTAL se pode denotar  
 muitos dos atos em por que não  
 possuem?

ALTEIR LEAL (IBDF → INSTRUMENTO DAS DATAS)

POSSE DA TERRA.  
 O posseio tem que pedir licença ao proprietário.

POSSEIORES (ATÉ 40 ANOS) \* INVASORES (segundo o IBDF)  
 → PODE FORÇAR O ABANDONO DA TERRA

GUILHERME WANDERLEY CALVÃO  
 → BERINCELISTA E FAZENDEIRO.  
 INTERESSE DOS GRANDES PROPRIETÁRIOS

O período de cinco anos tem direito ao USUCAPIÃO

CONTAS - NÃO TORTURA DESAPROPRIACÃO DA ÁREA  
 PROBLEMA DA TERRA RESOLVIDO PELA PAZ DÊMISSÃO DO SURDELEGO DO  
 PUNICÃO DOS TORTURADORES

LIMA - amparo pelo E.T.

15 GRUPOS = 90% DO ESTADO - SEGUNDO MOURÃO

PAZ SOCIAL(?)

não temo apelar o  
 que não estão em lei  
 (BRUNO)

→ comissão autônoma judicial

"de lá nós voltamos"

→ ÁREA OCUPADA  
 → Nº DE PESSOAS ATINGIDAS  
 → REPUTAR O DELEGADO

PROPOSTAS

NO DOCUMENTO

Arquivo do DCE, 1983, nº 419, Caixa 10, p. 02.

Anexo 09

REUNIAO COMISSAO 08 08 85

Paula:

① Impostos

- Coluaba - taxa de registro e/ou taxa de escritura  
 Querem apropriação da área (para eu q. a. 2000 - impropria a área)  
 elevar de 0,001 no total ao se tipo. *exp. a. a. a. a. a.*
- Saúde - luta pela permanência do couro e a equipe.
- Ônibus - 800,00 até a década em 1970 8 mil
- Taxa - taxa sobre a taxa de outor e extinção (curso)
- RU - os 100 quilos para jurídica e/ou peças antigas de alguns livros raros e tirar um novo preço.

② Seminário

elaboração de um documento <sup>de posicionamento</sup> em uma das partes  
 aprovados a ~~assinatura~~ a assinatura de todas as pessoas que aprovarem  
 essas propostas.

→ Foi marcado um seminário a nível nacional em Recife, em feve-  
 reiro (uma semana antes do carnaval).

③ PT

ONEU - terça - feira 6:00h UFAC

REUNIAO - SABADO - 7:00h ~~de 6:00h~~ P/se discutir + complementos  
 questão do PT.

## Anexo 10

